



②
118





720

A. V. W. S.



1600/1514.

V I D A
D O I N F A N T E
D. L U I Z.

D. o Bispo de Mauritius. -





INFANTE DOM LUIS

*Victorem videat, Princeps, aequare peritum,
Et tua, in fallor, vixit imago duplex.
Sic haec effringit vultus pictura decoros,
L'gregius Morus exprimit historia.
Depingunt umbrae Melius, Meliora libellus;
Haec est effigies Princeps, illa hominis.*



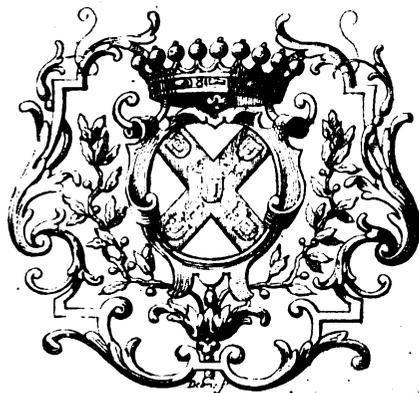
VIDA
DO INFANTE
D. LUIZ,

ESCRITA

POR

D. JOZÉ MIGUEL
JOÃO DE PORTUGAL

Conde do Vimioso do Conselho de Sua Magestade, Academico da Academia Real.

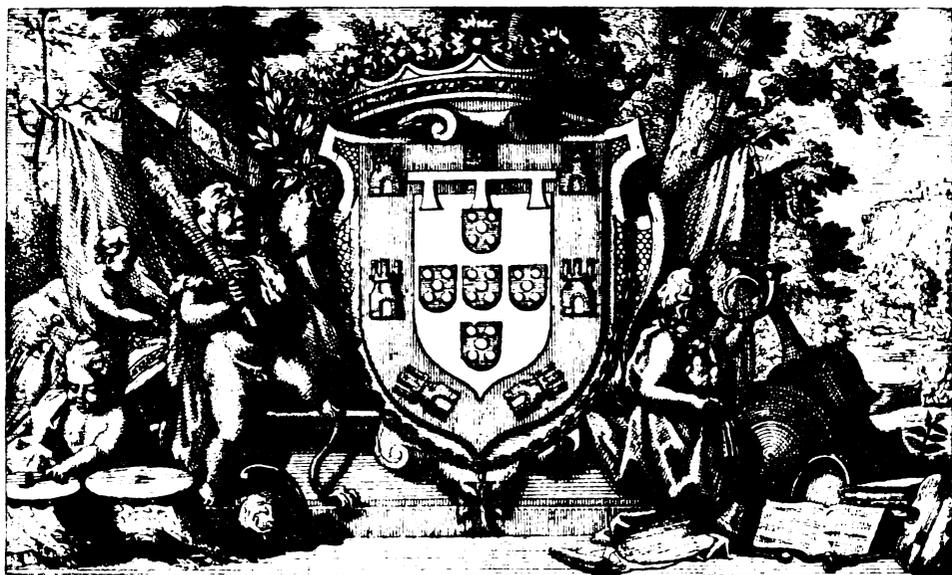


LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina de ANTONIO ISIDORO DA FONSECA,

Anno M. DCC. XXXV.

Com todas as licenças necessarias.





G. F. L. Debra inv. et sculp. 1774.

AO SERENISSIMO SENHOR
INFANTE D. ANTONIO.

SENHOR.



DOUS forã os mo-
tivos, que me obrigarã a
de-

dedicar a V. A. este panegy-
rico, a imperfeição da obra, e
a grandeza do assumpto: a
imperfeição da obra, por ne-
cessitar do mayor patrocínio;
a grandeza do assumpto, por
merecer a mayor attenção.
A quem hade pois patrocinar
V. A. mais piedosamente, do
que a mim, que busco o seu
amparo, não com o fim da vai-
dade, mas pelo interesse da
fama? E quem hade atten-
der mais respeitosa-mente às
virtudes

*virtudes do Infante D. Luiz,
que V. A. que lendo as com o
conhecimento, de que as exce-
de, as hade honrar sempre com
a memoria, de que as imitou?
Esta imitação verà V. A. em
todas as acçoens do Infante
D. Luiz; e este excesso ve-
mos nòs em todas as de V. A.
as quaes não relato na Dedi-
catoria, porque as escrevo
no livro; e porque V. A. nella
hade desestimar como pro-
prio, o que nelle hade vene-
rar*

*rar como albeyo. Guarde
Deos a Serenissima Pessoa de
Vossa Alteza.*

Conde do Vimioso.

LEITOR.

N Em amigo , nem benevolo te hei de chamar ; porque pela amizade posso sobornarte a inclinação , e pela benevolencia não te supponho justo. Se fores amigo , has de encobrirme os defeitos ; se fores benevolo , has de perdoarmos : de huma , e outra cousa necessito, mas nenhuma quero : porque de que serve a dissimulação , a quem procura a emenda ; e que aproveita o perdaõ , a quem se envergonha do erro ? Se me condemnares os poucos annos , em que me fiz Autor, o que desmereço pela vaidade , mereço pela applicação. Se me reprehendes a escolha do assumpto , por ser de acçoens heroycas , e superiores ao meu talento , bem desculpada fica a temeridade de as escrever no desejo de as

b

di-

divulgar. Se finalmente me acufares a
pequena estatura do livro , pagaf-me
mal o obsequio, que te faço , querendo
que o fastio , que tiveres da indiscriçaõ,
e percas com o gosto da brevidade. E
para que ella seja a mesma neste pro-
logo , acabo com dizerte , que o per-
daõ , que ao principio te naõ pedi dos
meus defacertos , te peço agora das
minhas satisfacoens. Deos te guarde,
&c.

LICEN

LICENÇA

DA ACADEMIA REAL.

CENSURA DO EXCELLENTISSIMO SENHOR
*Conde da Ericeira, do Conselho de Sua Magestade,
Deputado da Junta dos Tres Estados, Mestre de
Campo General, Conselheiro de Guerra, e Censor da
Academia Real.*

EXCELLENTISSIMOS SENHORES.

Muito desejei, que a rectidão de Censor me deixasse livre de injustiça a paixão, com que queria votar, que se negasse ao Excellentissimo Conde do Vimioso a permissão, que pretende de intitular-se Academico no pequeno, e grande livro, que escreveo da *Vida do Infante D. Luiz*; porque ainda que dignissimo o Autor, e o livro deste glorioso epitheto, com hum ciume bem nascido, quizera eu, que não usurpasse a toda a Academia a felice adopção desta historia, producção admiravel de tão excellente Alumno, e na Vida de hum Infante, assumpto proprio de huma das partes do seu Systema. Ainda que fosse Platao o instituidor da Filosofia dos Academicos, e Cicero, e Virgilio huns dos seus illustres Sectarios, como era obrigação daquella Escola altercar duvidas, e mover questoes, não pôde merecer o nome de Academico, quem escreve huma historia tão verdadeira; nem merece esta licença, quem com excessiva modesta poem em duvida, se merece este nome; e como os Filozofos Academicos reconheciam só quatro paixoes, como Virgilio em menos de hum verso resumio:

Hinc metunt, cupiuntque, dolent, gaudentque.

b ii

Nenhuma

Nenhuma destas deve sentir, como izento de todas, este novo Acadêmico; pois está livre do temor da censura, do desejo de mayor gloria, do pezar da inveja, e do gosto do applauso; não podendo recear, que a critica lhe descubra a menor impropriedade; não devendo aspirar a mais illustre nome, que ao que tem já merecido pelas suas virtudes, e escriptos; não tendo que sentir nos perigos de invejado, e estando insensível ao gosto, que dá a vaidade pelo preservativo, que lhe applica a virtude.

Mas como posso eu negar, como Historiador, o titulo de Acadêmico, que só agora disputo ao nosso, como Filosofo? Dignissimo he em ambos os sentidos de denominar-se Acadêmico, quem escreve com tanto acerto. Não se lerá historia, que sendo tão breve, instrua tão perfeitamente. As memoraveis circumstancias, que nos restitue da vida de hum Heróe, que pelas acçoens militares se fez digno deste nome, e pelas virtudes morais não desmereceo aquelle attributo, se lem neste Compendio, não cõ o defeito da brevidade, com que escreveo Cornelio Nepos as vidas dos Varões insignes, por mais concisa que fosse a sua elegancia; nem com a difusaõ, com que Plinio compoz o seu Panegyrico a Trajano, por mais que se reconheça, que pelle não he desagradavel a mesma affluencia.

Vem-se neste Epithome os successos com clareza no estylo Laconico, as reflexoens sem confusaõ no ornato Oratorio; huma historia, que he Panegyrico, hum Panegyrico, que he historia; depois dos fructos, que se colhem dos exemplos, as flores, que se tiraõ das reflexoens; em fim huma nova, e agradavel forma de unir no theatro as figuras bem vestidas da Eloquencia com as verdadeiras da mesma historia. Na vida de Pomponio Attico se dilatou mais o elegante Cornelio Nepos, que ja alleguei, e nem assim disse tanto; e Plutarco, o melhor modelo destes assumptos, não deu melhor a conhecer no seu estylo Asiatico os varoens illustres. Mas para que imito eu agora os seus parallelos, se tenho dito, que não admite esta obra comparaçaõ? E se algum dia a tiver, será só com as que o Excellentissimo Conde do Vimioso nos participar do seu Instituto Academico, de que temos visto nas noticias, que tantas vezes nos communicou dos seus estudos, que tem a sciencia igualmente hereditaria,
e ado-

e adoptiva ; e que não sey , se até se fez independente destes influxos do Sangue com o admiravel progresso , que adquirio em tão poucos annos na lingua Latina , e nas vulgares, no metro , e na prosa , e na alliança poucas vezes conseguida, das virtudes , das sciencias , das artes , das graças , e das Muzas. Lisboa Occidental 14. de Novembro de 1734.

Conde da Ericeira:

CEN,

CENSURA DO EXCELLENTISSIMO SENHOR
Conde do Assumar do Conselho de Sua Magestade , e General da Cavalleria do Alentejo ,
Censor da Academia Real.

EXCELLENTISSIMOS SENHORES.

A Quellas obras, que tem tanta connexão com o Instituto da Academia, parece que não deviaõ fugitar-se ao vigor daquella Ley; que o Conde do Vimioso, Autor do Panegyrico do Infante D. Luiz, observa tão exactamente, pedindo a Vossas Excellências licença para usar do nome de Academico. Porque esta obra, ou por si só pôde fazer huma gloriosa porção da nossa historia, ou huma parte muy principal da de ElRey D. Joaõ o III. tempo, em que floreceo o Infante. No excellentre retrato, que o Autor nos faz assim das virtudes militares, como de outras mais heroicas daquelle Principe, nos dá huma copia fiel de todas aquellas, com que se adorna o grande espirito do mesmo Autor; e servirá este esboço, para que o publico admire, como tem admirado a Academia da elevação, e da força do seu genio, mostrando a todos, que a ninguem he tão facil descrever polidamente qualquer materia, como àquelle, que tem mais facilidade em praticalla. Para que a idéa se fortifique, e se habitue na valentia do desenho, he preciso que os que aspiraõ ao primeiro lugar na Pintura, se formem primeiro pelos originaes dos Rafaelis, dos Corregios, dos Rubens, e dos Tiffianos; e para saber dar as cores mais vivas às virtudes, ainda são mais necessarios os modellos da grandeza, e da Heroicidade. Esta fortuna teve o nosso Collega, que sem sair fóra de casa, teve dentro della a melhor escola, e o melhor Mestre, de quem continuamente recebe as mais purificadas doutrinas; e olhando para as que lhe deixaraõ seus antepassados, parece que não tinha, a quem exceder na mesma imitação, se não unisse em hum só ponto tudo, quanto nos outros esteve dividido. Como sejaõ estes os exemplos, que lhe serviraõ de espelho, e em que se tinha habituado a sua inclinação, por isso nos quiz pôr diante dos olhos hum Principe igualmente

mente famoso pelas façanhas , que pelas virtudes ; e para se fortificar mais nas proprias , occupase em copiar as alheas. São estes exemplares muy necessarios , e de igual utilidade para ambas as Republicas a Civil, e a Literaria ; a huma, para que se veja , que a grandeza dos Principes só póde ser mayor , quando consegue igualarse com a grandeza das virtudes ; e a outra, para que se reconheça, que o que só póde augmentar o esplendor das mesmas virtudes , he adornallas, e descrevellas com tanta elegancia. Por ambos estes motivos sou de parecer, que Vossas Excellencias desde agora para sempre dem liberdade ao Autor, para que em todas as suas obras use do nome de Academico , que eu seguro a Vossas Excellencias , que todas tenhaõ o caracter de inimitaveis. Lisboa 2. de Dezembro de 1734.

Conde do Assumar.

O Director, e Censores da Academia Real da Historia Portugueza daõ licença ao Conde do Vimioso para usar do titulo de Academico neste livro , vista a approvaçãõ dos Academicos , a que se commetteo o seu exame. Lisboa Occidental 9. de Dezembro de 1734.

*Marquez de Vallença.
Conde da Ericeira,*

*Conde de Assumar.
Marquez de Alegrete.*

LICENÇA

L I C E N C A

DO SANTO OFFICIO.

CENSURA DO REVERENDISSIMO P. M. LUIZ ALVARES
da Companhia de Jesus, Confessor do Serenissimo Senhor In-
fante D. Antonio, Qualificador do Santo Officio, e Exa-
minador das tres Ordens Militares.

EMINENTISSIMO SENHOR.

P Or ordem de V. Eminencia li com cuidado , e reflexaõ o livro, que remetto, e contém a *Vida do Infante D. Luiz*, escrita por D. Jozé Miguel Joaõ de Portugal Conde do Vimioso , Academico Real : livro pequeno no corpo , mas avultado na substancia , limitado objecto para a vista dos olhos , mas sem limite para o discurso do entendimento : livro de pouco numero de folhas,mas cheo de maximas , e de conceitos innumeraveis. Dizer muito em pouco he louvor, que merecem os de estylo Laconico ; mas dizer tudo no pouco he singularidade , que só se admira em hum Autor taõ grande , como o Conde do Vimioso: *Magni artificis est*, escreveu Seneca, *totum clausisse in exiguo*. A Iliada de Homero toda escrita em pergaminho , recolheo a antiguidade na breve circumferencia de huma noz. E sem embargo , de que Plinio refere esta historia , reconheceo , que era necessario abonala com a autoridade de Cicero : *In nuce inclusam Iliada Homeri carmen membrana scriptum tradidit Cicero*. Plin. Hist. natur. lib. 7. cap. 21. Mas enfim naõ excedeo a obra a subtilidade da arte. O certo he , que comprehendeo o Conde do Vimioso em pouco papel todos os successos da Vida do Infante, que naõ cabem no mundo. E naõ havemos de confessar, que foy esta obra hum milagre do engenho do Autor , com a circumstancia de que sendo taõ succinto , naõ deixou cousa alguma da vastissima materia , que emprendeo? Parecia curto lenço para a estatura do Herõc , que retrata , mas ainda
assim

affim não ficou escondido attributo, nem qualidade alguma do Gigante que representa, mas também não ha cousa superflua, que notar. Que estas foram as prerogativas, que empregaraõ a Demosthenes o justo titulo de Principe dos Oradores: *Quorum longe Princeps Demosthenes*, disse delle Quintiliano, *ac pene lex orandi fuit, tanta vis in eo, tam densa omnia, ita quibusdam nervis intenta sunt, tam nihil ociosum, is dicendi modus, ut nec quod desit in eo, nec quod redundet inveniat.* Quintil. Inst. Orat. lib. 10. cap. 1. Necessitava o mundo de huma Arte de virtude, e a compoz na Vida do Infante o Conde do Vimioso. As regras desta Arte são os exemplos do mesmo Principe, caminho breve, e compendiozo para o Palacio da Sabedoria celestial: *Longum iter est per precepta, breve, & efficax per exempla.* Senec. Epist. 6. E agora entendo a causa, porque não quiz o Autor, que o seu livro crescesse a grande volume, que enfastia os de paladar estragado, defanima os principiantes, e cança de todo os curiosos. Não dá à luz o prudentissimo Escriitor livro, que só occupe a estante da livraria, mas para que se traga nas mãos, e para que se lea. Que esta era a singularidade, com que o agudo Marcial convidava os genios de bom gosto para a compra dos seus Epigramas lib. 4. Epigam.

*Qui tecum cupis esse meos ubicunque libellos,
Et comites longa queris habere via:
Hos eme quos arctas brevibus membrana libellis,
Scriinia da magnis, me manus una capit.*

Este o exemplar, que deve andar diante dos olhos de todos os Portuguezes, para se ver, e do entendimento, para se meditar, porque he recommendação dos bons, e reprehensão dos máos, segundo a sentença de Plinio in Paneg. Trajan. dict. *Vita Principis censura est.* Para este fim ja não quero ouvir o Oraculo Cordubense, que persuade, se escolha para Prototypo, ao qual se dirijaõ os cuidados da imitação, o severo Cataõ, ou o benigno Lelio: *Elige Catonem, & si videtur tibi nimis rigidus; elige missioris animi virum Lelium.* Sen. Epist. 1. 1. Porque só se deve escolher para modelo de todas as boas empresas o Infante D. Luiz, cuja imagem animada com as mais vivas cores da discricião, e eloquencia pretende expór a admiração dos Apelles o Conde Escriitor: *Elige eum, continua o Principe dos Estoicos, cujus tibi placuit, & vita, & ora-*

Et oratio, & ipsas animas ante te ferent & vultus, illam semper tibi ostende, ut custodem, vel exemplum, opus est aliquo, ad quem mores se ipsi exigant. Porque no excelso Infante se admirão juntos o zelo de Cato, a suavidade de Lelio, a Religião de Numa, a prudência de Fabio Maximio, e o valor de Scipião. Não tem desculpa, ainda aparente, os de mayor jerarquia, os Principes, os Soberanos de não se alistarem debaixo da bandeira do Euangelho; quando o Conde lhes propoem nesta historia os raxos, com que facilmente podem conseguir esta felicidade. Reconhecia Tertulliano, que a fortuna dos Cesares era incompativel com as Leys da Christandade; quando profereio: *Si iam Christiani possident esse Casares*. Apolog. advers. gent. cap. 21. E como pode verificar-se esta proposição na vista do nosso Infante, que na Aula, onde se criou, e viveo, não só satisfez as obrigações de Christão, mas observou os votos de Religioso. Todo este thesouro de nobrezas nos tinhã roubado o esquecimento, e sepultado na mesmatura, e ta qual delicia em paz este principe, e se a providencia não inclinasse o Sabio Conde, a quem com a sua pena, e qual outro Mercurio com a sua vara, lhe restituira a vida, e lhe immortalizasse a fama. Ha muito tempo, que ao Infante D. Luiz se lhe não pagava o tributo das lagrymas; que mercião as suas prendas, e levo demonstração de agradecimento, e que nos obrigaraõ os relevantes serviços, com que este esclarecido Principe encheo de coras, e de glorias a Monarquia Portugueza; porque não havia, quem fizesse lembrar as suas virtudes, e despertasse a saudade para entoar huma sentida lamentação. Este o conceito do Poeta Lyrico lib. 4. Carm. Ode 9.

Vixere fortes ante Agamemona

*Quos non Multi, sed omnes illic trymabiles perennino auli
 Urgentur, ignotique longa
 Nocte, carent quia vate sacro.*

A esta falk, que he huma das infelicidades, que nascem do esquecimento, e da ingratitude, applica o remedio tao prompto, como effcaz o Conde do Vimioso; porque na Vida do Infante, que deseja imprimir, offerece o mais glorioso assumpto para o desafogo da saudade; e na imitação das suas virtudes hum lenitivo dellas. A todos excede o Conde do Vimioso, quando pendura na face da urna, na qual estaõ

taõ depositadas as veneraveis cinzas do Infante D. Luiz, em
lugar de Epitafio, o livro de sua vida, e eterniza a sua memo-
ria com este heido, mais activo, e glorioso, que todos os
clarins da Fama.

Não tem que invejar, ainda que pudesse, o Infante Dom
Luiz a fortuna daquelles Principes, que na Grecia, na Italia, e
em muitas outras partes do mundo forã exaltados com a su-
blime narraçõ das suas proezas. Porque no Conde do Vi-
mioso se dão muito bem a conhecer a elegancia de Xenofon-
te, a profundeza de Livio, a primazia do Sallustio, a gra-
vidade de Plutarco, a ponderaçõ de Cesar, e a clareza do
Quinto Curcio. Mas assim devia ser, para que a hum prodig-
ioso Principe cahisse por sorte hum prodigioso Historiador,
que prodigio he, que hum Mancebo Fidalgo não tenha ou-
tros divertimentos, que a liçã dos livros, nem occupaçõ
de mayor agrado, que attentar pela memoria da Patria, e
dos Principes della, e que seja excepçã daquella regra de
Cicerõ, de que a idade juvenil não he capaz dos maduros sen-
timentos da sabedoria. *Sed ego non loquor de sapientia, que
non cadit in hæc ætatem.* Cic. in Orat. pro M. Cælio in fin. Ha-
via de mudar de opiniã, se chegasse a este tempo, e lesse a
Vida do Infante D. Luiz, composta pelo Conde do Vimioso.
Luz a pulgõ muito digna de se publicar por meyo da impressã
não só na nossa, mas em todas as linguas do mundo. V. Emi-
nencia mandará, o que for mais acertado, e justo. Lisboa
Occidental, S. Roque 7. de Fevereiro de 1735.

Luiz Abreu.

Vista a informaçõ pôde-se imprimir a *Vida do Infante D.
Luiz*, escrita pelo Conde do Vimioso, e depois de im-
presso tornará para se conferir, e dar licença que cor-
ra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 4. de Fevereiro
de 1735.

Franco de Alencastro, Teixeira, Sylva, Soares, Abreu.

Do Ordinario.

CENSURA DO M. R. PADRE D.

Jozé Barbosa Clerigo Regular, Chronista da Serenissima Casa de Bragança, Examinador das tres Ordens Militares, e Synodal do Patriarcado, e Academico do numero da Academia Real.

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

Vossa Senhoria me ordena, que veja a *Vida do Infante D. Luiz*, escrita pelo Conde do Vimioso D. Jozé Miguel Joáo de Portugal. Confesso que esta ordem me deixou justamente assustado, porque em hum livro taõ nobre, e taõ eloquentemente escrito, como este, só podia interpor o juizo, quem o tivesse taõ delicado como o de seu Autor, porque só deste modo seria proporcionada a censura. Mas como em observancia da ordem de V. S. sou obrigado a dizer o que entendo, digo que este livro he dos benemeritos de toda a estimaçãõ, naõ menos pelo assumpto, que pelo Autor. O assumpto he o Infante D. Luiz, que nesta, e naquela idade foy hum milagre dos Principes, porque na sua pessoa unio a natureza todas as qualidades, que fazem a hum homem naõ só grande, senaõ incomparavel. Foy filho de Rey, e Irmaõ de Reys, e sendo dignissimo da Coroa, naõ teve fortuna para a cingir, porque roubandolhe a morte intempestivamente a vida na idade de quarenta e nove annos, deo lugar com a injustiça deste golpe, a que se sentasse no trono ja vacillante desta Monarquia seu Irmaõ o Cardeal D. Henri-

Henrique, tão attenuado com o pezo dos annos, como dos achaques, de que resultou aquella fatal irrefolução, que deo motivo a passar este Reyno a dominio estranho. Foy consummado nas sciencias, e artes, que são proprias de Principes, as quaes aprendeo cõ tanto cuidado, como se as houvera de onfinar, ou como se quizesse immortalizar cõ o seu exercicio a fama do Mestre. O valor militar, que em seus Irmãos não pode ser visto, em huns pela idade, em que faleceraõ, e em outros pela vida Ecclesiastica, a que se dedicaraõ, lhe accendeo no peito tão activo incendio, que não podendo abraçar a Asia, como desejou, bem se deixou ver no estrago, que fez em Africa, o que seria, se o deixassem livremente arder: e se o animo altamente pacifico de seu Irmão El Rey D. João o III. lhe não estivera continuamente temperando o ardor militar, veria o mundo, e sentiriaõ os inimigos, mais da Igreja, que da Coroa, que na pessoa do Infante D. Luiz estava todo aquelle valor, que fez Deoses da guerra aos seus Soberanos Ascendentes.

Como doudo amava aos professores das sciencias, como se vio na grande humanidade, com que tratou sempre a D. João de Castro, a quem não fizeraõ menos illustre as letras, que aprendeo em Europa na companhia do mesmo Infante, do que o fizeraõ as armas sempre vencedoras no seu governo no Estado Portuguez da Asia. Tudo lhe mereceo D. João de Castro, porque se conformava com elle na sciencia, na predação, na resolução, e no valor, e não podiaõ deixar de se amar, havendo entre ambos huma tão viva semelhança.

Os Principes não estragaõ o seu decõro em se mostrarem affaveis com os que são dignos de tão alto favor; antes mostraõ a sua grandeza na estimação do que he bom. Fellos a natureza independentes, não os fez infociaveis dos benemeritos. Se vivessem sós, seriaõ Anacoretas nos seus estudos, e viviriaõ como particulares, não dando a conhecer o que sabiaõ. Tratando com os doutos, ainda que na verdade possaõ aprender alguma vez, sempre interessaõ nos elogios, que se lhes fazem, porque não he lizonja culpavel, a que tem fundamento na realidade.

Todas estas grandezas do Infante D. Luiz, que a não tor nascido Principe, ballavaõ para o fazer, corriaõ, na falta dos escritos, pendentés da tradição, que com o decurso do tempo

tempo, ou se perde, ou se desfigura. Mas para huma vida
taõ benemerita de ser o exemplar de todos pela qualidade das
acçoens, não experimentar os costumados estragos do esqueci-
mento, tomou por sua conta o escrevella o Conde do Vimio-
so, e verdadeiramente com interesse, e gloria de ambos
do Infante, pelo que delle escreve, do Conde, pelo modo,
com que escreve. Mereciaõ as acçoens de taõ grande Princi-
pe huma penna, que dignamente as escrevesse: estaõ satis-
feitos os votos publicos, porque o Conde do Vimioso escre-
veo a historia do Infante D. Luiz com tanta magestade, com
tanta elegancia, e com tanta pureza da nossa lingua, que pa-
rece destinou a Providencia duas pennas iguaes para duas Vi-
das heroicas; para a do Infante D. Luiz a do Conde do
Vimioso, para a de D. Joaõ de Castro a de Jacinto Freire de
Andrada, para se venerar neste accidente ainda depois de
mortos a correspondencia, que tiveraõ vivos.

Creyo que foy mysterio estar o espaço de cento, e oiten-
ta annos sem se escrever a Vida do Infante D. Luiz, e porque
todo esse espaço foy preciso para esperar por hum Conde do
Vimioso, que a escrevesse, porque me parece, que na vi-
da de hum havia de escrever o outro as grandezas dos seus
Illustrissimos Progenitores, e quem reparar com attençaõ
nas virtudes mais gloriosas, que adornarã a Real Pessoa do
Infante D. Luiz, verá que foraõ a generosidade, a pruden-
cia, e o amor da Patria; a piedade, e o valor, e verá que
com ellas mesmas derã os Condes do Vimioso mayor esplen-
dor ao illustre do seu sangue.

Não fallarei no tempo presente, porque não será justo
que se exponha a verdade a passar pela injuria de lizonja.
Basta fallar no antigo, porque a Grande, e Excellentissima
Casa do Vimioso não degenera da sua primeira raiz, e nella
os frutos são de tal modo preciosos, que sempre conservaõ
o mesmo valor, não lhe podendo introduzir a continuaçaõ
do tempo as costumadas mudanças, porque para confirma-
çaõ do que digo, ainda estaõ, e estaraõ vivas na memoria
de todos aquellas occasiõs, em que o actual Senhor desta
Casa o Marquez de Valença D. Francisco de Portugal vestio
a sua custõ grande numero de Soldados, que fez na Comar-
ca de Torres Vedras, a pompa taõ extraordinaria, com que
celebrou, sendo Mordomo, o Desaggravo do Sacramento rou-
bado

tado na Freguezia de Santa Engracia, que foy necessario, que a Real Providencia suspendesse para o futuro semelhantes despesas, e quando sendo Provedor da Misericordia fez, que andasse fugitiva a pobreza naquello anno da Cidade de Lisboa, porque para satisfazer a natural grandeza do seu animo, sacrificou toda a sua Casa em obsequio da propria, e da herdada generosidade.

Se as virtudes d'este genero fazem grandes, e respeitadoss aos que nascerão humildes, que farão aos que tiverão a felicidade de natorem grandes? A generosidade he o principal Morgado da Excellentissima Casa do Mimioso, porque o primeiro Conde D. Francisco de Portugal foy tao generoso, que chegou ao ultimo grao da perfeiçao em huma virtude, que he tao politica, como christãa, porque dava sem pretender agradecimentos, cuidado que fez degenerar, e perder muitas açoes bridas, pois he pedir remuneraçao, do que se dá de graça.

Soubey que estava em huma occasiao os Cofres da Misericordia de Lisboa tao exhaustos de dinheiro, que gemia a pobreza destituida de soccorro. Não soffreo esta falta aquelle animo piamente generoso, e disfarçoso, e chegando a huma das caixas, lhe lançou dentro tres mil cruzados em ouro, quantia para aquellos tempos não só grande, como excessiva. O estorbo excitou a curiosidade de hum Official, que casualmente o ouviu, e dando botinia ao Provedor, que julgava pela informaçao que seria cobre, abriu a caixa, e achando o que não esperava, soccorreo os pobres com a liberalidade alheya, ignorando-se por muitos annos a caritativa mão, que mais generosa quanto mais occulta se compadecio das suas lagrymas.

O terceiro Conde D. Francisco de Portugal ficando cativo na desgraçada, e sempre lamentavel batalha de Alcacer, separado de seu Irmão D. Luiz, foy levado a Marròcos, e aonde dava mesa não só aos cativos, se não a toda a sorte de pessoas, que lhe querião fazer a lisonja de se servirem da sua Casa. No tempo do cativeiro sendo chaçado pelo Emperador de Marròcos, e sospitando da sua tyrannia alguma das barbaridades costumadas, se preparou como Christão para se à sua barbara presenca, esperando o fim de huma vida, que pouco se distinguia da morte. Não lhe succedeo o

que

que prudentemente temia, porque o Barbaro mais ambicioso de dinheiro, que de sangue, contratou com elle o resgate da sua pessoa em vinte mil cruzados; e parecendo impossivel juntar taõ grande somma, a pediu a pessoas conhecidas, e restituído à liberdade, passou a Tetuaõ, aonde além de outras pessoas nobres resgatou mais de vinte Fidalgos, que gemiaõ no cativeiro por falta de resgate; de sorte que no tempo, que esteve em Marròcos, dispendeo mais de cem mil cruzados da sua fazenda sem mais interesse, que a gloria da Casa do Vimioso.

Seguindo a jornada para a Patria, sahio de S. Lucar, e querendo o Duque de Medina Sidonia, que constasse ao mundo a merecida estimaçã, que fazia da sua pessoa, o mandou acompanhar por duas Companhias da guarniçaõ daquella Cidade. Accitou o Conde, por naõ parecer desagradecido às urbanas demonstraçoens de taõ illustre Cavalhero; porèm a meya legoa da jornada despedio as Companhias, dando mil cruzados aos dous Capitaens, e outros mil cruzados aos Soldados, deixando-os naõ menos admirados, que satisfeitos.

Como em toda a parte era o mesmo homem, e a sua generosidade, naõ conhecia differença de climas, quando entrou segunda vez em Pariz, seguindo as infelices ideas, do Senhor D. Antonio Prior do Crato, tratado em toda a Monarquia Franceza como Rey de Portugal, soube que o Duque de Nevers tinha hum excellente cavallo. Era o Conde dos insignes Cavalleiros do seu tempo; teve appetite de o comprar. Póde ser que o Duque de Nevers fosse daquelles, que fazem mayor a estimaçã em beneficio do seu lucro. Ajustou-se a venda em mil escudos; mandou-o o Duque montado pelo seu Estribeiro, que como Mestre na mesma arte, ainda parecia melhor; dizendo porèm aos hospedes, com quem estava na mesa, que brevemente voltaria o cavallo, porque o Conde do Vimioso naõ tinha com que satisfazer o contrato. Constou ao Conde o que dissera o Duque, vio o cavallo, mandou apear, e subir o Estribeiro, contoulhe os mil escudos, e lhe fez mercè do cavallo. Voltou o Estribeiro, celebrouse com lizonjeiro riso o verso cumprida a profecia do Duque de Nevers; porèm naõ foy assim, quando se soube a verdade, porque tudo se converteo em merecidas acclamaçoens

çoens da generosidade do Conde ; a quem devemos supporto coração real em peito illustre.

Este mesmo Cavalhero foy dotado daquellas partes, que costumão merecer a estimacão , porque sabia de forte as linguas Grega , Latina , Franceza . Italiana , Castellhana , e a propria , que em todas ellas compoz hum Soneto taõ elegante , que o achou digno de o traduzir na nossa lingua o Autor da Lusitania Transformada Fernando Alvares do Oriente , e da sua delicada Musa se conservaõ ainda hoje algumas Obras , com que aliviava cuidados mayores nas suas fidelissimas peregrinaçoens pelos Reynos de França , e de Inglaterra.

O mesmo dote teve seu Avò o primeiro Conde do Vimioso D. Francisco de Portugal , como podem ver os curiosos no Cancioneiro de Garcia de Rezende, que he hoje huma rara Collecção de Versos de Fidalgos Portuguezes , a quem não eraõ desconhecidas as Musas , virtude neste tempo , ou politicamente occulta , ou affectadamente despresada. Foy Vedor da Fazenda dos Senhores Reys D. Manoel , e D. Joaõ o III. e dotado de taõ conhecida prudencia , que o seu voto nas materias do Estado era communmente o mais seguido, porque dizia d'elle ElRey D. Joaõ o III. que votava de forte na presenca do Rey da terra , que sempre tinha presente outro mayor Rey , qual era o do Ceo. Unico , e verdadeiro fundamento do acerto das resoluçoens !

Eraõ taõ prudentes, e taõ maduros os seus axiomas, que depois de merecer a antonomasia do Cataõ Portuguez , seu neto D. Enrique de Portugal imprimio no anno de 1605. hum volume das suas prudentissimas sentenças , que mais que da impressaõ eraõ dignas da memoria de todos.

Qual seria a prudencia de D. Affonso de Portugal , que foy depois o II. Conde do Vimioso , que acompanhando ao Infante D. Luiz para a expedicaõ de Tunès , no Conselho de Guerra , que na sua real presenca mandou fazer o Emperador Carlos V. em que entraraõ os mais valerosos , e prudentes Generaes , de que foy secundissimo aquelle seculo , ordenou que assistisse nelle D. Affonso de Portugal para ouvir , e não para votar , attendendo a que não passava de dezeseis annos? Merecia huma particular ponderaçãõ esta grande honra , e este illustre testemunho da sua prudencia ja conhecida,

nhecida, e venerada em idade tão tenra por hum Cesar, como Carlos V. Porém não o farey em reverencia à discricção do Autor, que faz delle memoria com tão viva elegancia, que até o pensamento seria temeridade sem desculpa.

O amor da Patria, que sendo commum a todo o genero de pessoas, he virtude mais propria dos grandes Senhores, por ferem mais immediatos à Magestade dos Principes, cuja conservação he tão sagradamente privilegiada, que transcende por todas as conveniencias, ou sejaõ publicas, ou sejaõ particulares; foy na Casa do Vimioso tão heroicamente praticada, que os que desejarem ser fideis à sua Patria, devem de seguir o seu exemplo. Quando o Emperador de Marròcos offereceo a liberdade ao Cõde do Vimioso, como obsequio que pretédia fazer a Philippe II. de Castella, animosa, e resolutamente lhe respondeo o Conde, que elle era Portuguez; que em Portugal reinava ElRey D. Enrique, e que só pela sua real intervenção accitaria a liberdade, e que de nenhum modo a queria pela mediação de Castella: porque havendo de ser restituído à Patria com essa condição, era para elle tão intoleravel, que antes queria arrastrar por toda a vida as pesadas cadeas da sua escravidão.

Ao Duque de Medina Sidonia, que o estava esperando, quando entrou em S. Lucar para lhe persuadir a justiça de Philippe II. à Monarchia de Portugal, promettendolhe tantas mercês, como quem na pessoa de hum só homem pretendia conquistar a todo hum Reyno, lhe respondeo que ainda tinha em Portugal Rey legitimo, e natural; que o mesmo Rey de Castella, ainda que pretendente, não formaria bom conceito da sua prudencia, se entrasse em tão feas condições o vassallo de hum Rey vivo: que elle se recolhia para Portugal, que veria o que mais convinha para a paz publica do Reyno, porque só cuidava no bem da Patria, e não dos augmentos da sua Casa. Reposta, que ouvida por tão grande Principe, lhe deu occasião para novos cuidados.

Bem se vio o fiel incendio, que atcou no seu peito este nobre amor, seguindo as partes do Senhor D. Antonio, não só neste Reyno, mas nos estranhos, não lhe enfraquecendo o animo ver ameaçada a sua Casa com a ultima ruina, nem a prizaõ da Condesa sua Mãy com seis Irmãas no Castello de Saõ

São Torcaz por ordem de Philippe, porque aquelle coração verdadeiramente Portuguez inflexivel às grandes mercês, com que ElRey de Castella o pretendio combater para o reduzir ao seu serviço, ja no tempo, em que andava em França, antes quiz dar a vida na defensão da Patria, do que viver com a afronta de se dizer, que o Conde do Vimioso vendera a liberdade da sua Patria amada ainda pelo interesse de todo o mundo, quando todo o mundo era nada na sua estimação para contrapezar a grandeza da sua fidelidade. Não sey se teve o amor da Patria semelhante Heroe?

Na Piedade, e na Religião mostrou esta Excellentissima Casa huma notavel distincção. Nos tempos antigos, em que a opulencia das Casas não podia ser muita, vemos edificios sagrados, que mais nos dizem, que são fabricas de Principes, que de vassallos, ou se attenda à magestade da obra, ou ao excessso das rendas. Porém na Casa do Vimioso em tempos, em que a caridade ja parecia, ou decrepita, ou moribunda, o primeiro Conde do Vimioso D. Francisco de Portugal, querendo mostrar que não cedia aos mayores Heroes da generosidade sagrada, deo em Evora o sitio, em que se fundou o Convento de Santa Catharina de Sena de Religiosas Dominiccas, cuja fabrica adiantou com tão copioso numero de esmolas, que tendo pedido para si a Capella mór, com a leve obrigação de se lhe rezar depois de Prima hum Padre Nosso, e huma Ave Maria, querendo mostrar as Religiosas, que o seu agradecimento passava além da morte, deraõ todo o Padroado à Condesa viuva D. Joanna de Vilhena (filha do Senhor D. Alvaro) e a seu filho D. Affonso de Portugal II. Conde do Vimioso com dous lugares perpetuos com a quarta parte do dote costumado. Não se diga que morreo de todo o agradecimento a beneficios sagrados.

Bem o imitou nesta virtude de piedosa religião seu filho D. Manoel de Portugal, fundando em Valdefigueiras hum Mosteiro com o titulo de N. Senhora de Jesus para os filhos da Provincia da Arrabida. Mas como a piedade puramente humana não póde attender ao futuro, mostrou a experiencia que o sitio era condenado pe'a destemperança do ar, de que se originavaõ enfermidades nocivas, e por causa dellas huma inobservancia sem culpa. Porém como nos descendentes desta grande Casa he hereditaria a piedade, D. Enrique de Portugal

tugal igualmente herdeiro da devoção, que da fazenda de seu piíssimo Pay D. Manoel de Portugal, fez outra nova fundação, conservando o titulo da primeira, mas em parte, em que se respiraõ ares mais puros, e por cujo beneficio florece a observancia regular sem o susto das enfermidades passadas.

Seu Primo D. Luiz de Portugal IV. Conde do Vimioso, depois de ter padecido o cativoiro em Africa, restituído ao Reyno, vendo-se com mais desejos de deixar o mundo, do que annos, sendo ja muitos, separandose da Condessa Dona Joanna de Castro, e Mendonça, Irmã de D. Diogo de Castro Conde do Basto, fundaraõ o Convento do Sacramento da Cidade de Lisboa, que pelas Religiosas, que o habitaõ, he a flor da Nobreza de Portugal; e pelas virtudes, que nelle se praticaõ, parece hum domicilio de Anjos; de modo que a santidade, que nelle florece, com edificaçãõ geral desta grande Corte he hum elogio perpetuo de seus piíssimos fundadores, e hum glorioso padraõ do seu religioso desengano: porque a Condessa com o nome de Sõr Joanna do Rosario professou no mesmo Convento, que fundara, aonde acabou com finaes evidentes de predestinada; e o Conde com o nome de Fr. Domingos do Rosario vestio o mesmo habito no Convento de S. Paulo de Almada, em que fez açcoens taõ heroicãs em poucos annos de vida regular, que mereceo entrar no Catalogo dos mais observantes filhos daquelle illustriíssimo Patriarca.

O valor finalmente, que he o mayor distinctivo da Nobreza, bem se vio nos Condes do Vimioso, que era patrimonio de todos os descendentes daquelle Casa. He a fonte deste illustre sangue o Senhor Rey D. Joao o I. que casando seu filho o Senhor D. Affonso, depois o primeiro Duque de Bragança, com D. Brites Pereira filha, e herdeira de toda a grandeza do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, deu por Avõs a seus netos dous milagres do valor. Animava-se o coraçãõ de D. Francisco de Portugal III. Conde do Vimioso com aquelle guerreiro sangue, que foy o militar impulso, que levou a seus dous grandes Avõs à conquista de Ceuta, em que fechando as portas a nova irrupçãõ dos Mouros contra Espanha, as abriãõ às gloriosas açcoens, que obraraõ os Generaes, e Soldados Portuguezes naquella parte do mundo, que sendo naturalmente esteril, se fez fecunda de palmas para coroar os seus triumphos.

Com

Com esta valerosa inclinação acompanhou ao Senhor Rey D. Sebastião a Africa, e dizendo-se ao mesmo Principe Generalissimo, que em huma fileira, em que elle estava com D. Manoel, e D. Luiz seus Irmãos, e seu Pay D. Affonso de Portugal II. Conde do Vimioso, faltava hum homem, El-Rey, que conhecia bem o tronco, de que procedião, respondeo que não faltava, porque aquelle Pay com tres filhos suppriaõ a falta de todos. Naquelle funestissimo dia de quatro de Agosto, em que agonizaraõ lastimosamente as esperanças deste Reyno, sacrificaraõ as vidas em obsequio do valor, e da fidelidade D. Affonso Conde do Vimioso, e seu filho D. Manoel, e seu Sobrinho D. João de Portugal, que mais venturosos não sobreviveraõ à desgraça do seu Principe, nem à ruina da sua Patria. Dormem naquellas aréas infecundas aquelles illustres cadaveres com a felicidade de serem os seus tumulos o Oriente mais claro da sua fama.

Daquelle diluvio da Nobreza de Portugal se salvou D. Francisco de Portugal III. Conde do Vimioso para se expor a novos trabalhos, porque seguindo as partes do Senhor Dom Antonio, desempenhou em seu favor, mas com fortuna sempre contraria, a constancia de hũ D. Nuno Alvares Pereira. Com elle se achou na chamada batalha de Alcantara, em que mais o valor, do que a razaõ, o obrigou a pelear com quatro mil homens, de que a mayor parte eraõ incapazes, e mal armados, contra vinte mil soldados escolhidos das Tropas de Italia, e Flandres, e se não fora o descuido de se deixarem cercar da Cavallaria Castelhana, ainda poderia haver esperança de se ver Aljubarrota junto de Lisboa.

Retirou-se o Senhor D. Antonio ferido na cabeça, e o Conde do Vimioso, ferido nobremente na testa, para a Cidade do Porto; e vendo que ja se havia introduzido nella o veneno da lizonja Castelhana, se dividiraõ para partes diferentes. Para buscar ao Senhor D. Antonio, que ja estava em França, se disfarçou tomando o nome de Trivulcio, vestio-se à Italiana, usou de oculos para se fazer mais desconhecido, e acompanhado de seis Criados entrou em Madrid; vio a El Rey D. Philippe, entrou em Catalunha, aonde o saudou hum Castelhana pelo seu nome. Temerosos do perigo determinaraõ os Criados tirarlhe a vida; mas o Conde, em cujo coração só havia generosidade valerosa, o não permitto, valêdofe

dose de outro remedio mais conforme ao seu animo, qual foy o de o levar em sua companhia.

Segunda vez o expoz o mesmo homem a mayor perigo, porque perdendo no jogo, e parecendo que não teria com que satisfazer o que perdia, disse com imprudente confiança, que elle pediria o dinheiro ao Conde. Perguntado quem era aquelle Conde, respondeu ou louca, ou infielmente, que era o Conde do Vimioso. Foy ouvido este nome com tanto susto, como se fora do mayor inimigo da Coroa de Castella; ajuntando-se as Justiças para o prenderem, teve a fortuna de se lhe fazer prompta huma Sétia, em que se salvou de tão inopinados perigos.

Chegou a Marselha, soube a parte, em que estava o Senhor D. Antonio, nella o acclamou Rey de Portugal; com o caracter de seu Embaixador teve audiencia da Rainha Regente de França, que o ouviu com a attenção, que merecia a sua pessoa, e o estado politico de Europa. Passou a Inglaterra, foy recebido pela Rainha Isabel com particulares demonstraçoens de estimação, e tão activamente deo a conhecer em huma, e outra Corte a justiça do seu Principe, que com incrível brevidade se poz no mar huma Armada de cincoenta nãos Francezas, e trinta Inglezas, em que embarcou o Senhor D. Antonio, o Conde do Vimioso, e muita Nobreza de huma, e de outra Nação; e por General de todas estas forças Philippe Strozzi.

Defronte da Ilha de S. Miguel se avistou esta Armada com a de Castella, e o Conde do Vimioso, em quem era igual a prudencia ao valor, como tinha observado, que alguns Capitaens se interessavaõ mais pelos dobroens de Espanha promettidos, que pela gloria dos Principes, a que serviaõ; disse ao Senhor D. Antonio, que esperasse o successo da batalha na Ilha Terceira, por se não expór, estando embarcado, a huma desgraça inevitavel. O Marquez de Santa Cruz, General de Castella, deo ordem para que se passasse a insignia de Capitanea para outra não da invocação de São Matheus, com a qual pelejaraõ animosamente os Inglezes, que a não ser soccorrida por tres navios, sem duvida a renderiaõ.

Porèm na mayor força do combate, em que o Conde do Vimioso em beneficio da honra, e da Patria, fazia maravilhas

ravilhas nas armas, o Mestre do navio, chamado o Negroão, lhe deo pelas costas com huma alabarda hum taõ injusto golpe, que o fez cahir no convez muito mal ferido. Cahio o Conde, mas com tanto accordo, que chamando hum Criado, lhe ordenou, que na primeira embarcação, que achasse, se passasse logo à Ilha Terceira, e dissesse ao Senhor D. Antonio, que se retirasse para França, pois as esperanças, com que o podia animar huma taõ poderosa Armada, citavaõ arruinadas de todo, porque tudo estava perdido.

Cuberto o mar de sangue, de mortos, e dos estragos do fogo, mandou levar o Marquez General para o seu bordo o Conde do Vimiofo, e para que ainda em poder de hum parente, qual era o Marquez, se naõ emendasse a malignidade da sua fortuna, temeroso, de que se viesse a Espanha, satisfizesse Philippe II. na sua cabeça os danos recebidos por sua causa, em hum remedio preciso lhe deo veneno, com cuja violencia acabou huma vida, que era digna de mais larga duração. Foy lançado ao mar em hum caixaõ, porque tendo honrado à terra com acçoens taõ illustres, era justo que honrasse a agua com o preço do seu cadaver.

Como as principaes acçoens do Infante D. Luiz tiveraõ o devido desempenho nos descendentes da grande Casa do Vimiofo, só o herdeiro de humas devia de ser o Panegyrista de outras: porque ao mesmo tempo, em que escrevia a Vida de hum Principe, escrevia tambem as dos seus Excellentissimos Progenitores, e he certo que só os que tem valor para as obrar, tem espiritos para as escrever. Naõ he grande o livro, se se attender ao volume, he grande, se se attender à substancia. Naõ he grande o volume de Velleyo Paterculo, de Lucio Floro, do Conde de la Roca no Epitome da Vida de Carlos V. de D. Diogo de Mendoça na Guerra de Granada, e de Duarte Ribeiro de Macédo em todas as suas obras, mas toda a differença, e todo o excessõ està na qualidade. Naõ consiste a bondade em dizer muito, se naõ em dizer bem; e quem diz bem, naõ pôde dizer muito.

Naõ entro no exame de qual dos estylos deva de ser preferido, se o Laconico, se o Asiatico; digo que no Asiatico, como diffuso, naõ pôde deixar de naõ haver redundancias viciosas, e que no Laconico; como conciso, naõ pôde deixar de naõ haver alguma escuridade. Naõ succedeo assim ao
Conde

Conde do Vimioso , porque desprezando o superfluo , diz com brevidade taõ clara, que tudo se percebe com distincão: a pureza da lingua basta dizer , que he da escola de feu grande Pay o Marquez de Valença, e a innocencia dos costumes, como deve de fer a dos Cavalheros. Deve-se dar de justiça a este livro a licença para se imprimir , porque na Vida do Infante D. Luiz aprenderão todos a regular as suas paixoes pelos dictames justissimos da razaõ , e na excellente penna do Autor, o como se deve escrever com decóro , com dignidade, com elegancia , e com discriçaõ. Este he o meu parecer. Lisboa Occidental nesta Casa de Nossa Senhora da Divina Providencia de Clerigos Regulares , 21. de Fevereiro de 1735.

D. Jozé Barbosa C. R.

Vista a informaçãõ, pòde-se imprimir o livro, de que se trata, e depois de impresso tornarà para se conferir, e dar licença para que corra , sem a qual não correrà. Lisboa Occidental, 24. de Fevereiro de 1735.

Gouvea.

DO

Do Paço:

CENSURADO REVERENDISSIMO

*Padre Antonio de Betancurt, Lente de
Prima de Theologia, e Examinador
Synodal do Patriarchado.*

L I por ordem de V. Magestade este livro, que se por fóra
naõ avulta muito, he taõ grande por dentro, que naõ
contem menos que a *Vida do Infante D. Luiz*, composta pe-
lo Conde do Vimioso. He excellente obra, e com tanta igu-
aldade perfeita, que ninguem poderà resolver sem injustiça,
qual he neste todo a parte, a quem se deva a preferencia, se
à materia, com que para elle concorreo o Infante, ou à fór-
ma, que lhe deo o Conde: porque se admiramos as accoens
daquelle por heroicas, o estylo deste nos suspende como si n-
gular: todas as suas palavras são as mais proprias, todos os
seus periodos os mais fechados, todas as suas reflexoens as
mais sentenciosas, e toda a sua fraze a mais elegante, e na-
tural. Daqui nasce que nos fez o passado taõ presente, que
mais parcce estarmos vendo, do que lendo a *Vida do Infante*.
Eu confesso, que quando cuidei que tinha nas mãos hum li-
vro, me achei com hum retrato, ou com hum espelho, que
sem macula, ou defeito algum me poz diante dos olhos cla-
ra, e vivamente, naõ só o primor, com que a natureza aper-
feiçoou aquelle Principe, se naõ tambem a graça, de que Deos
o enriqueceo; reconheço que na eloquencia do Conde se acha
admiravelmente unido o mais natural, e espontaneo, e o
mais agudo, e perspicaz: porèm nada seria bastante para
que o Conde pudesse formar este retrato, senaõ concorresse
nelle a circumstancia de ter em si mesmo à vista o original,
quando sem offensa da sua modestia, conhece praticamente
no sugeito, o que da parte do objecto se offerece à sua vista,
e fórma toda a sua idea: que tal he a semelhança, e simpatia
e de

de ambos. Esta là se funda na natureza, que lhes communicou o mesmo fangue, e aquella só tem a Deos por Autor, que os igualou nas virtudes. E assim veyo a fair o Conde, sem que o pertendesse, com 'dous perfeitos retratos em huma só copia, que quando tem por divisa o nome do Infante, pôde servir de exemplar a todos os Principes, e quando apparece com o nome do Conde, deve causar emulação a todos os Grandes. E huma obra, que conduz tanto para a observancia das leys de Deos, e do Reyno, bem merece como preço unico do seu valor o soberano agrado de V. Magestade; e a licença que pede. Collegio de Santo Antão de Lisboa Occidental em 12. de Mayo de 1735.

Antonio de Betancurt.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará à Mesa para se conferir, e taixar, e sem isso não correrá. Lisboa Occidental 20. de Mayo de 1735.

Ferreira. Bonicho. Rego.

Do

Do Santo Officio.

V isto estar conforme com o seu original, póde correr. Lisboa Occidental 20. de Dezembro de 1735.

*Fr. R. de Alancastre. Teixeira. Sylva. Soares.
Abreu.*

Do Ordinario.

P ode correr, Lisboa Occidental 20. de Dezembro de 1735.

Gouvea.

Do Paço.

T Ayxaõ este livro em - oo. em papel. Lisboa Occidental 21. de Dezembro de 1735.

Pereira. Rego.

EXCEL.

EXCELENTÍSSIMO SENHOR.

Meu senhor : Neste Livro, com que Vossa Excellencia se fervio de honrar o meu asombro, e de ennobrecer a minha applicação, aprendi como primeiro documento o defengano do temerario erro, em que zelosamente se precipitão aquelles, que attentos à posteridade, procuraõ emendar a providencia. Pois tendo esta contra si o escandalo de quasi dous seculos, que não sem apparente justiça deplo-rava as acçoens do Infante Dom Luiz no perigo do esqueci-mento, sendo tão benemeritas do primeiro cuidado da me-moria: vejo agora que todo aquelle longo intervallo de tempo soy preciso, para que hum Heroe soberano pela origem, e augusto pelo merecimento, tivesse em Vossa Excellencia hum condigno Panegyrista.

A mesma Omnipotente mão, que formou aquelle Prin-cipe adornado das mais preciosas virtudes, parece que desde então destinou a V. Excellencia abundante de todos os dotes illustres para referir os seus progressos. Conservan-do-os até hoje sem Chronista proprio com menor injuria que decencia: porque como da comprehensão, e do credito do Escriitor depende a pureza da Escritura, para se não fiar de engenhos vulgares, e menos conspicuos, tem a historia as mesmas honrosas qualidades da imitação.

Huma, e outra igualmente deve ser (e he neste volu-me) Copia identica, ou do original da Religião, ou do ex-emplar do esforço. E para que tão signalados feitos se tradu-ção com piedade, e assemelhem com energia, he necessario tanto espirito em quem os obra, como em quem os descreve; tanta valentia nos raios da pena, como nos cortes da espa-da: porque só póde sahir perfeito o transumpto, e elegan-te o Retrato, quando aos acertos da arte contribuem os foc-corros da inclinação propria.

Para se ajustarem proporçoens tão arduas, mediarão sem duvida entre Vossa Excellencia, e o Infante Dom Luiz tão numerosos annos. Pois sendo as idades sempre estercis de Va-roens insignes, não podião caber no mesmo seculo as faça-nhas, e o elogio; hum Heroe sobre os cumes de toda a grandeza humana sublime, e hum historiador eminente na primeira esfera do sangue, e na primeira classe da disciplina.

Esta

Esta he a ordem commua daquella inexcrutavel sabedoria, cujos meyoos prevertem os arrogantes, escondendo-se os seus altissimos fins até aos sabios: pois tendo em si mesma o conhecimento comprehensivo do muito, que a fragilidade humana faz rara a natureza em producçoens illustres; assim distribue pela serie dos tempos o primor das suas maravilhas, que não lhe permittindo que de huma só vez as chegue a exhaurir, a obriga a que as suspenda, para que depois mais fazonadamente as continue, de sorte, que collocando cada huma no seu devido lugar, não seja na simultanea concurrencia dos grandes homens confusaõ, o que requer a fermosura do mundo harmonia: e aquelles, que sobejaõ, ou à gloria, ou à edificaçaõ de humas idades, se reservaõ (não sem prodigio) para ornato das outras: para que assim em huns seculos não desaproveite a multidaõ a utilidade dos exemplos; e em outros por falta de estímulos egregios não corraõ com passo livre os escandalos.

Foy a era de quinhentos famosa nos nossos Annaes igualmente pelos triunfos dos dous primeiros Monarcas sempre vitoriosos da soberba dos inimigos, e da indignaçã das ondas, que pelas acçoens de hum Infante Dom Luiz nas artes liberaes instruido; nas sciencias profundo; no genio docil; na soberania affavel; na cultura pollido; na Justiça constante; na equidade justo; na Religiaõ pio; na generosidade magnanimo; no esforço invicto; no amor do Rey incomparavel; na honra dos Vassallos vigilante; no zelo da patria ardente; na protecçaõ dos benemeritos incansavel; no desprezo dos perigos intrepido; na reverencia a Deos timorato; na humildade Euangelica abatido; na fede illustre de gloria immortal infaciavel: e finalmente na grandeza do Espirito soberano; e augusto no Imperio sobre a rebelliaõ indomita dos vicios.

Todos estes affectos moraes, e politicos, e todas estas imagens heroicas, que na supersticiosa Grecia; e na Roma gentilica encherã de simulacros os templos da memoria, era preciso que no nosso Portugal Catholico, e pio, se não venerassem sómente, ou nos vultos da confusaõ, ou nas tradiçoens indistintas daquelle vago rumor, que com fabulosa transino nãçaõ costumaõ dizer fama: mas que collocando-se em amplissimo repouso, e eternizando-se em mais decen-
tes

tes figuras ; houvesse huma imaginação com tão vasta capacidade , que em si as pudesse receber ; e huma tão consummada eloquencia , que fosse habil para as expor aos olhos da immortalidade com a mesma primorosa elegancia , com que na Corte , e na Campanha , ou as lavrou o sinzel da heroidade , ou as pollio o buril da magnificencia .

Esta singular extenção de talento , e esta decorosa torrente de facundia , naturalmente derivadas , ou das sympathias do sangue , ou das semelhanças da indole , mostra Vossa Excellencia , que foraõ os prodigios altamente reservados do tempo da quellas admiracoens para este dos nossos assombros . Honrou o Infante D. Luiz hum seculo com as açcoens , e com os escritos ; adorna Vossa Excellencia outro , naõ só instruin-do-nos com a penna do que elle obrou ; mas ensinando-nos com o exemplo , o que devemos obrar .

Com a penna vemos , que Vossa Excellencia aos côrtes de hum estylo claro sem baixeza , profundo sem escuridade , elegante sem affectação , religioso sem pobreza , fertil sem redundancia , e alto sem precipicio , nos offerece no laconico vulto deste Epitome organizado com perfeita anathomia , e proporção exacta , o mayor Gigante da memoria . Fazendo com portento da natureza , e naõ sem milagre do artificio , que no pequeno circulo de tão breve estatura possa gyrrar sem oppressão de tantas operacoens eximias , e numerosas , a alma da verdade . E conciliando de sorte para formar-lhe o corpo com gentileza , e vestillo com galla , o luxo de Panegyrista com a moderação de Historiador , que na simetria dos membros , e pompa dos periodos , fundando a belleza do todo na regularidade das partes ; e usando do ornato dos tropos com a mediania de evitar a nudez ; fica sendo o alinhho da arte mais decencia , e recommendação para a fé , e respeito dos Leitores , que profusão hyperbolica para cubrir a fermosura innata dos progressos , e dar azilo à irreverencia , e incredulidade dos vindouros .

Com o exemplo nos expoem Vossa Excellencia em mais claras especies a vida daquelle grande Principe , a pefar do tempo , e da morte , milagrosamente continuada ; pois se nos seus escritos resuscita , na sua Religião , e na sua generosidade parece que ainda dura . Sendo tanto mayor este segundo panegyrico da imitação , que o primeiro da eloquencia , quanto

quanto vay em taõ illustres feitos do acerto de os referir ao prodigio de os animar. Até lhe prova assim Vossa Excellencia o excessõ das virtudes contra a temeridade dos incredulos : porque todos aquelles , a quem lidas pareciaõ extraordinarias , vendo-as exercitadas por Vossa Excellencia , naõ poderãõ deixar de confessallas possiveis. E ficará esta vez a attençaõ da copia segurando o respeito do original. E tanto mais preclara a narraçaõ , que para quem com as lembranças do Infante Dom Luiz observar as acçoens de Vossa Excellencia , o mesmo Historiador será a historia. Porisso talvez que Vossa Excellencia a fizesse taõ breve no corpo do livro , porque a trata mais amplamente nos habitos da pessoa , e o que nas poucas folhas daquelle conciso volume parece epylogo das obras alheyas , he para vossa Excellencia indice das proprias ; porque nelle se lé em abbreviadas regras resumido , o que a nossa admiraçaõ em cada vez que honrosa , e utilmente se applica a Vossa Excellencia, naõ póde aprender em dilatados periodos.

Diffunda-se pois logo pelo beneficio da impressa esta elegantissima composiçaõ : para que os estudiosos das virtudes , a quem naõ he possivel que se instruaõ immediatamente pelas do Autor , pelo menos participem dos dictames da obra. E para que Vossa Excellencia o naõ dilate ao prelo , veja que a elle a estaõ chamando altamente a gloria do assumpto , o merecimento do Escriitor , a impaciencia dos eruditos , a expectaçãõ dos discretos , a necessidade dos exemplos , a ancia das imitaçoens , e até o desempenho da Providencia. Guarde Deos a Vossa Excellencia muitos annos. No quartel de Evora em 24. de Junho de 1735.

Excellentissimo senhor Conde do Vimiofo

B. A. M. de V. Excellencia seu mais reverente, e affectuoso criado.

Sebastião Joseph de Carvalho , e Mello.

EX-

EXCELLENTISSIMO SENHOR.

Meu Senhor. A grande veneração, que professo à Casa de V. Excellencia, e a incomparavel honra, com que se tem dignado acreditar este indigno criado seu, admittindome repetidas vezes a ouvir da sua boca os discursos, que da vida do Serenissimo Infante Dom Luiz formou o seu juizo, e que V. Excellencia pertende dar à luz publica, são os dous mais poderosos motivos, que me obrigaõ a expor a V. Excellencia o grande gosto, que infundio no meu animo aquella altissima lição; de que a memoria se não sabe esquecer, a vontade deseja sempre ouvir, e o entendimento não chega perfeitamente a comprehender.

Escreve V. Excellencia. Grande circumstancia para a fé da escriptura ser V. Excellencia quem escreve. Na penna de outro qualquer Escriitor poderiaõ estas memorias padecer a desgraça de menos-verdadeiras; animadas pela de V. Excellencia, lograõ a felicidade de se perpetuarem Oraculos. Todos os homens devem fallar verdade, mas nem todos a fallaõ. Nos Principes he inseparavel esta maxima do seu caracter. Assim çemo a fortuna os distinguio dos mais na grandeza do nascimento; assim os atou com mayores obrigaçoens para infnuação do exemplo. Que motivos mais efficazes para facilitar a credulidade desta narração; que admirar estampado na primeira folha deste livro o nome de V. Excellencia, Principe no sangue, e na eloquencia Principe? Quem não darà inteiro credito a todas estas noticias, vendo que V. Excellencia as relata; não com ambição de mayor applauso, mas em sacrificio do melhor Principe; não em demonstração da sua sabedoria, mas em veneração da sua Patria, e gloria de sua Nação.

Elegeo V. Excellencia para elevado assumpto da sua penna as gloriosas acçoens do esclarecido Infante D. Luiz. Discreta eleição! Foy este Principe dotado de animo tão raro, e tão eminentes virtudes, que para vestir a purpura, e illustrar o solio, bastando-lhe o sangue, lhe sobráraõ os merecimentos. Foy, quem mereceo mais as soberanas attenções daquelle Austriaco Cesar, perfeitissima idea de Monarchas, que entre todas as suas raras façanhas a mayor, e a melhor, foy o saber morrer. Foy, quem na Patria, e fóra della, assim

f

pelo

pelo braço , como pelo conselho se fez igualmente temido, que respeitado ; revestindo nas campanhas as qualidades de rayo , e conciliando nas Cortes as acclamaçoens de Oraculo. Grande Principe! Grande Herde ! Nem as acçoens deste Herde pediaõ menor panegyrista , nem a historia de V. Excellencia mayor assumpto , que a grandeza daquelle Principe. Naõ basta , que as cousas , que se dizem , sejaõ grandes , se quem as diz naõ he grande : foy sentença do mayor Orador Euangelico , que ovio o seculo passado. Para a pintura roubar as admiraçoens , basta ser empreza do pincel de Apelles: para a estatua dever veneraçoens à eternidade , basta ser fadiga do escopro de Fidias. Para esta obra merecer as approvaçoens de grande , basta olhar para a grandeza de V. Excellencia ; naõ he necessario conhecerse, que he erudito desvelo da sua penna , primoroso arteficio da sua idea , e elevada producçaõ do seu juizo. Tanto respeito concilia nos seus escritos a autoridade do Escriitor !

Todos os Historiadores , que escreveraõ as Historias de Portugal depois da morte do Infante D. Luiz , falláraõ neste portentoso Gigante da Heroicidade ; mas com taõ breves noticias , que mais serviraõ de incentivo à curiosidade, que de satisfacçaõ à cobiça. Entenderaõ , que de Varaõ taõ grande , ja que era impossivel relatar o mais , satisfaziaõ com expressar o menos. Nenhum teve resoluçaõ de lhe compor a Vida , ou porque anteviraõ , que esta historia havia de ser o silencio das mais historias ; ou porque assustados com a grandeza do assumpto , se julgáraõ desproporcionados instrumentos para taõ alta empreza : reservando com discreta inveja toda a gloria deste triunfo para forças de mais superior engenho. Só os Lyssippos devem formar as imagens dos Alexandres.

Muito mais perduravel fica a fama do Infante D. Luiz gravada nas folhas desta historia , que insculpida nos bronzes da Posteridade ; porque estes acabaõ ruinas à violencia do tempo ; aquellas perpetuaõ-se Memorias a beneficio da estampa. Deo este prodigioso Herde pela singularidade das suas acçoens taõ grande brado no mundo , que naõ bastando os alentos da fama a reptilo , foy necessario ajudar-se das vozes de V. Excellencia , para que como mais elevadas subissem mais alto , e acabassem de immortalizar o pregoõ das suas virtudes , e dos seus acertos. No

No exercicio do braço, e do entendimcnno offercia este Principe larga materia a nunca ouvido canto, se resuscitasscm hoje os Homeros, e os Virgílios; mas o que elles não poderiaõ dignamente applaudir nas divinas consonancias da Epica, pode V. Excellencia cantar felizmente nas elegantes clausulas da historia. Ja houve quem disse, que estas duas nobilissimas Artes, Poesia, e Historia se davaõ as mãos com indissolúvel laço; porque em huma, e outro theatro Historico, e Poetico se costumaõ representar as façanhas daquelles Varoens famosos, que mais, que para o applauso, nasceraõ para o assombro; só com a differença, de que as imagens na fantasia do Poeta são verosímeis, na do Historiador devem ser verdadeiras.

Para o Infante D. Luiz ser grande, não lhe era necessario deixar a Patria; mas deixou-a, porque se abrazava em desejos de ser mayor. Deixou-a, porque se quiz constituir glorioso assumpto desta historia. Esta ardente, esta illustre, esta sublime fede de mais fama foy, a que o obrigou a correr varias terras, peregrinar Reynos estranhos, tratar os Principes, e conhecer os homens. Esta o animou a buscar os perigos, a entrar nas batalhas sempre com credito do valor, e affronta da cobardia. Esta acreditada em tantas Victorias, conhecida em tantos triunfos, admirada em tantas façanhas, e autenticada com tantos testemunhos do esforço, da constancia, da piedade, e da razão foy, a que lhe erigio as Aras no Templo da immortalidade, foy a que o fez Heróe. Na Patria respeitado pelo que era; fóra della pelo que era, e pelo que devia ser. O que soberano exemplo este para os Principes, mas que pouco imitado! De tão grande Principe escreve V. Excellencia; mas como escreve? Muito melhor que eu o dirá este livro, porque falla por melhor boca.

Alguns Historiadores de tal sorte referem às acçoens dos seus Heróes, que menos horror causaria vellos na sepultura, que ouvillos na historia. V. Excellencia com tanta galla, e cores tão vivas de eloquencia adorna o Heróe, de que escreve, que parece estamos ouvindo nas suas vozes os conceitos daquelle grande Alma. Entrou V. Excellencia na construcção desta nova obra; e para que toda ella se estribasse nos solidos fundamentos da verdade, primeiro, e essencial requisito, que aponta a Arte na regular fabrica do edificio historico, tra-

tou cavar-lhe os alicerces na alta consideração do emprego, que tinha. Entendeo V. Excellencia, e entendeo bem, que faltaria às leys do Real Instituto Academico, que professa, se expuzesse em publico estas noticias defraudadas daquelles principios, em que se costuma sustentar a fé dos homens. Mas como podia isto ser, se V. Excellencia he tão amante desta virtude, que ou seja por força da educação, ou por especialidade de privilegio, nem ainda praticando permite, que as suas palavras se contaminem com a deformidade de menos verdadeiras. E se isto succede fallando, que será escrevendo?

Bem sey, que as fontes, donde V. Excellencia bebeo estas memorias, poderiaõ estar inficionadas de algum humor maligno, que perturbasse a pureza dos seus cristas; mas V. Excellencia as apurou tão perfeitamente às luzes do seu entendimento, que extrahidas, e purificadas pelo instrumento da sua penna, perderaõ toda a impureza, e falsidade, que podião contrahir; e ficou esta Historia hum maravilhoso extracto da verdade. Prodigiosa Arte, que taes transformações sabe fazer!

He V. Excellencia nesta obra Historiador, e Panegyrista. Relata as acções com fidelidade, e louva-as com distincção. No mesmo tempo, que as offerece à memoria pela noticia do successo; as recommenda à Posteridade pela elegancia do elogio. Só a grandeza deste Panegyrico podia ser proporcionado premio para as acções deste Principe!

Se me fora licito queixar, só do tempo, que esta historia tardou em vir ao Prêlo, me queixára. Não necessitava de mayor exame huma obra filha de tão profundo discurso, e qualificada pelo Juizo do Excellentissimo Senhor Marquez de Valença, Pay de V. Excellencia, cuja approvaçãõ acrescentou nova grandeza ao livro, e servio de mayor gloria para o Autor. Nestas folhas fez V. Excellencia patente ao Mundo, que não só se herda o sangue, mas tambem o entendimento; e nellas nos copiou, como em fiel retrato, muitas das singulares qualidades, que illustraõ aquelle soberano original. Venturosa herança, em que V. Excellencia não só foy herdeiro dos bens, em que tem poder a fortuna; mas ainda daquelles, que estaõ fóra da sua jurisdicção, do melhor, e mais precioso, que he a alma.

Quiz V. Excellencia desempenhar exactamente todas as circumst-

circumstancias de hum perfeito Historiador, e resolveo-se a compor esta historia. Conseguiu o que quiz. Nella se vé a verdade sem lisonja : os vicios com castigo : as virtudes com premio : a ordem dos successos coherente sem repugnancia : a computação dos tempos ajustada sem falta : o estylo sublime sem affectação, copioso sem redundancia : facil sem confusão: excellencia nas discriçoens, e singularidade nos conceitos. Finalmente não tem este livro folha, que se não julgue hum thesouro de doutrinas; não tem regra, que se não venere hum compendio de elegancias. Tal vez, que esse fosse o motivo, porque V. Excellencia o quiz reduzir a hum breve volume, para nos advertir, que mais do que ler, nos offerecia nelle, que admirar. Assim será Senhor, e nelle achará os cobardes estímulo para as acçoens; os ignorantes methodo para os acertos; os discretos motivo para os applausos; e todos exemplar para a imitação.

Este he Excellentissimo Senhor o fructo, que colhi de ouvir a V. Excellencia, que triplicadamente considerado se reduz a quem escreve, de quem escreve; e como escreve. Se muito disse foy, porque aprendi muito; se pouco, não aprendi mais. Eu me contentára que fosse este papel hum ecco daquella voz, huma sombra daquella pintura, e hum rayo daquella luz. Porém se nada disto he, nem pôde fer, permitta V. Excellencia, que seja hum argumento da minha ignorancia, hum testemunho da minha temeridade, e huma demonstração do meu affecto. Deos guarde a V. Excellencia muitos annos. Lisboa 19. de Novembro de 1635.

Excellentissimo Senhor Conde do Vimioso.

B. A. M. de V. Excellencia seu menor Criado

Manoel Pereira da Costa.

EXCEL-

EXCELLENTISSIMO DOMINO
D. JOSEPHO MICHAELI JOANNI
DE PORTUGAL,
COMITI DO VIMIOSO,

VITÆ

SERENISSIMI DOMINI
D. LUDOVICI
PORTUGALIÆ INFANTIS
SCRIPTORI ACCURATISSIMO.

EPIGRAMMA I.

DUM scribis, revocas Ludovicum è morte sepultum,
Nec lætho oppressum jam capit urna virum.
Impia, vel pia sit, dubito, tua cura; sepulchro
Qui rapit extinctos, num pius ille fuit?
Sed pius es, quanvis Ludovicum evellis ab urna;
Nam Vivum hunc vitá tu meliore facis.

II.

Tu, modo qui scribis, sequeris dum prælia Miles,
Dicier officio Cæsar utroque potes.
Ille, inter pugnas dum fulminat, extitit Author,
Tu quoque, Mavortem dum colis, Author eras.
Par illi es, sed in hoc melior tu Cæsare Cæsar,
Quòd facta alterius scribis, & ille sua.

III.

III.

Quam Lyfiæ arripuit Libitina in Principe lucem,
In lucem Authoris prœditur illa manu.
Scribendo è tenebris facit hic splendescere lucem,
Dicendo tantum hoc fecerat ipse Deus.

IV.

Emicat, & grato volat hoc opus alite, nomen,
Quandoquidem Authoris gratia, luxque beant.
Hinc tantum accrescit Ludovico gloria, quantum
Accrescit, Joseph, gratia, luxque tibi.
Inde fit, ut Lodoix scriptoris vivere luce
Mallit, quàm vitæ vivere luce sua.

*P. Joachimus Rebello S. J. 2. Gymnasti Humaniorum literarum
Magister in Eborensi Academia.*

IN

I N L A U D E M
EXCELLENTISSIMI DOMINI
D. JOSEPHI MICHAELIS
JOANNIS DE PORTUGAL.

Comitis Vimiosensis.

PRO LIBRO SUO VERE AUREO, IN QUO BREVI; SED
acuto stylo graphice describit Infansem Ludovicum, eundemque
numquam interituræ memoriæ Principem æternitati cõmendat.

MAGNOS magna decent. Ludovico in Principe ponis,
Maxime vir, totas Nobilis Artis opes.
Qui geris & mores, & dignum Principe vultum,
Una tibi hæc princeps meta petenda fuit.
Quàm bene devinctos reddit concordia morum,
Sanguine conjunctos quàm bene necit amor!
Unus, & alter habet regalia stemata, Reges
Inter maiores jactat uterque suos.
Hic Operi scopus est. Aquilæ regalibus alis
Suma petunt, humiles despiciuntque locos.
Lux Ludovicus: amat comerca splendida lucis,
Novimus, ingenii vis aquilina tui.
Hunc solem observas, & quin nictentur ocelli,
Fixus es, insolitum dansque, bibensque jubar.
Luce satur tua mens, splendore coronat eodem
Hunc solem, per te qui redivivus adest.
Quem mors atra suis fatalibus intulit umbris,
Lumine fecisti splendidiore frui.
Fallimur? Ecce iterum jam nostrum illuminat Orbem,
Jam melius lucet, clarior itque dies.
Hinc geminã-ter dignus eras, clarissime Princeps,
Laude, supervacuum ni foret iste labor.
Nam quid erat Fastis Ludovicum inscribere? Tanti
Tu viva, & vera es Principis Effigies.

*Doctõr Joannes Valente S. J. in Eborenõsi Academia Sacra
Theologia Lectõr.*

EXCEL-

EXCELLENTISSIMI COMITIS
VIMIOSENSIS LIBER,

In quo vivis coloribus depingitur Princeps

LUDOVICUS,
SUB PICTURÆ HAUD INELEGANTI
allegoria commendatur.

Dum tua, pulchra quidem, vir Maxime, scripta notarem,
Picturæ est, dixi, concolor istud opus.
Regia quandoquidem Ludovici hic spirat imago,
Regia & Authoris spirat imago sui.
Sic Te depingis Ludovico in Principe, ut uno,
Atque eodem vultu fiat imago duplex.
Ille Tibi similis, Tu illi, præclara vicissim
Tu facta illius reddis, & ille tua.
Dum 1. medios spargit tenuissima penna 1. colores,
Das uni-geminam Principis effigiem.
2. Eminent hæc duplex (quis non miretur?) 2. imago;
Utraque sejuncta est, utraque juncta simul.
Et spatia observas, simul & connectis utramque;
Usque adeo virtus æmula in arte valet!
Hic tua sic lûsit dexterrima dextera, ut ævo
Pinxisse 3. æterno non abolenda putem.
Immortale decus pingendi hac arte tulisti;
Quando quidem nunquam non celebrandus eris.
Non datur hic tristem 4. Mortis spectare 4. colorem,
Jus opere in tanto perdidit illa suum:
Quod supra invidiam est, nullo delebitur ævo;
Prima perennabit 5. Gratia, primus 5. Honos.
Hinc procul est 6. pallor, nisi quod flavescat in aurum;
Picturæ pretium denotat iste color.
Pallefcit nunquam, quem nulla pericula terrent;
Non capit indignos res bene tuta metus.
Hæc tam sublimi Pictura in sede locatur,
Horreat ut positu nulla pericla suo.
Quin & sanguinei procul est tinctura 7. Ruboris;
Tam pura in tabula non habet ille locum.

Ah pudeat reliquas forma inferiore Tabellas;
 Una hæc forma 8. styli vix imitanda placet.
 Hic nihil 9. oblique positum, videas ve 9. sinistrum;
 Expressit dextrum nil nisi dextra manus.
 Nil 10. humile hic positum aspicias, instarque 10. Jacentis;
 Omnia plana tamen conspicienda patent.
 Quis non 11. Dædaleam 11. Structuram hic prædicet? Imo
 Dædalus ingenio cederet ipse suo.
 Id mentem illaqueat; cum nullam adsperferis 12. umbram,
 Tot rerum facies una Tabella ferat.
 Hic nihil 13. obscurum est; commercia facta tenebris
 Non habet ingenii splendida sphaera Tui.
 Omnia celesti quodam 14. fulgore coruscant;
 Quælibet ah quantum 15. linea lucis habet?
 Quod magis conspicuam, collustratamque reliquit
 16. Regius est quidam, maximi habendus, 16. Honos;
 Regius est Pictor, simul & qui pingitur; unde
 Quædam Majestas nobilitavit opus.
 Ne mirere igitur, si quis cæcutiat unam
 Hanc Tabulam aspiciens; 17. Copia, 17. lucis obest.
 Ni potius, 18. veros habet hæc Pictura 18. Recessus;
 Censet inaccessum, qui sapit, istud Opus.
 Cerneret hoc quondam celeberrimus orbe Thimantes;
 Clara verecundus pingeret ora rubor:
 Quodque uni velum induxit, superadderet omni
 Picturæ; pretium demeret ista suis.
 Hanc ego descriptam calamo quanti esse putabo?
 Nullo pensari munere posse reor.
 Illius è limbo verbum 19. Faciebat aberret;
 Nil imperfectum continet istud Opus.
 Tempore mutato, debes subscribere Fecit;
 Imposita est Tabulæ prima, suprema manus.

1. *Meyas cores, ou mistura de tintas, o que senão faz sem grande arte.*

2. *Pinxura eminente, ou de relevo.*

3. *Pingere æternitati, he paremia, que se diz de quem faz alguma coisa com vagar, e perfeição.*

4. *Morta cor, primeira tinta, com que fica metida imperfeitamente toda a obra.*

5. *GRA-*

5. *Graça, primor, e lustre, que ainda não perdeo a pintura.*
6. *Falde, ou outra qualquer cor amarela.*
7. *Vermelhão tinta.*
8. *Estylo de pintar.*
9. *Pintura, que mostra huma só parte do rosto.*
10. *Pintura plana, ou em plano.*
11. *Pintura de architectura.*
12. *Sombras, que fazem mais sensiveis as distancias dos corpos, e das partes de cada hum entre si.*
13. *Escuro, parte, que não fere a luz.*
14. *Claro, parte da pintura, a quem fere a luz.*
15. *Linhas da pintura.*
16. *Realce da pintura.*
17. *Reflexo, ou mayor luz na pintura.*
18. *Fundos, e longes da pintura.*
19. *Palavra, que Apelles com o nome sobrescreveia nas suas pinturas, para significar, que não esta-vão ainda perfeitas.*

P. Bernardinus Correa S. J.

In Eborensi Academia Magister Rhetorices.

AO

*AO EXCELLENTISSIMO SENHOR CONDE
do Vimioso, escrevendo a vida do Infante D. Luiz,
cujo assumpto se recopila neste*

SONETO.

N Acco de Regio Tronco. A decantada
Abrantes lhe deo berço. Illustres cultos
A Minerva rendeo ; de Marte a indultos
Rayo foy na campanha a ardente espada.

De Urania a preccitos na illustrada
Esfera môtos observava occultos ;
Numa foy no respeito aos sacros vultos ;
Ignorou de Hymeneo teya abrazada.

Apollinea cingio rama luzida,
Excedeo de Alexandre o generoso,
Clôto em Lyfia o rendeo fera homicida.

Lustros lhe cortou dez golpe horroroso ;
Mas a respirar hoje immortal vida
A' voz refuscitou de VIMIOSO.

De Manoel Pereira da Costa.

AO LEITOR LENDO A VIDA, QUE DO
Infante D. Luiz escreveu o Excellentissimo Se-
nhor Conde do Vimioso.

SONETO.

E Sta Historia, ò Leitor, que à eternidade
Alto exemplo será de alta eloquencia,
Parto foy da mais rara intelligencia,
Que adora a fama, e reconhece a idade.

No conceito, elegancia, e Magestade
Entre as mais contar deve a preeminencia.
Tanto Escritor discreta a Providencia
Quiz do Assumpto igualasse a immensidade!

Suspendete, Leitor, e à douta Historia
Os encomios não fórmes; porque he brio
Da razão, que emmudeça a Oratoria.

Não creas, que a sepulte o tempo impio;
Basta a fama do Heróe para a memoria,
Sobra o nome do Autor para elogio.

Do mesmo Autor.

*AO EXCELLENTISSIMO SENHOR CONDE
de Vimioso escrevendo a vida do Infante
D. Luiz.*

S O N E T O.

TInhaõ da Fama o Templo ennobrecido
Do heroico Luiz, do Luso Infante
Proezas, que com letras de diamante
Laminas de ouro tinhaõ guarnecido:

Dellas estava o Templo enriquecido,
Dellas vestia o porfido triunfante
A Fama, mas o brado retumbante
Em precioso silencio emudecido.

E porque em mudos ecos escondia
Os pregões das proezas, que guardava,
E até de cem trombetas as não fia ?

Porque, ò preclaro Conde, adinhava,
Que só na vossa Historia se ouviria
Hum pregaõ, que às proezas igualava,

Do Padre Fr. Raymundo Missorio.

AO

Ao mesmo Assumpto,

S O N E T O II.

N Aõ escreveis, ò Conde, dais a vida
Ao Luzo Infante com dobrada gloria,
Porque renace agora em vossa Historia
Luz, que o silencio tinha amortecida.

Essa vida, que logra renacida
Izenta da penção de transitoria,
Jà por alto milagre da memoria
Confegue eternidade mercida.

Vive immortal o Infante esclarecido,
E por vossa eloquencia retratado
Vos paga a vida, que lhe tem devido :

Immortal premio tendes alcançado,
Pois na vida que logra renacido,
Vi virà voffo nome eternizado.

Do mesmo Autor.

AO SERENISSIMO INFANTE D. LUIZ,
do qual escreveu a vida o Excellentissimo Sen-
hor Conde do Vimioso,

SONETO.

Feniz refuscitay, Heroico Infante,
Em pyra de eloquencia renacido,
A quem do VIMIOSO esclarecido
Accende aromas discrição flamante:

A's azas, que vos dà chama elegante,
Procura a Fama ver seu voo unido,
Paraque hum voo de outro soccorrido
A coroar as nuvens se levante:

Mas se renace de eloquente chama
Vosso nome da idade victorioso,
E as vossas azas immortaes o acclama:

Desprezay outras, Feniz prodigioso,
Pois voaráõ mais alto que as da Fama
Com huma só penna da Águia do VIMIOSO.

De hum Anonymo.

VIDA

DE HUM ANONIMO.

S O N E T O.

R Everente a impulsos do respeito
Vos consagro, Senhor, sem vaidade
Este breve argumento da vontade,
E desdouro immortal do meu conceito.

Tão pouco delle estava satisfeito,
Que dizello me fez difficuldade,
Mas negallo não posso na verdade
A huma petição, que foy preceito.

Recebeyo, Senhor, para a Censura,
Porque seja meus erros distinguindo
A luz de vosso engenho mais notoria.

E se pela correção mais se apura
A obra, tem em vòs quem corregindo
A meus versos dê graça, e muita gloria.

h

VIDA

sem contemplação do poder ; e que a sua memoria hoje he venerada pelo nome que daõ as acções, e não pelos titulos, que acrescenta a dignidade. Pois ainda que ao seu Real fangue se devia sempre grande respeito, e veneração ; como os homens adoraõ mais a grandeza da fortuna, que a do nascimento, ficaria esta circumstancia sem as outras inutil, e ociosa na posteridade. E posto que à fama do mesmo Infante não seja menos gloriosa a duração das tradiçoens, que a dos escritos ; com tudo porque estes se conservaõ a pezar do esquecimento, e aquellas se perdem por defeito necessario da memoria ; devemos querer antes que esta fama illustre fique de algum modo escurecida pela humilidade do nosso estylo, do que se venha a extinguir pela tirannia do tempo.

2 Nasceo o Infante D. Luiz na
Villa



Villa de Abrantes a tres de Março do anno de 1506. Bautizou-le passados os oito dias, sendo Padrinhos o Duque de Bragança D. Jayme seu Primo com Irmão, e D. João de Almeida segundo Conde de Abrantes, e Madrinha a Duquesa de Bragança D. Isabel sua tia: foy filho quarto do felicissimo Rey D. Manoel, sendo huma grande parte da sua mesma felicidade o nascimento deste heroico Principe, e de sua segunda mulher a Rainha D. Maria, filha dos Reys de Castella D. Fernando, e D. Isabel; os quaes pela pureza da Fé, e zelo da Religião se acreditaraõ a si, e aos seus successores com a pia denominação de Catholicos. ElRey lhe deu logo por Governador da sua Casa a Ruy Telles de Menezes Senhor de Unhaõ, mostrando que o cuidado principal do amor paterno não he a opulencia, e

A ii

prof-

prosperidade dos filhos , mas o feliz acerto da sua doutrina ; sem a qual parece que tem desculpa o vicio , e que não tem fundamento a mesma virtude.

3 Aprendeu as sciencias mais proprias com o insigne Portuguez , e professor de todas Pedro Nunes (cujo nome ninguem pronunciou sem epitheto honroso) e fez tal progresso nellas pela viveza do engenho , pela grandeza da comprehençãõ , e pela applicaçãõ do estudo , que não deixou mais acreditado o Mestre pela honra do magisterio , que pelo fruto da disciplina. Por estas grandes qualidades , e dotes , e pelos mais superiores das virtudes , que ja se descobriaõ na sua tenra idade , entre as quaes se distinguia muito a obediencia , e fugeiçãõ filial , soube merecer de seus gloriosos Pays aquelle doce amor , e carinho

rinho, que devia produzir a natureza ajudada da razaõ.

4. Depois da morte do sempre memoravel Rey D. Manoel, succedida a 13. de Dezembro de 1521. (que os Vassallos choráraõ como filhos, e os estranhos como naturaes) se tratou logo da precisa solemnidade da Acclamação de seu filho primogenito D. Joaõ terceiro deste nome. Sahio o novo Rey a cavallo com pomposo acompanhamento para o Convento de S. Domingos de Lisboa, levando-o de redea o Infante D. Fernando, e diante servindo de Condestavel, montado em hum soberbo Cavallo com o estoque desembainhado o Infante D. Luiz, o qual, sentado El Rey em hum magnifico trono à porta do mesmo Convento, ficou ao seu lado direito com o estoque na mão, e entrando-se à cerimonia das homenagens

nagens (escuzada na lealdade Portugueza) lhe deu principio nas mãos do Escriptor da puridade D. Antonio de Noronha, depois Conde de Linhares; dizendo elle as palavras primeiro, e o Infante depois, cuja substancia he esta, **Eu o Infante D. Luiz juro a estes Santos Euangelhos, e a esta Cruz, em que pönho a mão; que eu recebo por Senhor, e Rey verdadeiro, e natural ao muy alto, muy excelente, e muy poderoso Principe ElRey D. João nosso Senhor; e lhe faço pleito homenagem segundo o foro, e costume destes Reinos. O qual juramento observou taõ escrupulosamente o Infante em toda a vida, que chegou a ser censurado da sua nimia observancia; e até persuadido por algumas pessoas não a que se emendasse deste defeito, mas a que não excedesse esta obrigação: porque se havia**
sacrifi-

sacrificado à vontade de seu Irmão, como se havia resignado na de seus Pays.

Vagou naquelle tempo o Priorado do Crato por morte de D. João de Menezes Conde de Tarouca; e como ElRey D. João o III. entendesse justamente, que a primeira cousa, em que devia pôr os olhos, eraõ os interesses de seus Irmãos; mandou logo Ayres de Souza Comendador de Santa Maria de Alcaçova de Santarem congratular o Papa Adriano Sexto da sua exaltação ao Pontificado, e juntamente pedir-lhe para o Infante D. Luiz a merce do Priorado do Crato: e pelo mesmo Ayres de Souza lhe offereceo huma pequena Cruz do Santo Lenho, que o Prestes João Emperador da Ethiopia mandara a seu Pay ElRey D. Manoel. Chegou Ayres de Souza a Caragoça, aonde ainda estava o novo Pontifice, e dando-

dando-lhe o recado de El Rey, lhe apresentou a preciosissima reliquia da Cruz, que lhe trazia, a qual elle beijou, e adorou com a piedade de verdadeiro Vigario do mesmo Crucificado. O Papa ainda que alguns dias dilatoou a concessão do Priorado, finalmente lhe passou o Breve, que sendo expedido com alguma nullidade, não pode ter effeito naquella occasião: e porque Ayres de Sousa não entendia a lingua latina (cuja ignorancia costuma ter estas consequencias) nem tambem tinha pratica dos negocios de Roma, não soube conhecer a falta de formalidade, que havia no mesmo Breve. E assim se fez preciso a El Rey enviar novamente ao Papa o Doutor João de Faria, que depois foy Chanceler mór deste Reyno, para se emendar o defeito daquella Bulla, levando ordem expressa de não passar de

Tor-

Tortosa, se o Papa tivesse partido para Roma. E porque o Papa havia ja feito a jornada, não pode João de Faria executar a diligencia, de que fora encarregado: a qual além destes embaraços teve muitos outros na empenhada resistencia dos Cavalleiros da Ordem de São João, não chegando a concluirse, senão depois da morte do Papa Adriano.

6 Mandando o Emperador Carlos Quinto complimentar a seu primo El Rey D. João pela falta lamentavel de seu grande Pay, e rogando-lhe pelos mesmos Embaixadores, que deste o seu beneplacito para voltar para Castella a Rainha Dona Leonor sua Irmã, viuva do mesmo Rey D. Manoel; deu o seu consentimento El Rey, e ordenou que os Infantes D. Luiz, e Dom Fernando com o Duque de Bragança,

B

e ou-

e outras muitas pessoas de grande representação acompanhassam a Rainha, que partio no mez de Mayo do anno de 1523, e despedindo-se della os Infantes seus enteados com saudosa reverencia de verdadeiros filhos, a entregárao na Raya ao Conde de Cabra, e ao Bispo de Cordova. No anno de 1524, justado o casamento de El Rey com a Infanta D. Catharina, Irmãa não só no sangue, mas também nos espiritos do Emperador Carlos Quinto, chegou ella no fim do mesmo anno á Raya entre Badajoz, e Elvas acompanhada do Bispo de Sigença, e do Duque de Bejar, e alli foy entregue aos Infantes D. Luiz, e D. Fernando; os quaes a receberam com o alvoroço, que pedia o parentesco, e com a magnificencia, que merecia a Magestade.

No principio do anno seguinte dezejando o mesmo Emperador repetir esta tão feliz, e gloriosa aliança, procurou despozar-se com a Infanta D. Isabel, irmã do nosso Infante, cuja belleza foy igual ao merecimento, e ainda mayor que a fortuna. Celebraraõ-se as suas Imperiaes vodas em Almeirim no mez de Novembro com hum vistossissimo farão, em que dançou a Rainha com a Emperatriz, El Rey, e os Infantes D. Luiz, e D. Fernando com varias Damas. No fim de Janeiro fez jornada a Emperatriz acompanhada de seus irmãos D. Luiz, e D. Fernando, e do Duque de Bragança D. Jayme, e de outros muitos Senhores com luzimento, e pompa extraordinaria. Chegaraõ a Elvas, donde sahio a Emperatriz em humã liteira, e pondo-se logo em humma saca foy atè à Raya na companhia

dós mesmos Infantes, que apeando-se
 dos cavallos lhe beijaraõ a mão. Chega-
 raõ a ella o Duque de Calabria, o Ar-
 cebispo de Toledo, e o Duque de Be-
 jans, e lendo o Secretario em voz alta
 a honrõsa comissão, que trazia o Duque
 de Calabria para esta entrega, lhe disse
 este, Vossa Magestade que manda?
 Não respondeo ella, porque a resposta
 havia de ser do Infante D. Luiz, que
 segurando-lhe as redeas do cavallo disse
 ao Duque, Eu entrego a Vossa Excel-
 lencia a Imperatriz minha Senhora em
 nome de El Rey de Portugal meu Se-
 ãhor, e Irmaõ, como Esposa do Em-
 perador Carlos. Ditas estas palavras en-
 tregou as mesmas redeas ao Duque, que
 respondeo, que em nome do Empera-
 dor seu Senhor se dava por entregue
 de Sua Magestade. A partaçõ se fêz
 os Infantes, beijando-lhe a mão ainda
 com

com mais respeito que ternura, e ella os abraçou com igual amor, que soberania.

9. Tratava ElRey ao Infante D. Luiz com affecto ainda mayor que o fraternal, entendendo que aos obsequiões, e rendimentos de filho não era correspondencia igual o carinho, e fineza de irmão. Fazia hum alto conceito da madureza do seu juizo, da independencia do seu animo, da lizura, e piedade do seu coração. Nenhuma coisa meditava, ou punha em prática, nem das que tocavaõ à guerra, nem das que pertenciaõ à paz, nem das que respeitavaõ a administração da fazenda, nem finalmente das que eraõ proprias do governo, e despacho ordinario, sem o seu parecer, e ainda sem o seu beneplacito, pareceõdo o Infante humas vezes, que não era irmão pela reverencia, com

com que aconselhava a ElRey ; e outras, que não era subdito pela conformidade, com que ElRey abraçava os seus dictames ; não provendo officio, nem concedendo merce, em que não tivesse muita parte, ou o arbitrio, ou a approvaçãõ do Infante ; e assim não havia benemerito, que não fosse promptamente despachado, e que lhe não beijasse a mão como generoso instrumento do seu despacho : sendo ainda mayor premio da obediencia do Infante as palavras de ElRey, que as suas obras ; porque dizia muitas vezes, que se os outros Irmãos fossẽem nesta parte perfeitos imitadores do Infante D. Luiz, pareceriaõ seus filhos : e tambem que nenhuma cousa havia de pedir nunca aos Infantes D. Luiz, e D. Fernando, porque este tudo lhe negava, e aquelle tudo lhe fazia.

Só afrouxava de algum modo os apertados vinculos desta amavel união o espirito marcial, e guerreiro, que o Infante nem podia conter, nem queria dissimular. Instava elle com seu Irmaõ, que o quizesse empregar militarmente no seu Real serviço; porque sabia, que as acções exercitadas na guerra são tão illustres, que aos homens de nascimento humilde os costumão ennobrecer, e tão poderosas, que às pessoas de alta origem as pôdem exaltar. E como o incitava menos a gloriosa ambição do nome, que o zelo ardente da Religião, pediu repetidas vezes a El Rey, que o deixasse passar a Arzila, para que fazendo hostilidade a toda a Mauritania, ou lha sugeitasse Christã, ou a extinguisse infiel; procurando louvavelmente corromper com dadivas os animos dos Ministros, para que com o seu

o seu voto ajudassem no conselho a mesma pertençaõ. Negoulhe ElRey esta licença , tal vez porque queria , que elle ficasse ganhando a mesma gloria sem a dependencia dos successos , e perigos da guerra.

II Não defenganado o Infante de adquirir mayor reputação por meyo das armas , do que tinha conseguido por beneficio das letras , determinou fazer a viagem da India para conquistar o Reyno de Cambaya ; e não só vencer aos nossos inimigos na campanha , e aos nossos Capitaens nos triunfos , mas ajudar poderosamente os nossos Missionarios no progresso do Christianismo , e conversão da Gentilidade ; porque se affirmava , que daquella conquista havia de resultar grande utilidade à Fé , e credito ao Estado. Vendo ElRey , que o Infante insistia em idéa
raõ

taõ heroica, e que embarcãrha pare-
 ceia mais iãveja da sua fama, que sau-
 dade da sua presença, lhe mandou apa-
 relhar huma armada de sessenta navios,
 a qual começãdo-se a aprestar com
 summa deligencia, se mandou suspen-
 der por varias causas: ficando o In-
 fante duas vezes glorioso nesta empre-
 za, huma pela intentar, outra pela não
 proseguir. Mas como elle generoso, e
 finalmente não pettendia nada de El Rey,
 que não fosse em seu mesmo obsequio,
 querendo servirlo com o valor assim
 como se servia com o talento, conti-
 nuava em fazer-lhe estas supplicas, sem
 El Rey) lhe deferir a ellas.

No anno de 1532. tendo
 noticia, que o Emperador seu Cunhado
 se prevenia para fazer guerra ao Turco,
 que com formidavel poder ameaçava
 o Reyno de Hungria. Ise preparou se-

C

C

creta-

cretamente para o acompanhar no credito, e piedade desta illustre facção ; porém como as materias pertencentes aos Principes, por occultas, e secretas que sejaõ, se não pôdem tratar sem algum ruido, veyo ElRey a saber da prevençãõ do Infante. E conhecendo que elle não só era incapaz de se retirar dos perigos com indecencia, mas capaz de se meter nelles com gloria, não o quiz dissuadir deste intento com razõens, a que resistisse, mas obrigalo com promessa, que observasse: e assim lhe fez dar juramento de que havia de desistir da empreza. Tal era a inclinaçãõ, que o Infante tinha às armas, que só a profissãõ de verdadeiro anteporia à de Soldado!

13 Era ja taõ aplaudido, e celebrado em todo o mundo o nome do Infante D. Luiz, que os Principes estrangeiros

trangeiros desejavaõ com razaõ por meyo de alguma estreita aliança participar da gloria do seu alto merecimento, de que temos hum testemunho publico, e irrefragavel. No anno de 1529 estando em Anvers no serviço de El-Rey D. Joaõ o grande historiador Damiaõ de Goes, o enviou o mesmo Senhor a Altemburgo, e dahi à Corte de El-Rey de Polonia Sigismundo primeiro, que entaõ residia em Vilna Capital do Ducado de Lituania, donde depois de concluidos os negocios, a que fora mandado, tornou à Cidade de Dantzic em Prussia, e fatisfeitas as diligencias daquella segunda missaõ, partio para Cracovia Capital de Polonia inferior. Nessa Cidade achou a Christovã Scholovisco, que na ausencia de El-Rey era Vizo-Rey de ambas as Polonias, e a Joaõ Tarnovio Capitaõ

da Cidade, e Fronteiro môr dos confins entre Polonia, e Tartaria, homem de summa authoridade, e a quem El Rey D. Manoel fizera a grande distincão de armar Cavalleiro com outros dous Gents-homens Polacos em Lisboa na Igreja de São Juliaõ no anno de 1516. Estes Cavalheros pois introduziraõ a pratica com Damiaõ de Goes, de que El Rey Sigismundo (se o ro-gassem) cazaria com summo gofsto huma filha unica chamada Heduvige, que tinha de Barbara sua primeira mulher, Irmãa de El Rey de Hungria Joaõ Sceposiense, com o Infante D. Luiz: e lhe daria hum dote correspondente à dignidade, e soberania de taes vodas. De sorte, que pode inferir que elles tinhaõ ordem expressa do seu Principe para tratarem esta negociaçãõ. E o mesmo Damiaõ de Goes vio, e fallou à Prin-

Princeza , que assistia em hum nobre Castello da Cidade de Cracovia , e lhe pareceo dotada de grande fermosura , e distincção. Da summa importancia desta materia avifou a ElRey da Cidade de Anvers , acrescentando que em consequencia deste matrimonio viria provavelmente o Infante D. Luiz a Reinare em Polonia ; porque ElRey não tinha mais que hum filho de Bona sua segunda mulher , filha de Galeaço Esforcia Duque de Milaõ. E como nem ella , nem seu filho eraõ amados do povo , nem agradaveis à Nobreza do Reyno , e este era electivo , seria não sò possível , mas muito natural , que pela morte de ElRey elegeassem para seu successor o Infante , digno pelas suas soberanas qualidades de mayor fortuna. Respondeo ElRey a Damiaõ de Goes , agradecendo a participacão da noticia ,
e con-

e confessando o acerto da proposta. Não sey os motivos, porque se não effectuou este casamento: só sey que o Infante D. Luiz se necessitava da extensão de dominios para a figura de Rey, não dependia do theatro de hum Reyno para a representação de Heroe.

14. Não se achava o desejo desta aliança dentro sómente dos limites da Europa, também se descobria nas regioens de Africa. Refere Diogo de Torres Autor da Historia dos Xarifes, que achando-se elle na guerra do Xarife Rey de Marrocos, sahira a recrear-se por hum jardim huma filha do mesmo Rey vestida no trage Espanhol, e acompanhada de varias Damas Christãs, e Mouras; e que procurando beijar a mão à Princeza, ella fazendo-lhe primeiro algumas honras, lhe ordenara, que receesse huma capella de flores

res

res à maneira das coroas , de que usavaõ os Monarcas Christãos ; e que depois de composta , e offerecida , a puzera na cabeça , dizendo-lhe que nunca ella morresse , sem se ver casada com o Infante D. Luiz , sendo Rey de Marrocos : provando-se igualmente esta sua inclinação , e affecto , não só de fallar com propriedade a lingua Portugueza , mas de trazer consigo o retrato do Infante D. Luiz. E acrescentaõ muitas pessoas de autoridade , e credito , que estes dous Principes se correspondiaõ familiar , e amorosamente ; e que ella escrevera ao Infante vendo inutil a sua pertençaõ , por ElRey não querer, que o mesmo Infante passasse a Africa ; que se necessitasse de dinheiro para fazer a jornada , lho mandaria em tanta abundancia , que desde Lisboa a Marrocos se pudesse fabricar huma ponte de

de ouro , e prata. De tudo isto se conclue , que atè entre barbaros são veneradas as virtudes ; e que as do Infante D. Luiz não só lhe mereciaõ veneração , mas lhe conciliavaõ amor.

15. Depois que o Infante D. Luiz entrou a governar o Priorado do Crato , que obteve do Papa Clemente VII. no anno de 1527. procurou logo servir aquella em todos os tempos preclarissima Ordem , não só com a pontual observancia dos seus Estatutos , mas com a religiosa grandeza de duas fundações. E celebrando Capitulo Geral com os Commendadores do Priorado neste Reyno , lhes propoz que elle determinava erigir dous Mosteiros , hum na Flor da Rosa para trinta Freires (que se não chegou a formar) outro na Villa de Estremoz para quarenta Religiosas em huma casa magnifica ,
que

que tinha fabricado ElRey D. Manoel, e que agora para este fim tinha dado ao mesmo Infante ElRey D. Joaõ o III. para o qual edificio intentava mudar hum Convento pobre, que havia em Evora, de poucas Freiras do mesmo habito com principio de relaxaçãõ, fundado no anno de 1519. por Isabel Fernandes mulher de conhecida nobreza (cuja fabrica ja ameaçava ruina) e incorporado na Ordem por D. Diogo Fernandes de Almeida Graõ Prior, querendo dotar a nova Congregaçãõ com tres mil cruzados de renda, tirados das Igrejas livres deste Priorado, e de outras da sua appresentaçãõ.

16 Approvada geralmente taõ util, e zeloza proposta, mandou pedir ao Gran Mestre, e Conselho de Malta, que já rezidia naquella Ilha, o seu beneplacito, e confirmaçãõ; con-

D

seguio-a

seguio-a logo de Fr. Felippe de Villiers de L'Isle Adam , Graõ Mestre naquelle tempo , que por votos conformes , e com grandes expressoens de agradecimento aceitou a fundação do Mosteiro , como consta destas clausulas do seu Breve expedido a seis de Fevereiro de 1533. que dizem assim.

Tandem induxit duo Hospitalia instaurare ad Dei laudem , ac memoriam Christi Praecursoris Divi Joannis Baptista , Patroni , ac Tutelarum nostrum ; alterum Monialium mulierum non plus quadraginta , alterum Fratrum , nostrorum Capellano- rum triginta ad summum ; ritus , ac Religionis nostra :::: locus autem Religiosis viris , nostris fratribus redditus , vulgo Flos Rosa dicitur :::: locus autem Sororibus nostris Monialibus , liberali pietate , nunc primum à Domino Ludovico donatus ante hos annos , sumptuosissime in oppido.

pido, seu Civitate Estremôs, fuit adifica-
 tus per invictissima, ac felicissima recor-
 dationis Regem Emmanuelem, quem mo-
 dò illustrissimus idem Portugallia Infans
 à Potentissimo Rege fratre suo impetravit
 dono; in quem valde paucas Ordinis nos-
 tri sorores, quæ prius vagè in Regno Por-
 tugallia non sine Ordinis, & professionis
 suæ infamia vivebant, concludere habet in
 animo earundem numero aucto ad quadra-
 ginta: Hac omnia sic gestà, uti narrata
 sunt, quæ nos publica approbatione confir-
 mari petiit ipse D. Ludovicus, unanimi-
 ter cùm Fratribus, & Religiosis nostris,
 omnibus dicti Regni Portugallia::: Cu-
 jus quidem petitionis aequitas::: Idem
 Princeps Ludovicus effecit, ut denegare ni-
 hil, nec possimus, nec debeamus. Placent
 igitur, & rata, grataque habemus quacum-
 que in hoc Religioso, & salutari negotio
 supra expresso acta, factaque sunt, illaque

D ii

in vicem

in vicem maturè , & deliberato Consilio de nostra certa scientia laudamus , & approbamus.

17 A mesma confirmação supplicou o Infante ao Papa Paulo Terceiro , o qual lha concedeo por huma Bulla passada na Cidade de Viterbo aos dezeseis de Dezembro de 1539. em que se dá amplissima faculdade ao Infante , e seus successores para ordenar a seu arbitrio as Leys , e fazer as Constituições daquelle Convento. Este sujeitou o Infante ao governo espiritual dos Religiosos da Provincia dos Algarves ; de que tem nascido grandes disputas , e controversias entre a mesma Religião , e a de Malta ; querendo huma defender o seu justo dominio , outra conservar a sua antiga posse.

18 Chegou finalmente o tempo, em que o Infante D. Luiz se havia de coroar

coroar com os triunfos de duas vitorias successivas , não só das mais illustres que vio aquella idade , mas das mais celebres , que testemunhou o terreno de Africa tão costumado a ellas. Achava-se o Emperador Carlos Quinto offendido como Monarca , e irritado como Capitão , dos repetidos insultos , que fazia nos seus dominios de Italia aquelle atrevido Cossario Heredim Barba Roxa , o qual infestando os mares , devastando as terras , exercitando nos Povos não só as hostilidades de inimigo , mas as crueldades de barbaro , sendo em huns tyranno da Fé , em outros da liberdade ; querendo em fim com mais ouzadia , que ambição , fiado nas forças , e poder do Turco (de quem era General do mar) encobrir de baixo do especioso titulo de Rey o nome , e officio vil de pirata , intentou , e conseguiu

guiu despojar cavilosamente do Reyno de Tunes a Muley Hazem, que entã o governava. Este vendo que da fortuna de Soberano, ou havia de passar para a infelicidade de fugitivo, ou cahir no abatimento de escravo; e que naõ era contra o decoro Regio, mas a favor da sua mesma authoridade buscar o amparo, e refugio de hum Principe poderoso contra a usurpação de hum insolente pirata; se resolveo a supplicar por seu Embaixador ao Emperador Carlos V. que o favorecesse na justiça da sua causa, offerecendo-lhe hum tributo, ou feudo, naõ só em testemunho do seu agradecimento como devedor, mas em final da sua dependencia como Vassallo. O Emperador, que já estava resolute a extinguir para sempre a memoria de Barba Roxa em vingança, ou castigo das proprias injurias, reconhecendo tambem, que era acção muy digna de

de seu valor depor o Rey intruso, e da sua clemencia introduzir o natural, determinou empenhar a sua augusta pessoa na necessidade de tamanha empreza, e mandando alistar soldados de todas aquellas naçoens, de que era Senhor, e recolhendo as tropas mais veteranas, e bem disciplinadas, escreveu a El Rey D. Joaõ no anno de 1534. que o quizesse ajudar em facção taõ importante, mandando-lhe bastante numero de gente, e de navios, com declaraçõ, que este mesmo soccorro, para ser opportuno, havia de estar prompto em Barcelona até o mez de Março do anno seguinte.

19 El Rey mandou armar com summa brevidade tres grandes nãos, vinte e seis Caravelas, e sete navios redondos, para se guarnecerem com dous mil e quatrocentos homens pagos (alem dos

dos voluntarios, que eraõ muitos) e o famoso Galeaõ Saõ Joaõ Bautista ; cuja formidavel grandeza referem com afombro os mesmos Autores estrangeiros : porque jugava 366. peças de bronze, e levava 600. mosqueteiros, 400. soldados armados de espada, e rodella, e 300. artilheiros, sendo ja taõ celebre naquelle tempo, que se conta, que o Emperador pedira, que elle fosse a parte mais principal do soccorro, que esperava. E porque ElRey D. Joaõ teve noticia por alguns cativos, que tinhaõ fugido de Tunes, que Barba Roxa desde a fortaleza da Goleta até a outra ponta da terra tinha posto por baixo da agoa huma muy grossa cadêa, de sorte larga, e frouxa, que os navios pequenos, e galéz da armada inimiga naõ pudessem navegar pelo rio, que he pouco fundo, mas ficassem encalhados naquelle

quelle Estreito, que forma hum braço do Mediterraneo, mandou pôr hum ralhamar de aço fino na proa do mesmo Galeão, para que, quando se chegasse mais perto da cadêa, a rompesse facilmente sem receber danno.

20 De toda esta Armada, capaz de ajudar a vencer a do Emperador, fez ElRey General a Antonio de Saldanha, benemerito de tão honroso emprego, dandolhe todos aquelles poderes, que merecia a authoridade das cãas, e a superioridade do cargo. Os fidalgos, que sabemos, que se embarcaram nella (excepto os Capitães) foram, D. Affonso de Vasconcellos filho do Conde de Penéla, D. Fernando de Noronha, D. Francisco de Faro, D. Francisco Pereira, Embaixador que foy de ElRey D. Sebastião em Castella, D. Affonso de Castellobran-

E

CO

co, Meirinho môr, João Gomes da Sylva, Pagem da Lança, e D. Luiz de Ataíde, que depois foy Conde de Atouguia, e morreo na India, sendo segunda vez Vizo-Rey daquelle Estado. Todos estes fidalgos não fó não recebiaõ foldo, mas sustentavaõ foldados à sua custa, e levavaõ grande numero de criados com galas, e librés magnificas, tendo já por premio do seu serviço a grandeza da mesma occasiaõ. Os Capitaens eraõ, Pedro Lopes de Soufa, o grande D. João de Castro, que depois foy Vizo-Rey da India, como diremos em seu lugar, Simaõ de Mello, Jorge Velho, Henrique de Macedo seu primo, Simaõ da Veiga, Francisco Rodrigues Barbas, Ignacio de Bulhoens, Antonio de Mancellos, Henrique de Soufa Chichorro, Francisco Mendes de Vasconcellos, Gaspar Tibáo, Manoel

noel de Brito, Balthezar Lobo Teixeira, Manoel Brandaõ, Nuno Vaz de Castellobranco, Thomaz de Barros, Francisco Homem, Antonio de Azambuja, Francisco Chamorro Garcèz, D. Henrique de Sá, Balthesar Banha.

21 Chegando este apparatus militar à noticia do Infante D. Luiz, tratou elle logo de se acautelar de qualquer preceito positivo de ElRey seu Irmão, que deixando-lhe só o louvor de obediente, que muitas vezes tinha merecido, lhe roubasse a gloria de vencedor, que ainda naõ tinha alcançado. E tanto que soube da partida da nossa armada, que foy em huma quarta feira primeiro de Abril, sahio de noite occultamente da Cidade de Evora, aonde entaõ affistia a Corte, acompanhado de hum Moço da Guardaroupa, e alguns Fidalgos, como Manoel

E ii de

de Souza Chichorro , Francisco Pereira Pestana , Pedro Botelho , e André Telles de Menezes , todos com animo deliberado de não tornarem a ver a patria sem primeiro a acreditarem com alguma façanha. Logo que se espalhou pela Corte a partida inesperada do Infante , o seguiraõ sem permissaõ de ElRey varias pessoas illustres ; e entre ellas, Luiz Alvares de Tavora, Senhor do Mogadouro , e seu Irmaõ Ruy Lourenço de Tavora , que depois foy Vizor-Rey da India , D. Joaõ Pereira filho do Conde da Feira , D. Affonso de Portugal filho herdeiro de D. Francisco de Portugal , primeiro Conde do Vimioso , Tristaõ de Mendonça , Joaõ Freire de Andrada , e o Duque de Bragança D. Theodosio , o qual , ou porque o Infante lhe tivesse communicado o intento da sua jornada , ou porque

que elle se inflammasse no desejo da mesma fama , sahio de madrugada de Evara , seguindo os passos do Infante , que ainda alcançou em Arronches. Muitos outros pertenderaõ licença de ElRey para fazer o mesmo , sendo hum destes D. Joaõ de Lancastro Duque de Aveiro , que tinha vindo de Setuval pela posta , mas ElRey lha não quiz conceder , não obstante haver feito grandes , e repetidas instancias.

22 ElRey ainda que por huma parte estava summamente magoadõ da honrada fogida do Infante pelo detrimen- to , que havia de experimentar a Republica na sua ausencia , e por elle não ter hido com aquelle decoro , de que necessitava a pessoa , e requeria a funcão , estava por outra justamente satisfeito , ou invejoso , não só do grande animo , com que o Irmaõ despreza-
va

va os perigos , mas do grande ardor, com que os buscava. E apenas teve noticia , que o Infante se tinha ausentado , quando deu ordem a D. Antonio de Ataíde , primeiro Conde da Castanheira , que lhe levasse aquella licença (tantas vezes inutilmente procurada) para continuar a jornada , e credito de cem mil cruzados , com sincero , e generoso offerecimento de tudo o mais, de que tivesse necessidade , ou gosto ; escrevendo ao mesmo tempo ao General Antonio de Saldanha , que estivesse sempre às ordens do Infante D. Luiz, não o distinguindo para esta obediencia da sua propria pessoa : e não só permittio , mas ordenou a muita parte da Nobreza , que fosse para a comitiva, e serviço do Infante , fazendo-lhe tambem merce de competentes ajudas de custo. Os fidalgos , que pudêmos averiguar,

guar , foraõ Pedro Mascarenhas , Luiz Gonçaves de Ataíde , Lourenço Pires de Tavora , D. Joaõ d'Eça , D. Pedro Mascarenhas , que foy Vizo-Rey da India , Tristaõ Vaz da Veiga , D. Garcia de Castro , Antonio de Albuquerque , Fernaõ da Sylveira , D. Francisco Coutinho , Belchior de Brito , Pedro da Fonsca , D. Antonio de Almeida , Ruy Mendes de Mesquita , Joaõ de Sepulveda , D. Pedro de Sá , Dom Diniz Pereira , outro filho do Conde da Feira , Ruy de Mello , Braz Telles , Jorge de Lima , Pedro Botelho , D. Diogo de Castro , e D. Joaõ de Sá. Porém naõ consentindo , que o seu Reyno ficasse privado de hum vassallo, que se distinguia pouco dos mesmos Soberanos , deu huma Carta de crença ao mesmo Conde da Castanheira , para que suspendesse o Duque de Bragança,

e o

e o fizesse voltar. O Duque confessando, que era contra a obrigação desobedecer a ElRey, e parecendo-lhe contra o pundonor não acompanhar o Infante, escreveu a ElRey, mostrando-se grandemente sentido daquella violencia, e procurando efficazmente evitalla com o seu beneplacito. Ditosos tempos, em que os Principes só obrigavaõ os vassallos para os livrarem dos successos, em que se arriscava a vida, e os vassallos só reputavaõ por favor dos Principes o consentimento para as acçoens, em que se segurava o nome „ ElRey respondeo ao Duque „ que se fosse sómente do seu agrado, que „ elle voltasse, por lhe não dar tamanho „ desgosto, cederia da propria vontade; „ mas pois convinha, e importava affim „ ao seu Real serviço, lhe pedia que se „ não queixasse, porque esperava da sua
fide-

„ fidelidade , e amor , que tivesse por
„ mayor gloria servir ao seu Rey , que
„ vencer huma batalha ; e que lhe tor-
„ nava a lembrar que viesse com bre-
„ vidade , para lhe poder agradecer logo
„ a fineza do mesmo sacrificio. Obede-
ceo o Duque , merecendo ja menos na
obediencia depois das expressoens , e
honras desta reposta. E antes de partir
para Evora , mandou aos Officiaes de
sua casa , que repartissem quinze mil cru-
zados , com que se achava, por todas as
pessoas , que ficavaõ com o Infante ,
considerando o aperto , e graduacão
de cada huma dellas ; os quaes muitos
naõ quizerãõ aceitar , porque queriaõ
servir ao Infante D. Luiz independen-
tes , naõ só do offercimento de outra
pessoa , mas da remuneraçãõ do mes-
mo Infante.

23. A nossa Armada tomou o
F porto

porto de Barcelona em huma quarta feira vinte oito de Abril , e salvou a Cidade com espantoso , mas alegre horror. O Emperador quiz ver a entrada das Casas do Embaixador de Portugal Alvaro Mendes de Vasconcellos , que ficavaõ sobre o mar. Os Duques de Alva , e Cardõna , com outras muitas pessoas de distincão , deceraõ à praya a esperar o General , e Fidalgos da sua companhia , os quaes levou a beijar a maõ ao Emperador , que os honrou como Soberano , e os festejou como particular.

24 O Infante , correndo sempre a posta com as pessoas da sua comitiva, em hum Domingo vinte e tres de Mayo chegou a Barcelona , estando ja prompto o Emperador para fazer jornada. Foy recebido delle com todas as demonstraçoens , que merecia , e reco-
men-

mendava o esplendor do fangue , a uniaõ do parentesco , as qualidades da pessoa , e a especialidade do obsequio. Esperou-o na escada do seu Palacio , mandou-o servir pela sua familia , louvoulhe a resoluçaõ do animo, que o movera , encareceolhe as incomodidades do caminho, que experimentara , e representou-lhe a importancia da acçaõ, a que se offerecia. Aos Fidalgos , que tinhão vindo com o mesmo Infante, tratou com a benevolencia , e attençaõ, de que se sabe revestir nos Principes o agradecimento. Logo na segunda feira foy ao Paço o General Antonio de Saldanha com todos os Capitaens, e Fidalgos da nossa armada comprimentar, e beijar a maõ ao Infante ; aos quaes elle fez as mesmas honras , que lhe teria feito na patria , e que devia fazerlhe com mais razaõ fóra della. Na quinta

F ii

feira,

feira , dia em que se celebrava a festa do Corpo de Deos , acompanhou o Infante a Procissão , levando o Palio com o Emperador, os Duques de Cardona, e Calabria de huma parte, e da outra os quatro Governadores da Cidade.

25 Não cessavaõ o Emperador, e o Infante de se fazerem reciprocamente attençoens em tudo iguaes , desejan-do hum agradar ao hospede , o outro agradecer a hospitalidade. Huma noute pois recolhendo-se ambos para o Paço , se detiveraõ ao entrar de huma porta , insistindo na urbanidade de nenhum delles querer passar diante. O Emperador conhecendo , que o Infante só não queria cederlhe na veneração , pegando-lhe do braço o violentou a que entrasse primeiro. Elle entendendo , que assim como aos outros , podia fazer honras ,
do

do Emperador devia aceitaras , e desejando não ficar menos airoso , tomou a hum pagem a tocha , que levava para acompanhar ao Emperador. Foy esta delicada , e engenhosa attenção do Infante summamente celebrada em toda Hespanha. Posta ja de verga de alto a Armada do Emperador , se embarcou elle em hum Domingo trinta de Mayo do anno de 1535. em huma fermoza galè de quatro remos por banco , que o Principe Andrè Doria mandára fabricar em Genova para esta mesma viagem , e nella levou consigo o Infante D. Luiz acompanhado de D. Pedro Mascarenhas , e Andrè Telles de Menezes; e ao outro dia sahio do porto de Barcelona com toda a Armada. Tinha ella navegado poucas legoas , quando lhe deu hum temporal taõ rijo , que a fez dividir , e tomar diversos portos : as galèz

galèz arribaraõ a Malhorca, aonde estiveraõ, até que o resto da Armada se unio em Porto Mahón em Minorca; e com a mudança do bom tempo fez a viagem na volta de Sardenha, e foy aportar em Calhari, e em outros lugares daquella Ilha; aonde chegou o Marquez del Basto com hum grande numero de nãos, de galèz, e de outros navios pequenos. O Emperador teve noticia por huns cativos, que alli chegaraõ em huma barca fogindo de Tunes, da fortificação, que Barba Roxa fazia na Goleta, e que nella intentava armarse, e defenderse; por cuja causa apressou o Emperador a sua partida, e no dia seguinte se fez à vella a poderosa, e soberba Armada; a qual constava de quatrocentos vasos entre grandes, e pequenos, em que havia noventa galèz Reaes, e algumas galetas,

leotas , e fustas de aventureiros de Hespanha , de Italia , e de outras partes. Levava , excepto a gente do mar , e do serviço , vinte e quatro mil homens de Infanteria de diversas naçoens , e mil e quinhentos de Cavallaria , que se compunha de mil Fidalgos , e Senhores particulares de differentes Provincias armados com variedade , e de quinhentos Soldados Hespanhoes. A ordem das embarcaçoens era esta: hiaõ diante as de Portugal , seguiaõ-se as de Napolles , logo as de Hespanha , e ultimamente as galéz , e navios de remo. Foy a Armada navegando com tempo prospero , e favoravel até chegar perto da Goleta ; a qual o Emperador mandou reconhecer em huma terça feira quinze de Junho pelo Marquez del Baſto , com algumas galéz , que lhe trouxeraõ relação particular , e verdadeira

deira da fabrica da torre , da fortifica-
ção da Praça , e da capacidade do por-
to. Ao outro dia dobrando a Arma-
da o Cabo , que fica entre o mar , e a
Goleta , e fazendo-se o desembarque
com boa ordem , os primeiros , que sal-
taraõ em terra , foraõ os Soldados ve-
lhos do terço de Francisco Sarmiento
com algumas peças de artilharia miu-
da , e alguns cavallos ligeiros : seguiu-
se logo o mesmo Emperador com o
Infante D. Luiz , e todos os mais Ca-
valheros , que hiaõ naquella embarcação.
Tinhaõ os Mouros desamparado varias
Aldeyas , que ficavaõ junto ao mar ,
e em huma dellas se alojou o Empera-
dor , e o Infante. Nesses dias , nem os
Mouros , nem os Turcos fizeraõ a me-
nor resistencia , fóra de alguns mais
barbaros , e sem disciplina , que anda-
vaõ correndo pela praya com os seus
custu-

custumados alaridos , e se retiravaõ fazendo escaramuças por lugares seguros. No mesmo , e no seguinte dia desembarcou toda a gente , cavallos , artilharia , e muniçoens ; e logo se começou a tratar da expugnação da Goleta, porque nem o Emperador , nem os seus Conselheiros acharaõ conveniente passar a Tunes deixando nas espaldas hum taõ formidavel inimigo. Barba Roxa , que era ornado do valor , que lhe deo a natureza , e lhe acrescentou a fortuna , naõ desmayando à vista de hum Exercito numeroso , e de hum Monarca invencivel ; e parecendo-lhe , que lhe naõ era facil defender a Cidade de Tunes por muytas razoens , que soube considerar como soldado taõ pratico , se resolveo a esperar na Goleta o inimigo : e mandando-a fortificar por todas as partes , que eraõ mais proprias para a segurança das

G

suas

suas tropas , e danno das contrarias , sem perdoar a nenhum trabalho , ou despeza , a guarneceo com sete mil homens de gente escolhida. No tempo, em que o Emperador desembarcou , achava-se com quinze mil homens de cavallo , ainda que bizonhos , que ajudados de alguma Cavallaria , e Infantaria da Cidade de Tunes , sahiaõ ao campo para escaramuçar com os nossos. Em huma festa feira vinte cinco de Junho antes de amanhecer , entraraõ mil Turcos dentro do Campamento do Exercito Imperial , e matandolhe sessenta homens , lhe tomarãõ huma bandeira , e se retiraraõ. No mesmo dia appareceo junto de hums olivæes grande numero de Mouros sobre o campo do Emperador assaltando contra elle tres peças muy grossas de artilharia. O Emperador estimulado muito mais da ousadia , que tiveraõ ,

raõ, que do danno, que podiaõ causar; da sua gente de cavallo formou dous esquadroens, e juntamente com o Infante D. Luiz atacou de sorte os inimigos, que logo lhe tomou duas bandeiras, fazendo-os retirar com perda de sessenta e quatro Mouros. O Emperador, que estava deliberado a bater, e assaltar a fortaleza, gastou alguns dias no cuidado das trincheiras para este fim, o que se executou com muito trabalho, e difficuldade, por naõ haver naquelle paiz nada, do que era necessario para se fazerem as mesmas trincheiras, servindo as galèz de conduzirem todos os materiaes para a obra. Neste tempo houve varios choques de dia, e de noite com danno de ambas as partes, sendo sempre o do inimigo muito mais consideravel. Tendo ja o Emperador escolhido o sitio, aonde fa-

cilmente se podia bater a muralha , e dispondo todas as cousas com grande providencia , mandou pôr tres batarias nos lugares , em que podiaõ fazer mayor estrago ; e porque o mar estava entaõ foffegado , e pacifico , ordenou que tambem a Armada batesse por diversas partes conforme a qualidade dos seus navios. Começou-se a bateria por terra, e por mar com tal estrondo , continuaçãõ , e violencia , que em breve tempo se descobriraõ nos animos dos inimigos não só indicios , mas demonstraçoens evidentes de fraqueza , e covardia. O nosso decantado Galeaõ jugava por cima de toda a Armada , e como ja dissemos , quando fallámos nelle, que Barba Roxa tinha posto huma grossa cadêa para impedir todas as embarcaçoens , succedeu-lhe como imaginava; porque os navios mais possantes da Armada

mada Imperial ficaraõ detidos, e embaraçados nella. Recorreo o Emperador ao Infante D. Luiz, pedindo-lhe que com o seu Galeaõ cortasse aquella cadêa; executou-o assim o Infante, e foy de balde o primeiro impulso. Ouviraõ-se grandes vozes de Castelhanos, e Mouros, humas de sentimento, e outras de alegria. Empenhou-se mais o Infante em vencer este grande perigo, mandando ao Piloto, que se fizesse ao mar, e tivesse a prevençaõ, que ao principio lhe faltara, largando todo o pano ao vento, que refrescava em popa. Dà segundo golpe na cadêa o espantoso baixel com taõ furiosa violencia, que logo a rompeo, e fez em pedaços. Deiraõ-se grandes vivas em toda a Armada; ficando os Barbaros ainda mais cheyos do affombro da novidade, que do medo da ruina. Lançou o Galeaõ
ferro

ferro entre a grande fortaleza de ladri-
lho , e a outra torre ; e principiou a
bater a Goleta , como se fosse huma
fortaleza mayor , e mais segura , gas-
tando tantas horas do dia em bombar-
dear aquella fortissima Praça , que atè
os nossos parecia que olhavaõ para elle
com respeito , os Castelhanos com
emulaçaõ , e os inimigos com odio.
Acabada esta primeira , e horrivel ba-
taria , entraraõ os mais navios da Ar-
mada pela garganta da Goleta , e con-
tinuando-se as outras batarias , em que
se fouberaõ distinguir as nossas carave-
las ; e durando desde o principio da
manhãa atè o meyo dia , se abrio fi-
nalmente huma brecha larga , e capaz
de sobirem por ella os Soldados sem
impedimento. O Emperador mandou
dar seis escadas a cada companhia dos
Soldados veteranos Espanhoes , e fa-
zendo-

zendolhe elle mesmo huma pratica taõ breve , como efficaz ; e implorando para si , e para elles o favor de Jesu Christo (cuja Divina Imagem arvora- ra à vista de todos) e o patrocínio do Apostolo [Santiago (cujas Sagradas memorias se festejavaõ naquelle dia , que era hum Domingo vinte e cinco de Julho) lhe mandou fazer o sinal para dar o assalto. Este se deu com tal esforço , e impeto , que os Imperiaes, a pezar da resistencia, e obstinaçaõ dos Barbaros , montaraõ a brecha , e correndo atè a Praça , a acharaõ desguarne- cida de hum grosso esquadraõ , que a defendia ; e fazendo-se senhores della pelo poderoso direito das armas , hum Soldado de valor arvorou huma ban- deira no lugar mais eminente da fortaleza , em glorioso , e mais publico sinal da vitoria. Aos Portuguezes cou-
be

be certamente a mayor parte do perigo nesta occasião ; porque não tendo escadas fobiaõ com grande ligeireza ; ou se atravessavaõ com estupendo valor pelas mesmas lanças dos inimigos ; ficando vencedores até dos companheiros. Tomaraõ-se aos Turcos neste alegre ; e dito dia 300. peças de artilharia de bronze ; além de outras muitas de ferro ; e oitenta e sete navios de remo , em que entravaõ quarenta galez Reaes , e doze , que os mesmos infieis haviaõ tomado aos Christãos em diversos tempos. Dos Turcos morrerãõ neste assalto dous mil. O Emperador entrou logo na Goleta com o Infante D. Luiz , com ElRey de Tunes, e outras muitas pessoas de qualidade , e esplendor. Em quanto durou a porfia do combate , obrou o Infante acçoens dignas do seu Real esforço , e filhas da

da sua grande sciencia militar , achando-se sempre ao lado do Emperador , ja para o defender dos perigos com o braço , ja para lhos acautelar com a prudencia.

26 Depois desta taõ ardua empreza se disputou no conselho do Emperador , se se devia intentar a conquista de Tunes , para ficar mais util a primeira vitoria ; ou voltar logo para Hespanha , por naõ ser necessario o segundo triunfo. E concordando quazi todos os votos , em que o Emperador se devia recolher cheyo de huma gloria illustre , e segura de algum infortunio, se oppoz heroycamente o Infante D. Luiz , ajudado do Duque de Alva , propondo os inconvenientes , que haviaõ de resultar de se perder a occasiaõ da nova conquista , ainda sem ponderar o discredito , que precisamente se havia

H. de

de seguir de ceder della. O Emperador, para quem pesava mais o voto do Infante, que o de todos os seus Confe-
lheiros, não só como animoso, mas como prudente, approvou esta resolu-
ção, mandando marchar as tropas para a Cidade de Tunes, que fica qua-
tro legoas distante. Esperou as Barba Roxa fóra da muralha, formando em esquadroens a sua gente, que eraõ ses-
fenta mil Mouros, e oito mil Turcos. Investirão ellas com o costumado im-
peto, sustentáráõ no elles com bastan-
te constancia. Quatro vezes se achou desbaratado Barba Roxa, e outras tan-
tas se tornou a formar, até que com manifesta fogida se encerrou, e escon-
deo dentro dos muros de Tunes. Quiz elle tomar a resolução de dar a morte a todos os cativos, mas avizados do seu perigo por hum Mouço, ou rené-
gado,

gado, sahindo das prisoes se levantáraõ com a fortaleza, donde com varios fogos deraõ final ao nosso Exercito desta novidade. Barba Roxa, desconfiado ja até de si mesmo, tratou só de salvarse com vergonhosa, e precipitada fogida, levando de Tunes para Bonafete mil Turcos, e hum thesouro consideravel. Tomou-se a Cidade com morte de doze mil Mouros, e com grande utilidade dos que a saqueáraõ. Abri-raõ-se as portas do Castello, e nelle se acharaõ vinte mil Christãos de todas as naçoens, e idades, aos quaes não só soccorreo o Emperador, mas mandou conduzir às suas patrias. Restituido pois o Senhorio de Tunes a Moley Hafem, a quem fora usurpado, jurou este as Condiçoens, com que se lhe deu a posse daquelle Reyno, sendo huma dellas, que elle, e os seus successores

haviaõ de pagar todos os annos aos Reys de Castella o tributo de seis cavallos , e dous falcoens.

27 O Emperador mandou dar dous mil cruzados a cada Capitaõ da nossa Armada ; mas D. Joaõ de Castro unicamente os engeitou com animo não desprezador , mas desinteressado. O mesmo Emperador , ou pela estimaçaõ da pessoa , ou em remuneraçaõ do serviço , lhe quiz fazer a honra de o armar Cavalleiro , que elle não quiz receber , pelo haver sido ja pelas illustres mãos de D. Duarte de Menezes, Governador de Tangere , taõ celebrado dos Europeos , como temido dos Africanos. Tambem nesta jornada honrou, e distinguio com especialidade Carlos V. a D. Affonso de Portugal, filho primogenito do Conde do Vimioso: porque não tendo mais de dezaseis annos, o man-

o mandou entrar no seu Conselho de Guerra , estando authorisado com a sua augusta presença , e composto dos mais insignes , e famosos Capitães daquelle seculo ; dizendolhe porèm que não votasse pelos seus poucos annos. Mas sendo extraordinaria a merce daquelle assistencia , não foy pequeno o favor desta recommendação.

28 Não podia haver demonstração capaz de agradecer as admiraveis acçoens , que o Infante D. Luiz executou em tão perigosa guerra , não sò porque nas obras heroycas costumão ser vulgares todos os premios ; mas porque a mesma pessoa do Infante fazia muito mayor a grandeza do serviço , e quazi inutil o desejo da gratidaõ. Com tudo depois de o Emperador lhe render as graças , por haver sido instrumento de huma , e causa de outra vitoria , lhe quiz

quize dar por mulher a Christerna sua Sobrinha, filha de Christerno segundo, Rey de Dinamarca, e de Isabel sua Irmã, viuva de Francisco Esforcia, Duque de Milão, de que não ficou descendencia, para lhe offerecer juntamente aquelle opulento Estado. Mas os interesses da Coroa de França deixaraõ por muito tempo incerto, e litigioso o seu direito; difficil, e arriscada a sua posse. Tambem desejou fazer-lhe a lizonja de o armar Cavalleiro, que o Infante não consentio, ou porque esperasse outra occasião, em que elle fosse o autor da empreza; ou porque avaliasse por mayor honra sua receber aquella cerimonia do mesmo Monarca, de quem era juntamente Irmão, e vassallo; e quando o Infante avisou a El Rey do bom successo das armas Catholicas, lhe escreveo, que não quizera

zera accitar este obsequio do Emperador, mostrando igualmente espiritos de Principe, que de Capitão: o que ElRey lhe mandou agradecer com as palavras seguintes: „Folguey muito de „ainda virdes escudeiro, como me di- „zeis; e espero que a cavallaria seja „muy cedo em lugar, de que recebaes „taõ grande prazer, que vos faça esque- „cer do de agora, e que se vos siga „tanta honra, como vos desejo. Porém como os despojos na guerra accreditaõ pouco aos vencedores, se saõ opulentos; e defacreditaõ muito aos vencidos, se saõ illustres; desprezando tudo o mais o Infante, só recebeu do Emperador as bandeiras, e espadas Africanas.

29 O Emperador, depois de cuidar na defensa da nova fortificação da Goleta, e de deixar nella hum presidio de mil Espanhoes à ordem de D.

Ber-

Bernardino de Mendonça , Irmão do Marquez de Mondejar , tratou de despedir com muitas honras a nossa Armada , que tanto participara dos seus triunfos. Em huma terça feira , dia de S. Lourenço , se embarcou o Infante Dom Luiz com alguns dos Cavalheiros , que tinham hido com elle no celebrado Galeão , e no dia seguinte chegou a Sardenha , e em vespera de São Bartholomeu desembarcou em Calheri , onde se deteve cinco dias ; e partindo dalli à festa feira , no Sabbado se levantou huma tão grande tempestade no Golfo de Leão , que com toda a Armada se vio necessitado a arribar a Sardenha. Dando-lhe o tempo lugar para seguir a sua derrota , a trinta de Agosto experimentou outra tormenta não menos horrivel ; de sorte que o seu Galeão não pode ir na conserva de toda

toda a Armada, e entrou com seis caravellas no porto de Palamós. A tres de Setembro partio o Infante por terra com os mesmos Fidalgos; e vindo a Barcelona, achou noticia, que Barba Roxa com menos vergonha de ficar vencido, que deseioso de se vervingado, estava em Porto Mahon para bater a mesma Villa; e que tendo occupado hum Convento, que havia fóra della, passara à espada todos os Religiosos delle, por quererem conservar a Fé, que professavaõ. Com este aviso despachou logo hum correyo ao General Antonio de Saldanha, que não sahisse de Palamós até nova ordem sua. Porém sabendo, que Barba Roxa tinha ja levantado o sitio com grande mortandade dos seus, avisou ao mesmo General, que podia continuar a viagem. Voltou o Infante D. Luiz para o Rey-

I

no,

no, aonde recebo congratulaçoens dos Grandes, e aclamaçoens dos pequenos; aquellas cheyas de inveja com alvoroço, estas de louvor sem artificio. E como os homens grandes não só se lembraõ dos beneficios, mas nunca se fatisfazem do agradecimento delles, não contente Carlos V. com ter hospedado sempre o Infante D. Luiz no seu proprio aposento, nem com mandar, que o tratassera com Ceremonial de Rey; nem com lhe confessar muitas vezes, que abaixo do Senhor dos exercitos a elle devia o fim ditoso daquella guerra; nem finalmente com lhe fazer grandes, e repetidos offerecimentos, que o Infante nunca aceitou (porque antes fez muitas honras, e merces aos Gents-homens da Camara, e outros Criados do Emperador, que o serviraõ na jornada.) chegou a mandar Embaixado-
res

res a ElRey D. Joaõ , em confirmação mais publica da estimação , que fizera da companhia do Infante Dom Luiz , promettendo por cartas suas empenhar sempre o seu poder , e até a sua Real pessoa em memoria do soccorro , e ajuda , que no Gabinete , e na Campanha lhe tinha devido. Ainda que nos não consta o que ElRey disse ao Infante depois da sua vinda , he certo , que esquecendo-se logo de huma leve defobediencia , se havia de lembrar sempre do motivo , que a fizera licita , e do successo , que a fez gloriosa.

30 Não bastava para o Infante a gloria do exercicio militar , para que se esquecesse do merecimento da vida civil , que os feitos , ou proezas da guerra , se tem a mayor excellencia , não incluem a grandeza de todas as acçoens ; e para os Principes não só he

necessaria a eminencia das virtudes, mas a uniaõ , e generalidade dellas. Ainda va ElRey considerando , de quem fiaria o governo do Estado da India , porque Martim Affonso de Souza, que tinha acabado o seu tempo , pedia successor com grande efficacia , ou para descansar das batalhas , ou para não arriscar as vitorias. E como ElRey não fô communicava ao Infante os negocios de mayor importancia , mas atè os de menor consideraçãõ , consultou-o logo sobre este, que era dos mais graves. Vendo o Infante , que muitas vezes de hum conselho se seguia a confervaçãõ, ou ruina de hum Estado ; e que o da India por taõ distante estava mais exposto às consequencias de hum erro , e tinha mais seguros os interesses de huma resoluçãõ acertada , porque nem a deliberaçãõ perniciosa tinha remedio taõ

taõ prompto , nem a util mudança taõ facil ; propoz confiada , e seguramente a ElRey para governar a Asia o celebre D. Joaõ de Castro , cujos louvaveis costumes elle conhecia , e amava desde a mais tenra idade (por ter sido seu condiscipulo na erudita escola do grande Pedro Nunes) e de cujo valor , e disciplina , naõ só estava bem informado em varias occasioens , mas fora elle mesmo testemunha na jornada de Tunes. Conformou-se ElRey com o Infante , e foy esta nobre inculca huma das suas mayores acçoens : porque naõ só ficou sendo causa de se premiar hum benemerito , mas de que esse mesmo passasse de benemerito a Heroe : e de que as virtudes , que atè alli eraõ de hum particular sem utilidade alheya , fossem de hum Governador em beneficio do publico. E para que se veja ,
ou

ou se admire a familiaridade , com que o Infante D. Luiz tratava os homens, que lhe eraõ semelhantes nas qualidades , posto que desiguaes no sangue , referirey duas cartas , que escreveo a D. Joaõ de Castro , depois de Governador , e Vizo-Rey da India.

Carta do Infante D. Luiz.

„ **H** Onrado Governador , pelas car-
 „ tas , que escrevestes a ElRey
 „ meu Senhor , e a mim , ví o discurso
 „ da vossa viagem depois de partido de
 „ Moçambique até chegar à India , e o
 „ que nella fizestes até a partida das
 „ naos , e o estado , em que achastes a
 „ terra , e a condiçaõ dos homens , e
 „ devassidaõ dos tratos , e a fraqueza
 „ da Armada , e como vos houvestes
 „ com o Hidalcaõ nas cousas de Mea-
 „ le,

„le , e assim nas cousas de Ormùs , e
„ com os Fidalgos, que tinhaõ licenças de
„ Martim Affonso para levarem là dro-
„ gas , e tudo o mais , que por vossas
„ cartas dizeis. E porque ElRey meu
„ Senhor vos respondeo a todas estas
„ cousas em particular , o naõ farey eu
„ senaõ em somma. E porèm naõ dei-
„ xarey de dizer , quanto me affombrou
„ cà em terra o perigo , que passastes a
„ travez da Ilha do Comaro , porque
„ verdadeiramente foy acontecimento
„ muy grande , e temeroso ; e porèm eu
„ o tomo , como por boa estrea , porque
„ me parece , que vos quiz nosso Senhor
„ mostrar nisto , que vos ha de salvar
„ dos perigos da terra da India , para
„ que he necessario tanto milagre , co-
„ mo usou comvosco em vos salvar de
„ tamanho perigo ; polo que eu lhe dou
„ muitas graças , e folguey de saber ,
„ que

„que D. Jeronymo de Noronha vòs
„teve companhia neste perigo , pois
„nosso Senhor tambem o salvou a el-
„le , e he cousa de homem taõ hon-
„rado , como elle he , participar dos
„perigos , e trabalhos de seu Capitão.
„Quanto às mais cousas , que me escre-
„veis , porque ElRey meu Senhor vos
„responde a todas em particular , e eu
„fuy presente às mesmas repostas , me
„pareceo acertado tornarvo-las a refe-
„rir , porque por suas cartas vereis o
„contentamento, que tem, de como nes-
„sas partes o começais a servir , e a
„boa opiniaõ , que a gente tem de vòs, o
„que particularmente vos manda , que fa-
„çais em cada cousa. O que vos eu disto
„mais posso dizer he , que estou muy.
„contente do modo , que levais nas cou-
„sas dessa terra , e do que nella fazeis,
„e dizeis , porque bem se mostra nif-
„to,

to que o passar tantos climas , vos
naõ mudou de quem ereis , e da con-
ta , em que vos eu sempre tive: por-
que vos naõ contentais de mostrar
isto assi por obras , mas alèm dif-
fo vos is sempre penhorando com pa-
lavras de demonstraçoens a fazer o
mesmo ; o que eu tenho por muy
certo , que vós fareis sempre inteira-
mentè , quanto humanamente se po-
der fazer. Do modo , que escrevestes
a Sua Alteza , naõ estou menos con-
tente , porque vieraõ vossas cartas
muy bem ordenadas , e nellas todas
as cousas necessarias , e nenhuma su-
perflua ; e bem se vê nellas o mes-
mo , que affima digo , e que enten-
deis as cousas , e que tendes zelo , e
desejo de as fazer sem respeito tem-
poral de amor , nem interesse ; o que
muito folgo de vós ouvir , porque
K , ainda

„ ainda que eu tenho por certo , que o
„ fareis assi , parece huma grande
„ avondança de coração , e de virtude,
„ que nelle tendes , folgardes tanto de
„ o dizer ; polo que eu espero em nos-
„ so Senhor , que vos ha de cumprir vos-
„ sos bons desejos , e que vos ha de
„ trazer dessa terra com muito vosso
„ contento , e honra : porque não pó-
„ de deixar de succeder isto , a quem
„ nenhuma cousa procura , senão o
„ serviço de Deos , e de seu Rey; ain-
„ daque vos isto ha de custar grandes
„ trabalhos , lembrovos , que nelles
„ está o merecimento das cousas; e que
„ a Christo Senhor nosso conveo pas-
„ sallos para entrar na sua gloria ; e se
„ vos parecerem as cousas difficiles , lem-
„ brovos , que estas são , as em que Deos
„ poem a mão , e o que ajuda , a quem
„ o serve nellas com a tenção , com
„ que

„ que vòs o fazeis , e os homens não
„ podem pôr mais de sua casa , que a
„ vontade , e deligencia ; e por isso S.
„ Paulo não attribuhia a si , mais que o
„ plantar das coufas , porque Deos ha-
„ de dar o incremento ; e assi o darà
„ elle em todas vossas coufas , como
„ as plantardes com o zelo , que eu con-
„ fio , que vòs tendes em todas , e por
„ isso vos não espantem as grandes ,
„ nem tendeis em pouco as pequenas ;
„ fazey igual ponderação , e os fins
„ dellas remetey-os a nosso Senhor ; e
„ posto que algumas vos não fayaõ , co-
„ mo desejaes , nunca entre em vòs
„ desconfiança , em quanto fizerdes as
„ coufas com justo zelo , e limpa ten-
„ ção : porque muitas vezes permite
„ nosso Senhor aos que o mais servem,
„ que façaõ erros , para que mereçaõ
„ na paciencia , e na confiança delle,

„ e se espartem mais nas cousas , e se
„ acrescentem em mayor perfeição. Fa-
„ zey justiça , como a entenderdes , to-
„ mando sempre conselho , e parecer
„ nas cousas ; como fazeis ; conservai-
„ vos na limpeza de vossa pessoa , que
„ ufais àcerca dos combates dos gos-
„ tos temporaes , e interesses dessa ter-
„ ra , e com isto venha o que vier ,
„ porque tudo serà para bom fim. Nas
„ cousas , que tocaõ ao culto Divino ,
„ na conversão dos infieis , vos esme-
„ ray muito , porque estas são as ar-
„ mas , que principalmente haõ de de-
„ fender a India. Procuray de lançar
„ dessa terra as despezas sobejas dos ho-
„ mens , e as branduras , e delicadezas,
„ de que usaõ ; e os vestidos , e para-
„ mentos de casas , que trataõ , dif-
„ pondo-os para estas cousas branda , e
„ suavemente com o exemplo , que lhes
„ , , dais,

„dais , e de vossos filhos , e com fa-
„zer favor , e merce , aos que usaõ do
„contrario ; e se estas coufas naõ pu-
„derdes emendar , naõ vos espanteis
„disso , porque as que se danaõ com
„tempo , com tempo se haõ de tor-
„nar a emendar , e naõ se pòdem re-
„mediar de improvizo ; por isso ide
„continuando com vosso bom propo-
„sito , e fazendo as coufas segundo a
„disposiçaõ do tempo , e o sujeito das
„pessoas , em que haveis de obrar ,
„que com isto espero em nosso Se-
„nhor , que encaminhe todas as vossas
„coufas a seu serviço , e ao de ElRey
„meu Senhor , e vossa honra , como
„desejais. Quanto ao que me dizeis , que
„procure , que vossa estada seja là bre-
„ve , bem vejo , que tendes muita ra-
„zaõ de o desejar assi , e me parece,
„que se naõ póde tratar atè naõ ver as
vossas

„vossas cartas , que este anno embora
„virãõ , e por isso deixo a resposta def-
„te ponto para o anno , que embora
„virã. E à cerca do que me escreveis
„de D. Alvaro vosso filho , eu falley a
„Sua Alteza naquelle negocio , e Sua
„Alteza o conhece bem , e està bem
„informado das qualidades de sua pes-
„soa , e deseja de lhe fazer honra , e
„merce ; e porẽm por algumas razoens,
„que Sua Alteza vos manda escrever,
„e porque este anno escreve , que naõ
„manda là nenhum despacho , houve
„por bem deferir este , para responder
„a elle o anno que vem , e por entre
„tanto lhe manda fazer a merce , que
„vereis por suas Provisõens. A mim
„me fica muito bom cuidado de lhe
„lembrar tudo , o que a vossos filhos
„toca ; espero em nosso Senhor , que
„se faça de maneira , que elle receba
„hor-

„ honra , e merce de Sua Alteza , co-
„ mo vossos filhos , a quem deseja fa-
„ zer , o que vòs lhe mereceis ; e podeis
„ ter por certo , que Sua Alteza està em
„ muy verdadeiro conhecimento da
„ vontade , com que servis , e muy
„ contente do modo , que o tendes
„ feito atèqui. Eu falley a Sua Alteza
„ em Affonso de Rojas , e por voffo
„ respeito lhe fizera logo a merce , que
„ lhe eu pedi , mas porque (como di-
„ go) manda dizer às pessoas , que an-
„ daõ na India , que este anno não
„ manda là nenhum despacho , differio
„ o de Affonso de Rojas para o anno
„ que vem , e diz que para entaõ lhe
„ farà merce ; eu terey cuidado , se a
„ Deos aprouver , de vos mandar a
„ Provisão , e folgo eu muito das boas
„ novas , que me dais de Affonso de
„ Rojas , e de crer he , que sendo Ir-
maõ

„maõ do Mestre Olmedo , e estando
„em vossa companhia , naõ póde dei-
„xar de fer homem de bem. O que me
„mandastes nas naos , que vieraõ , me
„foy dado , e com tudo folguey , por
„fer coufa , que veo da vossa maõ ,
„agradeço-volo muito. Escrita em Al-
„meirim a 26. de Março de 1547.

O Infante D. Luiz.

Carta

Carta do Infante D. Luiz.

„ **H** Onrado Vizo-Rey. Recebi vos-
„ fa carta, que veo nesta Armada
„ de Lourenço Pires de Tavora, em
„ que me dizeis, que recebestes a mi-
„ nha, que por Luiz Figueira vos man-
„ dey; e agradeçovos muito dizerdes-
„ me, que vos pareceraõ bem as lem-
„ branças, que vos fazia, e muito mais
„ o pordelas em obra; e bastava para
„ o eu crer, que seria assi, ainda que
„ vos eu não conhecera, ouvir o que
„ là fazeis, e ver que com a boca chea
„ me escreveis vossos trabalhos, pobre-
„ za, e abstinencia, cousas, com que
„ se vence o diabo, o mundo, e car-
„ ne, que nessas partes da India tem
„ tanto poder; o que he mayor vito-
„ ria, que a de ElRey de Cambaya;

L

„ nem

„nem ainda de todo o poder do Tur-
„co. Polo que em quanto viverdes ,
„naõ deveis de temer coufa alguma,
„mas antes esperay em noſſo Senhor,
„que vos ajudarà , como agora fez na
„defenſaõ , e batalha de Dio , em cu-
„ja vitoria vòs tendes muito , que lhe
„louvar , pois vos fez inſtumento de
„tanto ſerviço feu , e de ElRey meu
„Senhor , e de tanta honra voſſa , e
„de todos os Portuguezes , aſſi dos
„que ſe acharaõ comvoſco , como dos
„que estiveraõ auſentes. E certo que
„vòs tendes feito nesta jornada deſdo
„primeiro dia , que tiveſtes novas do
„cerco de Dio , atè o de voſſa , e
„noſſa vitoria , tudo o que entendo,
„que hum valeroſo , e aſtuto Capitaõ
„podia fazer , aſſi na preſteza dos ſoc-
„corros , como em pordes voſſos fi-
„lhos por balizas da fortuna , e peri-
„gos

„gos do Inverno , e mais da India ,
„para que os outros os tivessem em
„menos ; no que se mostra bem cla-
„ro , quanta mais parte tem em vòs
„o serviço de ElRey meu Senhor , e
„a obrigação do vosso cargo , que os
„effeitos naturaes de pay , que são os
„que mais forçaõ a natureza. E no so-
„frimento , que mostrastes na morte
„de D. Fernando de Castro vosso fi-
„lho , se confirma bem esta opiniaõ ;
„e certo que eu o senti por mim , e por
„vòs , e houve por muy grande perda,
„por quam certos finais nelle via de
„seu grande esforço , creio que nisso
„lho quiz Deos pagar com o tirar de
„vida taõ trabalhosa por meynos taõ
„honrados , e de tanta gloria sua , que
„deve de ser grande causa de vossa con-
„solaçaõ. D. Alvaro de Castro vosso
„filho não empregou mal sua jornada,

L ii

„ pois

„ pois com tantos trabalhos , e peri-
„ gos foccorreo a fortaleza de Dio , a
„ tempo , que sua chegada foy por
„ entaõ o remedio della ; e de como
„ se nisto houve , e no dar nas estan-
„ cias dos imigos , e em tudo o mais,
„ lhe lanço muitas bençoens por vossa
„ parte , e minha. E tornando à vossa
„ determinação de aventurardes vossa
„ pessoa , e o Estado da India , por foc-
„ correrdes Dio , foy muy boa , pois
„ de o não fazerdes , estava tanto mais
„ aventurado ; e o chegardes a Dio , e
„ ordenardes vossa embarcação , e man-
„ dardes , que os navios comettessem a
„ tempo , que havieis de dar a bata-
„ lha , e modo de cometter , que nif-
„ so tivestes , tudo me pareceo digno
„ de agora , e sempre darmos muitas
„ graças a Deos nosso Senhor , e de
„ Sua Alteza vos fazer muitas merces,
„ a que

„ a que agora dà principio , como ve-
„ reis àcerca de vòs , e de voffo filho;
„ e assi o deve fazer , e farà aos Fidal-
„ gos , e Cavalleiros , que nessa jorna-
„ da comvosco serviraõ , em especial a
„ D. João Mascarenhas , que se houve
„ no pezo desse cerco , como honra-
„ do Capitaõ , e esforçado Cavalleiro.
„ Folguey muito de ver o modo , que
„ tivestes no escrever a Sua Alteza fo-
„ bre os serviços , que os Fidalgos , e
„ Cavalleiros , que nessas partes an-
„ daõ , lhe fizeraõ no negocio de Dio,
„ no que se vio , que tinheis com seus
„ trabalhos conta. Isto farey sempre
„ por amor de mim , e folgay de lou-
„ var os homens , porque ja que està
„ certo naõ faltar , quem diga delles os
„ males (que haveis de castigar os que
„ nelles sentirdes) razaõ he tambem,
„ que os bons os levanteis , para que
„ OS

„ os que là não poderdes galardoar , Sua
„ Alteza por vossa informação o faça.
„ Eu falley sobre vossa vinda , como
„ me escrevestes ; que me elle não con-
„ cedeo , e me deu para isso duas ra-
„ zoens , que a meu parecer , ainda
„ que vòs tendes muitas para vos de-
„ sejarde de vir , Sua Alteza tem mui-
„ tas mais para vos mandar rogar , que
„ o sirvais nesse governo outrostres an-
„ nos , o que haveis de folgar de fazer ,
„ por fervirdes a nosso Senhor pola
„ grande merce , que vòs tem feito , e
„ a Sua Alteza pola confiança , que de
„ vòs tem , e contentamento de vossò
„ serviço. E confiay em Deos , que vos
„ darà forças para poderdes com os
„ grandes trabalhos , e desordens da
„ India ; e eu espero nelle , que fazen-
„ do-o vòs assi , venhais encher estes pi-
„ cos da ferra de Cintra de Ermidas , e
„ de

„ de vossas vitórias, e que as visiteis,
„ e logreis com muito descanso vosso.
„ Nas cousas particulares vos não fallo,
„ porque ElRey meu Senhor vos escre-
„ ve, o que hà por seu serviço, em re-
„ posta da carta geral, que lhe escre-
„ vestes, que vinha em muito bom
„ estylo, e em muito boa ordem. Ef-
„ crita em Lisboa a 22. de Outubro
„ de 1547.

O Infante D. Luiz.

31 Se o Infante era taõ venera-
do dos estranhos pela excellencia das
suas acçoens, se era taõ amado dos
naturaes pela frequencia dos seus bene-
ficios, como seria adorado da sua mes-
ma familia pelo excessso da sua benevo-
lencia, da sua liberalidade, da sua at-
tenção, e da sua vigilancia? Taõ be-
nevollo com os domesticos, que não
pare-

pareciaõ destinados para a assistencia ; fenaõ para a companhia. Taõ liberal, que repartia com elles as suas rendas , respeitando a esfera das pessoas , e a qualidade dos merecimentos. Taõ attento , que se morria algum , dos que o tinhaõ servido com mayor distincãõ, lhe fazia elogios publicos em memoria, e recompensa immortal do mesmo serviço. Taõ vigilante finalmente , que para supprir aquelle lugar , tirava as mais exactas informaçoens. Huma , e outra cousa se colhe evidentemente de huma carta , elcrita de seu proprio punho a D. Affonso de Portugal Conde do Vimioso , a quem o Infante fazia a honra , humas vezes de lhe dar , outras de lhe pedir conselho. Desta carta pois offerecemos a copia , sem recearmos o fastio do Leitor , naõ só pela brevidade , mas pelo acerto della ; e tambem
para

para que se saiba , que hê taõ digno de louvor naõ se fatisfazer logo dos Criados , quando se escolhem , como agradarse sempre delles , em quanto servem.

Carta do Infante D. Luiz.

„ **M**uito honrado Conde Sobri-
„ nho. Razaõ tendes dencarecer
„ (tanto como fazeis em vossa carta)
„ a morte de Francisco Siqueira ; por-
„ que verdadeiramente tinha calidades
„ para o em que estava , que me-aõ
„ de fazer boa falta , e cõm traba-
„ lho se haõ de achar aquellas cans com
„ aquela crãeza de bondade taõ espre-
„ mentada de mim por tantos annos de
„ bom serviço , porém farscha o me-
„ lhor que puder fer todo o discurso
„ para achar , o que convem , e naõ fe-

M

rã

„rà pequena ajuda para isso mandar-
 „desme vossò parecer em particular „
 „como agora fizestes em geral por ef-
 „ta vossa carta ; porque nas qualida-
 „des da pessoa conforme estou com-
 „vosco , mas ainda se me não offere-
 „ce , em quem todas juntas se possaõ
 „achar , e por isso boa ferà qualquer
 „leimbrança , que vos parecer , que me
 „deveis fazer. De Lisboa a 24. de Ou-
 „tubro de 1552.

Infante D. Luiz.

32 Reconhecia o Infante D. Luiz,
 que o attributo mais proprio dos Prin-
 cipes era o da justiça ; pois sem ella
 não se promove , antes se despreza o
 merecimento ; não se refreaõ , antes
 se defendem os delitos. E assim nome-
 ando sempre para os lugares da sua ju-
 risdição

risdição Ministros de summa inteireza, para prova mais evidente de quanto amava, e estimava esta virtude, chegou elle mesmo a visitar todas as suas terras, castigando os mãos para mayor exemplo dos bons, e premiando os bons para mayor castigo dos mãos.

33 Foy sempre taõ zeloso dos interesses da Religiaõ, e das conveniencias da Patria, que se achou obrigado a ir duas vezes a Hespanha em serviço de huma, e outra. O motivo da primeira jornada era ajustar com o Emperador seu Cunhado o expediente, que se havia de tomar sobre as dependencias da Coroa de Portugal com a de França, que injustamente pertencia a liberdade do commercio nas nossas Conquistas, nascendo de tamanha semrazaõ todas aquellas extorçoens, e violencias, que custuma causar o po-

der, quando se une à cobiça, e ambição. Interessou o Infante de sorte o Emperador nesta importantissima negociação, que não só lhe prometteo favorecela, e ajudala, mas desobrigou a ElRey seu Cunhado da palavra, que lhe deu, de se declarar seu parcial contra ElRey de França, por ser este Principe tão util para aliado, como formidavel para inimigo: acção, em que o Emperador mostrou igualmente a generosidade do seu animo, que a fineza da sua amizade; pois como generoso não aceitou o offercimento, e como amigo acautelou o danno. O fim da segunda foy para se fazer mediador da paz entre o mesmo Emperador, e ElRey de França, pelos gravissimos detrimentos, que receberia a Igreja, da discórdia, e desunião destas duas Potencias. Até determinou de Castella passar a Fran-

França com o mesmo intentõ : mas estando despedido do Emperador , se ajustaraõ as tregõas entre os Capitaens de hum , e outro Principe ; por cuja causa o mesmo Carlos V. e ElRey seu Irmãõ lhe suspenderaõ esta jornada ; sendo o Infante o unico homem capaz pela sua authoridade , naõ só de reconciliar dous inimigos , mas de fazer ceder dous Monarchas. Naõ foy menor este fante , e illustre zelo no empenho , com que resistio , e no sentimento de ficar vencido , quando se aconselhava a El-Rey , que se naõ deviaõ conservar as Praças de Africa ; sendo aquella parte do mundo a primeira , em que com gloria do nome Portuguez introduzimos a crença , e estabelecemos o culto do verdadeiro Deos.

34 Ainda que o Infante Dom Luiz fazia continuamente sacrificios a
ElRey

ElRey dos affectos , e inclinaçoens da sua vontade ; nenhum pareceo mais arduo , e repugnante , que este , de que agora fazemos mençaõ. Tratouse do casamento da Infanta D. Maria filha de ElRey ; e posto que no seu Conselho entendessem as pessoas de mayor juizo natural , e politico , que seria muy conveniente à Republica casar esta Infanta com seu Tio o Infante D. Luiz ; como ElRey escolhesse antes experimentar a perpetua ausencia de sua filha pela esperança de a ver Coroada , do que lograr a sua amavel companhia sem as insignias , e adornos da Magestade ; e a ajustasse finalmente com seu Sobrinho o Principe D. Philippe , filho de Carlos V. não só se accomodou o Infante aos motivos desta preferencia , mas teve grande parte na conclusaõ do mesmo casamento , e o applaudio com os
appara-

apparatos da mayor magnificencia , e com as demonstraçoens do mayor alvoroço : porque fazendo-se em Almeirim hum magnifico sarão na noite do Espirito Santo, em que se celebravaõ aquelles Desposorios , dançou elle com Dona Constança de Gusmaõ , Dama da Infanta D. Maria ; e na tarde do outro dia repetindo-se o mesmo sarão , tornou a dançar com D. Anna da Guerra Dama da Rainha ; e no terceiro continuando-se aquella festa , dançou com sua mesma Irmãa a Infanta D. Maria. De que se entende , que a obediencia cega , ou a confórmdade prompta , que o Infante D. Luiz tinha aos acenos de seu Irmaõ , não era só nascida do respeito , que devia à dignidade de Rey , mas da veneraçãõ , com que tratava as virtudes de homem.

35 Era certamente igual a reverencia,

rencia , e amor , que professava a seu Sobrinho o Principe Dom Joaõ , contemplando nelle a Soberania presente , naõ o dominio , e poder futuro. E chegando ElRey a ordenar-lhe , que quando estivesse com o Principe , se lembrasse mais da authoridade do parentesco, que da sumissaõ da vassallagem ; lhe pedia que o deixasse continuar neste respeito, naõ sey se para servir de exemplo , se para naõ ter imitaçaõ dos outros Vassallos. Naõ parece necessario dizer , como o Infante D. Luiz tratava a Rainha D. Catharina , quando as circumstancias do sexo , e da virtude faziaõ superfluas para a veneraçã as do parentesco , e da Coroa.

36 ElRey , quanto mais se humilhava o Infante diante delle , tanto mais o igualava comsigo. Nasceo em Lisboa o Principe D. Sebastiaõ , que ja come-

começava a ser infeliz pela desgraça pouco ordinaria de nascer postumo ; pois havia fallecido dezoito dias antes na flor da idade seu Pay o Principe D. Joaõ com entranhavel dor de toda a Corte. Na solemnissima função do seu Bautifmo , que se fez no Oratorio do Paço , quiz ElRey distinguir o Infante D. Luiz, determinando, que juntamente com elle fosse Padrinho de seu neto , suspirado successor da Monarquia.

37. Parece que andava apostado o Principe D. Philippe a competir , e vencer em casamentos ao Infante D. Luiz. Foy o caso , que herdando a Coroa de Inglaterra a Princeza Maria , filha de Henrique VIII. por morte de seu Irmaõ Duarte VI. e nomeando ElRey D. Joaõ no anno de 1553. a Lourenço Pires de Tavora por Embaixador à Corte de Londres , para dar os parabens

N

à Rai-

à Rainha da sua Acclamação, entre outras instrucções, que lhe deu; cheas de Christandade, e politica (que poucas vezes se unem) foy huma dellas, e a mais principal, promover a pratica do casamento da mesma Rainha com o Infante D. Luiz. Para este fim ordenou, que partindo pela pósta se não dilata-se mais que hum dia na Corte de Castella, visitando o Principe da sua parte, e communicadolhe, que elle o enviava a congratular a Rainha pelo grande parentesco, que havia entre ambos, e que o mesmo executasse na Corte de ElRey de França; que chegando à do Emperador, lhe declarasse, que ElRey de Portugal o mandava darlhe conta daquella Embaixada, cujo motivo era comprimentar a Rainha, e ajustar o seu casamento com o Infante D. Luiz, por entender, que esse seria o meyo
mais

mais efficaz , e o caminho mais facil de se reconciliar com a Igreja hum Reyno taõ necessario para a sua defenfa ; e que para o bom successo desta negociaçãõ naõ fò lhe pedia o seu conselho , mas esperava o seu favor , contemplando em primeiro lugar o serviço de Deos , e lembrando-se em segundo do justo amor , que mostrava ao Infante seu Irmaõ ; que depois de despedido do Emperador partisse para Inglaterra , e logo instasse por ter audiencia da Rainha ; e entregando a carta , que levava , lhe representasse , que ElRey propunha , e offerencia para seu Esposo o Infante D. Luiz , affirmando que fazia este offerecimento , mais por zelo do bem commum , que do particular ; e mais em obsequio da Religiaõ , que em lizonja do parentesco. Entrou Lourenço Pires em Bruxelas a 24. de No-

N ii

vembro

vembro daquelle anno , e conseguindo sem demora audiencia do Emperador , foubе delle , que as pessoas propostas para o casamento da Rainha eraõ o mesmo Emperador , o Principe seu filho , o Infante D. Luiz , ElRey dos Romanos , o Archiduque seu filho , e o Duque de Saboya. Pedio Lourenço Pires Conferente , e se lhe deu Monsieur de Ràs , o qual embarçou a Lourenço Pires a jornada de Inglaterra , sem o Emperador receber primeiro reposta dos Embaixadores , que tinha em Londres. Chegada ella , deu Monsieur de Ràs a Lourenço Pires a noticia , ou o desengano , de que o Conselho de Inglaterra tinha determinado , que a Rainha casasse com Principe Estrangeiro , sendo capaz , pela grandeza do seu poder , de sossegar de todo as alteraçoes do Reyno ; e que com este intento se preferia,

ria , e nomeava o Principe D. Philippe; que o Emperador não só devia admittir com indifferença , mas aceitar com gosto esta nomeação ; e que se senão effeituasse aquelle matrimonio , os Inglezes não haviaõ de consentir , que a Rainha desse a mão a outro Principe Estrangeiro , por digno que fosse desta fortuna ; e que elle finalmente aconselhava , que se não fallasse na pessoa do Infante D. Luiz , por lhe não ser decoroso ser lembrado para ficar excluido. Depois desta Conferencia se achou o Emperador obrigado a satisfazer a Lourenço Pires muy largamente , protestandolhe , que por especial empenho seu fora o primeiro , que se propusera no Parlamento o Infante D. Luiz ; mas que a Rainha fizera escolha na pessoa de seu filho , sem que houvesse da sua parte a menor negociação. Passou Lourenço

renço Pires a Londres , aonde visitou a Rainha em nome de ElRey , sem renovar a pertençaõ do Infante , por ver que ja era intempestiva esta pratica. Tal costuma ser a injustiça , ou cegueira do mundo , que para a uniaõ indifolovel do thalamo , prefere as grandezas inconstantes da fortuna aos dotes permanentes da natureza !

38 No anno de mil quinhentos cincoenta e quatro pertendendo o mesmo Principe D. Philippe de ElRey D. Joaõ , que deixasse fahir de Portugal a Princeza D. Joanna sua Irmãa , viuva do Principe D. Joaõ , merecedor de vida menos abbreviada, para lhe encarregar a Regencia de Castella , em quanto elle naõ voltasse da Graã-Bretanha , recebido com Maria herdeira daquella Coroa; ElRey por mayor decoro da Princeza, e favor ao Infante D. Luiz , o escolheo,
para

para que lhe fosse assistindo até a Villa de Arrayolos , aonde a entregou ao Duque de Bragança , que a conduzio até os confins do Reyno.

39 Temos visto , posto que sem a precisa ponderação , as acçoens politicas , e militares do Infante D. Luiz , vejamos agora com mayor assombro as Christãas , e Religiofas , em que especialmente floreceo: sendo estas tanto mais illustres , que se as cultivasse sem as outras , sempre teria justa veneração ; e as outras tanto menos nobres , que se unicamente as praticasse, nunca teria verdadeira gloria. Na charidade , como raiz , e origem de toda a virtude , se soube distinguir com grande louvor , amparando Orfaãs , soccorrendo viuvras , favorecendo Religiosos, e finalmente acodindo a todo o genero de necessidades, não só com a circunstantia

cunſtancia da grandeza , mas com o ſegundo beneficio da promptidaõ.

40 A mayor parte do tempo empregava em aſſistir devotamente aos Officios Divinos , e em outros exercicios de ſumma edificaçaõ. Confellavaſe , e commungava hum dia na ſemana com muitos ſinais de verdadeira dor , e arrependimento de huma culpa , com que interrompeo os acertos da ſua mocidade. Para mais fortalecer o eſpirito , enfraquecia o corpo com o rigor das diſciplinas , com a mortificaçaõ do jejum , e com a aſpereza do cilicio. A modestia , e pureza , que tinha no mais intimo da ſua alma , a traladava ao roſtro , conhecendoſe nelle os indicios de taõ ſoberana , e difficultoza virtude. Orava com grande fervor , e meditava com grande cuidado , como quem ſabia , que com a meditaçaõ tem
a fragi-

a fragilidade soccorro contra o vicio , e sem ella naõ tem a virtude fortaleza para a perseverança. Esta innocencia de costumes , que desde os primeiros annos promettia a vigilancia da sua educaçaõ , e a piedade do seu genio , foy tambem altamente inspirada pela muita communicaçãõ , que teve primeiro com o filho mais legitimo do Apostolico Instituto da Companhia de Jesus o miraculoso Saõ Francisco Xavier , quando veyo a este Reyno no anno de 1540. e depois no de 1553. com o insigne Varaõ o Padre Francisco de Borja da mesma Companhia ; que devendo a conversaõ da sua vida à conversaõ , que fez a morte no semblante da Emperatriz D. Isabel , começava entãõ a merecer pelas virtudes o culto, que tem hoje nos Altares. E foy tal a utilidade , e fruto que tirou o Infante

O

deste

deste virtuoso commercio, que intentou empenhadamente entrar na nova Religião da Companhia, para se despir na apparencia, assim como se tinha despido na realidade, dos enganos, e vaidades do mundo. Porém o mesmo São Francisco de Borja, e o seu illustriſſimo Patriarca Santo Ignacio o fizeram mudar deste propósito; attendendo a que a sua faude era debil, e a idade ja pouco propria para os primeiros exercicios, e ministerios de qualquer Religião, e por alguns inconvenientes mais, que prudentemente consideráraõ: consolando-o com lhe persuadirem, que faria serviço muito mais grato a Deos, se fóra do Claustro continuasse em edificar a Corte com o exemplo das suas virtudes, e em felicitar o Reyno com a direcção dos seus conselhos: pois na mudança do estado

do poderia afrouxar a devação , e na conservação delle havia de crescer o merecimento à medida da liberdade. Cedeo o Infante à efficacia , e pezo destas razoens ; mas desejando não se differençar mais que no nome dos outros Religiosos , vendeo o precioso das baixelas , e joyas , das tapeçarias , e alfayas , para a inteira satisfação das dividas , e exercicio mais livre da charidade ; diminuhio consideravelmente o numero da sua familia ; cortou em fim toda a pompa , e fausto , não só o que era superfluo para a grandeza , mas o que parecia necessario para a decencia ; julgando que devia viver como particular para a ostentação , e só como Principe para o exemplo. E parendolhe ainda pouco seguir huma parte só dos conselhos Euangelicos , chegou a votar castidade , e pobreza conforme o

O ii

seu

feu estado , e a fazer voto solemne de
 perpetua obediencia , e rigorosa obser-
 vancia dos mesmos preceitos Divinos,
 que era obrigado a guardar , para que
 o voto ficasse indispensavel , fundado na
 obrigação , e a obrigação se fizesse ain-
 da mayor acompanhada do voto. E
 porque não fique à cortezia , e confi-
 deração do Leitor o fervoroso espirito,
 com que o Infante escreveu estes mes-
 mos votos , daremos a ler a piissima
 Profissão , que se achou da sua letra.
 „ Eu o Infante D. Luiz bichinho da
 „ terra , indigno de ser computado en-
 „ tre as creaturas , que Deos creou , co-
 „ nheço que tudo , o que em mim hà,
 „ he cobiça dos olhos , cobiça da car-
 „ ne , soberba da vida ; e por cumprir
 „ com o que Christo manda , aos que o
 „ querem seguir , dizendo : *Qui vult*
 „ *venire post me , abneget semetipsum, &*
 „ *tollat*

„ tollat crucem suam , & sequatur me;
„ digo que de hoje para sempre abnè-
„ go , e renunciô diante do Padre Eter-
„ no o mundo todo , e os desejos del-
„ le , e aceito por joya riquissima a po-
„ breza voluntaria do espirito ; e assim
„ dou de maõ , e renunciô toda a co-
„ biça da carne sensual , e aceito a cas-
„ tidade , e abstinencia por summa de-
„ leitação. Abnègo , e renunciô toda a
„ soberba da vida , que consiste na
„ elação do entendimento , e da von-
„ tade , e aceito a profunda humilda-
„ de , e conhecimento da minha gran-
„ de miseria , e ignorancia , e a pura,
„ e constante obediencia de meu Deos,
„ por onde toda a minha vontade sob-
„ metto à do Padre Eterno , e lha en-
„ trego ; e assim lhe faço esta Profissão
„ nas mãos de feu Filho Jesu Christo,
„ dulcissimo Redemptor , e me abraço
„ de

„ de hoje por diante com sua Cruz ;
 „ verdadeira honra , e gloria minha , com
 „ proposito de seguir na vida , e na
 „ morte , quanto sua graça permittir ; e
 „ creyo firmemente da verdade de suas
 „ palavras , e espero de sua immensa
 „ bondade , que pelo merecimento infi-
 „ nito de feu Sangue derramado me
 „ concederá copiosamente , para que
 „ viva , e acabe esta vida na obra def-
 „ ta determinação , que por sua mise-
 „ ricordia me deu. Destas palavras de-
 vem aprender os Religiosos , e os Se-
 culares , aquelles a perfeição , e estes
 o desengano.

41 Entre outros livros espiri-
 tuaes , e sagrados , lia com mayor refle-
 xaõ as incomparaveis obras do famoso
 Areopagita , imitando a Saõ Francisco
 de Borja , que tinha feito nellas hum
 particular estudo : de cuja boca ouvia
 frequen-

frequentemente a explicação de tão celestiaes doutrinas. E affirmava varias vezes o mesmo Santo , que não encontrára Theologo consumado , que comprehendesse tão finamente , como o Infante , os pensamentos elevados , e as sentenças sublimes daquelle grande lume da Igreja Catholica. Mas ja nos não devemos admirar , senão confundir , de que o Infante D. Luiz chegasse a tão eminente grão de perfeição , quando elle mesmo confessava , que tinha escolhido para regra , e exemplar das suas acçoens as estupendas de São Francisco de Borja. Nem tambem se poderá entrar em duvida do trato , que o Infante D. Luiz teve com este Santo , e do conceito , que elle mostrou fazer da sua Christandade , pondo-se aqui duas cartas , huma do Infante , em que se manifesta a sua grande prudencia , e amor

amor de Deos , e outra de São Francisco de Borja , em que igualmente resplandece a sua discricião , mas com maiores luzes a sua humildade : não se dando as copias destas notaveis cartas , para fer mais crecido o volume , mas para ficar mais digno o elogio.

Carta do Infante D. Luiz.

M U Y R E V E R E N D O P A D R E .

„ **O** Tras tengo escritas a V. R. y
 „ en la presente folamente añadi-
 „ rè, que recibirè gran contentamiento,
 „ si lo que por ellas he pedido, se pu-
 „ diesse hazer sin algun disgusto fuyo.
 „ Porque aunque el hazerse me impor-
 „ te mucho por los fundamentos, que
 „ en esta obra tengo puestos : ninguna
 „ cosa

„ cosa mia me puede tanto importar ,
„ como la consolacion , y contenta-
„ miento , que siempre por los tiempos
„ passados deseê a V. R. como es Dios
„ buen testigo. Y si nõ lo mostrè ex-
„ teriormente tanto en muchas cosas,
„ deseê mostrarlo ; tambien sabe Dios
„ que nõ fue , ni por falta de amor ,
„ ni de buen deseo , y voluntad , que
„ tengo a los passados , y presentes de
„ la casa de V. R. la qual haveis echo
„ mucho mas ilustre con dexarla. Y es-
„ ta sola razon basta , aunque nõ huvie-
„ ra otras , como las ay , para que yo
„ sea mas obligado , y deseoso de dar-
„ le todo contento : pues ya se vè que
„ aora ningunas otras cosas le dan a
„ V. R. sinò las que contentan a Dios
„ nuestro Señor. El sea muy alabado
„ por esto. Maravilloso es Dios en sus
„ siervos , y sus misericordias no tie-

P

„ nen

„nen fin. Dele V. R. gracias infinitas,
 „porque su conversion haze mayores
 „frutos, de lo que V. R. piensa. De mi
 „le sè certificar, que sus palabras mu-
 „chas vezes me fuenan a mis orejas,
 „como si las estuviessè oyendo de su
 „boca: y considero sus passos, como
 „presente le tuviesse. O bienaventu-
 „rado siervo de Dios, que en tiempo
 „de tan grandes perturbaciones ha sa-
 „bido hallar la paz del hombre interior.
 „dexando al mundo, ò lo mejor del
 „juego, que el armava con engaños,
 „y recogiendo los sentidos, y poten-
 „cias a la voluntad pura, y justa del
 „Señor. En lo qual consiste esto poco,
 „que de felicidad se puede remedar en
 „esta vida, y lo que sin medida, y
 „sin fin se desea gofar en la otra. Por
 „esto, Señor, pido encarecidamen-
 „te a V. R. que de aqui adelante ten-
 ga

„ ga memoria de mi : y siempre me
„ encomiende en sus devotas oracio-
„ nes , y sacrificios , para que el Señor
„ me enseñe el proprio camino de su
„ voluntad : y sin nunca tener otra , vi-
„ va , y acabe en ella , donde , y co-
„ mo su divina Magestad fuere servido.
„ Y si V. R. de mi mandare alguna co-
„ sa , entienda que la harè con mucho
„ gusto de complacerle en todo. De
„ Almeirin a treze de Julio de 1551.

Infante D. Luiz.

A esta carta do Infante Dom Luiz
respondeo o Padre Saõ Francisco de
Borja , a que se segue.

SERENISSIMO SEÑOR.

„ **E**L Espiritu Santo , que es llamado
 „ Padre de pobres , y es remune-
 „ rador de las misericordias , que a ellos
 „ se hazen , retribuya a V. A. la mer-
 „ ced , que con sus cartas hè recebido de
 „ su muy poderosa mano : que no fue
 „ pequeña haverse servido de acordarse
 „ deste su siervo , y tan miserable pec-
 „ cador. Y mas queriendose servir de
 „ mi en cosa , que es toda de V. A. pues
 „ tan particularmente toda la Compa-
 „ ñia de Jesus hasta el minimo della ,
 „ que soy yo , nos gozamos mucho en
 „ el Señor nuestro de llamarnos , y te-
 „ nernos por siervos de V. A. Veo
 „ tanto en las cartas de V. A. y por la
 „ mano , que las escribe , la mano interior
 „ del Señor eterno , que no sé como
 „ diga,

„ diga , y explique , lo que en ellas se
„ me traluse. Bien sé dezir , y afirmar,
„ que mi alma se hà consolado mucho
„ mas , de lo que sabia encarecer. Y aun-
„ que estava de antes muy rendida al
„ servicio de V. A. por las mercedes re-
„ cebidas , se hà de nuevo rendido a
„ desear mas servir , y mostrarse agra-
„ decida a ellas. Y assi espero en el Se-
„ ñor me dará gracia , para que conti-
„ nuamente me emplee en suplicar a su
„ inmensa bondad enfalse a V. A. en
„ lo exterior , y le humille en lo inte-
„ rior , para sublimarle mas en el Cielo.
„ Bendito sea aquel Señor : *Qui aufert*
„ *spiritum Principum* , que si en esto
„ es terrible con los otros Principes, no
„ lo hà sido con V. A. sinò muy pie-
„ doso , y benigno en quitarle aquel
„ espiritu , que algunos de los Principes
„ suelen tener , que es espirito levanta-
„ do

„do, desconocido, y ingrato a su Dios;
„y en lugar deste le há dado el espíritu
„principal, del qual deseava, y pedia
„ser confirmado el Santo Principe, y
„Proféta David. O' Serenissimo, y Chris-
„tianissimo Señor, y que buenas, y
„dichosas ferias hà echo V. A. y quan
„mejorado hà sido en tercio, y quin-
„to entre los otros Principes! O' quan-
„to deve Portugal a Dios, por haver-
„le dado Principes sin espíritu de Prin-
„cipes! O' Señor, y quien supiesse
„entender que cosa es faltar en el Prin-
„cipe el espíritu de Principe, y ser
„confirmado de espíritu principal! O'
„quien supiesse dezir la diferencia, que
„ay de uno al otro: y como el uno
„es de guerra, y el otro de paz: el
„uno desconsuela, y enfada, y el
„otro es consolador: y al fin el uno
„es espíritu humano, y el otro divi-
„no!

„ no ! O' que ganancia feria, si la di-
„ ligencia , que se pone en provar las
„ cosas del mundo , y de la carne , se
„ pudiesse en provar , y experimentar
„ las del espiritu celestial , como nos lo
„ aconseja el Apostol diciendo , que pro-
„ vemos los espiritus , y conoscamos si
„ son de Dios! O' quantos se defenga-
„ ñarian de sus errores , y engaños , que
„ los traen tan ciegos! Mas el dolor es,
„ que se pone tanta industria , y dili-
„ gencia en los unos , y tanta negli-
„ gencia en el otro. Y por esta causa se
„ dan tantas sentencias contra el buen
„ espiritu , porque le condenan sin lla-
„ marle , sin conocerle , y sin oirle.
„ Y siguefe , y creese el proprio espi-
„ ritu , que es ciego , y terreno , y
„ nos lleva a tantos despeñaderos : pi-
„ diendo la razon , y la verdad de Dios,
„ que este se dexasse , y olvidasse , y
„ se

„ se buscase , y procurasse el espíritu
 „ principal. Vendrà dia , quando se aya
 „ de passar el golfo deste siglo ; en que
 „ estos engaños se conoscan , y donde
 „ muchos se hallarán burlados , y lle-
 „ nos de espíritu , que era de tenebras,
 „ vanidad , y falcedad , y vazios del
 „ espíritu de Dios , que los deviera lle-
 „ gar al puerto de la eterna felicidad.
 „ Y por esto , poderoso Señor , doy yo
 „ muchas gracias a nuestro Señor , vien-
 „ do a V. A. tan ageno , y tan aparta-
 „ do del mal espíritu proprio ; y tan
 „ deseoso , y ancioso por el espíritu
 „ principal. Este es el que haze rendir
 „ al espíritu proprio , como lo experi-
 „ mentava aquel Santo Rey , que dezia:
 „ *Expectabam eum , qui salvam me fecit*
 „ *à pusillanimitate spiritus , & tempestate.*
 „ Este es aquel divino espíritu : *Qui,*
 „ *ubi vult , spirat* , que entra , y vivifi-

„ ca,

„ ca , donde , y como , y quando le
„ plase. Este es aquel espiritu , el qual
„ el mal mundo nõ puede acoger , por-
„ que nõ se quiere recoger. Este es a-
„ quel , en el qual , y con el qual cla-
„ mamos *Abba Pater* , porque es es-
„ piritu de adopcion. Este es el que de-
„ vemos encender siempre con los ma-
„ nojos de olores , y obras hechas en
„ caridad : porque con esto se cumpli-
„ rà , lo que S. Pablo manda : *No que-
„ raes apagar el espiritu*. Este es , el que
„ (como yo espero de la divina bon-
„ dad) se acrecentarà siempre en el al-
„ ma de V. A. y a su entrada , y pre-
„ sencia dirà con el otro Santo Princi-
„ pe : *Defecit spiritus meus*. Y no ha-
„ llará en si otra voluntad , y querer,
„ sinò lo que el espiritu del Señor qui-
„ ere , y manda : ni su entendimien-
„ to buscarà , ni se ocuparà , ni abra-

Q

„ çara

„ çarà , fino las verdades , que la Santa
 „ Iglesia Catolica nuestra Madre le en-
 „ seña : ni su memoria se acordarà de
 „ las criaturas , sinò para reduzirlas al
 „ Criador , y tomarlas por escalera pa-
 „ ra subir a su conocimiento , y amor.
 „ Pues todas las criaturas resplandecen,
 „ y son mas lindas en el Criador , que
 „ en si mismas , y en el dan gozo con-
 „ siderandolas , y sin el dan pena de-
 „ seandolas , y temor poseyendolas , y
 „ dolor dexandolas. Si con el espiritu
 „ de Dios V. A. vive , vivirà vida ver-
 „ dadera , y sus sentidos nõ buscaràn,
 „ ni querran otros deportes , y gustos,
 „ que no sean conformes al espiritu , y
 „ voluntad divina. Y con esto podrà
 „ dezir de verdad : *Defecit spiritus meus.*
 „ Y de aqui subirà a dezir : *Exultavit*
 „ *spiritus meus in Deo salutari meo.* Plu-
 „ guiesse al Redentor , y Señor nuestro,
 „ que

„ que yo pudiesse con verdad dezir :
„ *Defecit spiritus meus.* Mas pues si quie-
„ ra en lo exterior con la mudança del
„ estado parece, que hà faltado mi pro-
„ prio espíritu por la gran misericordia
„ de Dios, que me llamó, y se dignò
„ recibirme entre los siervos de su Ca-
„ sa : ofrecí a V. A. que aunque an-
„ tes estava ya atado, ofrecido, y obli-
„ gado, de oy mas ofrecerè la volun-
„ tad, que sola me queda, y el deseo:
„ persuadiendome yo, que pues Dios
„ nuestro Señor la recibe, y se con-
„ tenta con ella (quando no ay otra
„ cosa, con que servirle) que tambien
„ V. A. la recibirà, pues es su voluntad
„ conforme a la divina. Cuya caridad
„ infinita guarde su muy alta, y pode-
„ rosa persona para la engrandecer màs
„ en su Reyno eterno Amen. De Oñe-
„ te 15. de Agosto. *Francisco peccador.*

42 Na humildade, que parecia a virtude menos confôrme com a condição da sua fortuna, e menos propria dos seus espiritos Regios, se fez certamente incomparavel. Assistindo em Xabregas nas casas de D. Antonio de Noronha Conde de Linhares, junto a São Bento dos Loyos, e costumando confessarse com o Padre Diogo Miraõ da Companhia, o qual lhe havia dictar todos os dias o ponto para a Oração, mandava algumas vezes pedir confessor à casa Professa de São Roque, recomendendo expressamente ao criado, a quem dava aquella ordem, que a escolha, e nomeação do Religioso a deixasse no arbitrio do seu Prelado, como se fosse para qualquer pessoa do vulgo: porque não queria ser diferente nos confessores como Principe, quando era igual nas confissoens como peccador.

Custu-

Custumava derramar taõ copiosas lagrimas , que ja pareciaõ mais effeito da ternura , que da penitencia ; chegando a dizer estas notaveis palavras ,, Que ,, ferà de mim, se no dia do Juizo o meu ,, escravo me atrebar o Ceo ; e eu me ,, for ao inferno , ou ao menos tiver mais ,, grãos de gloria do que eu , porque os ,, teve de caridade , e amor de Deos , e ,, eu mais conta com as cousas do mundo ! E porque o Infante por huma parte queria desprezar as veneraçoes, com que o tratavaõ , como humilde , e por outra as desejava agradecer como benevolo ; perguntou a Simaõ Gomes, que era hum Official de Capateiro , mas famoso em fantidade , e eminente na Mystica , como se havia de portar naquella materia ? Elle lhe respondeu resoluta , e solidamente. Hajase V. A. nella , como Christo Senhor nosso o fez,

fez, quando os Judeos lhe diziaõ: *Ave Rex Judæorum*, e toma como cousa de escarneo, como saõ todas as do mundo. Taõ estupendos como isto saõ, ou taõ encontrados parecem os effeitos da virtude; pois ao mesmo tempo obriga a hum Infante, a que consulte hum Capateiro, e habilita hum Capateiro para dirigir hum Infante!

43. Não he verdadeiramente explicavel o affecto, que o Infante D. Luiz mostrou sempre à veneravel Religiaõ da Companhia. Pois além de haver tido grande parte na fundação da casa Professa de São Roque; de haver sido causa de se augmentarem as rendas do Collegio de Santo Antaõ; de aconselhar zelosamente a muytas pessoas illustres, que abraçassem taõ santa vida; persuadio a seu irmão o Cardeal Dom Henrique, que o quizesse imitar nesta venera-

veneração, e amor, e fundasse em Eo-
ra o sumptuoso Collegio, que edificou.
E nos principios daquella taõ Real,
como piedosa fundação, estando o In-
fante na mesma Cidade, não só hia fa-
miliarmente ao Collegio, mas visitan-
do as Enfermarias, se informava de ca-
da enfermo do estado das suas doenças,
e até lhe tomava o pulso, unindo ao
dote da urbanidade a virtude da com-
paixão. Finalmente à instancia do In-
fante D. Luiz determinou ElRey Dom
João o III. no anno de 1555. que os
Padrões da Companhia entrassem a servir
o recto, e incorrupto Tribunal do S.
Officio: e se vivesse mais tempo o In-
fante, certamente se conseguiria esta
difficultosa pertençaõ; porque ja havia
a condescendencia de Santo Ignacio,
cuja summa humildade desprezava de
forte os cargos, e dignidades do mun-
do,

do, que parecia nascer, este desprezo igualmente do genio, que da virtude.

44. Foy amantissimo de toda a Religião de São Francisco, e ainda que especialmente da Refórma da Provincia da Arrabida, conhecendo, que em servir aquelle penitente, e Serafico Patriarca, adorava o mesmo Christo no seu mais parecido retrato. No anno de 1542. em hum sitio chamado vulgarmente Jericò, que fica entre a Villa de Benavente, e a de Salvaterra, de que era Senhor, mandou edificar hum Convento para os Religiosos da Arrabida, que ainda entãõ não tinhaõ mais q̃ dous, por mostrarem a sua amada pobreza atè no numero das mesmas fabricas. Esta ainda que ordenada à custa do Infante D. Luiz, não consentio o veneravel Padre Fr. Martinho de Santa Maria, fun-

fundador daquella Provincia, que se fizesse à proporção da grandeza de quem a offerencia, mas conforme a humildade de quem a aceitava. O Infante imitando o exemplo desta austeridade, escolheu para sua assistencia tres casas muy pequenas debaixo do Dormitorio: a primeira lhe servia de livraria, e antecamara: na segunda havia unicamente huma cortiça, em que dormia: na terceira tinha huma mesa quadrada de cinco palmos, para a qual convidava os Religiosos, quando não comia no mesmo Refeitório, servindo-lhe com louça do barro mais grosseiro, e até com escudela de pão. Nunca faltava ao exercicio da Oração mental nas horas, que a Comunidade destinava para ella; e com o mesmo fervor, e exacção assistia a todas as obrigações do Coro; e se alguma vez deixava de exercitar ef-

R

te

te religioso acto , era para executar outro naõ menos meritorio , pedindo ao Porteiro , que se tangessem a Campainha , naõ interrompesse a reza, porque elle mesmo de boa vontade serviria o seu ministerio , como fez em muitas occasioens. Naõ deixarei pois de referir , o que succedeo em huma dellas. Chegou à Portaria hum pescador com huma esmo!a para os Religiosos do peixe , que recolhera nas suas redes; disselhe o Infante , que lha desse seguramente , que elle promettia entregalla : naõ quiz o pescador , por mais que o Infante repetio a sua instancia. Sahiraõ os Frades do Coro , contoulhes o Infante o caso , admirado da devota desconfiança do rustico , e ordenou ao Porteiro , que depois de receber a esmola levasse o mesmo rustico à horta, aonde elle o esperava. Foy o pescador
à pre-

à presença do Infante , e perguntando-lhe a razão , porque lhe não entregára aquella esmola , respondeu com a liberdade , de que se acompanha a singeleza , que por ser muy devoto daquelle Convento , e recear , que elle se quizesse aproveitar da mesma esmola. Tornouse o Infante a edificar da piedade do pescador , e querendo tambem edificallo com a sua humildade , lhe disse: „ Eu sou o Infante Dom Luiz , folgo „ muito , que sejas devoto dos Frades , „ pedime alguma merce , que por esse „ respeito vo la hei de conceder. Lançouselhe aos pès pedindolhe o perdaõ , que ja tinha conseguido antes de o pertender , e fazendolhe juntamente a supplica , de que o quizesse izentar de pagar direitos , de quanto pescasse naquelle districto. O Infante lhe fez o favor, recomendandolhe com grandes expres-

R ii

soens,

soens', que crecessê sempre na devaçãõ, e charidade, que mostrava ter com aquelles Religiosos.

45 Para a Casa de Santa Catharina de Riba mar, que fundou a Infanta D. Isabel, mulher do Infante D. Duarte, elegeo o sitio o Infante D. Luiz: e porque a Ermida era annexa à Igreja de Santa Cruz do Castello, se fez a transacção com o Prior, e Beneficiados, sendo huma das clausulas, e condiçoens da Escritura, que o Infante D. Luiz lhe daria dous mil reis todos os annos. Os primitivos Arrabidos chamavaõ com grande propriedade ao Infante Columna principal, e Prelado da Custodia: porque os Geraes, e Prelados menores não tomavaõ resolução sem o seu consentimento, respeitando ainda mais o zelo do seu espirito, que a authoridade da sua protecção: e por esta

esta causa cedeo o Geral Fr. Andrè da Infua do proposito, em que estava de unir, e fugeitar à dos Algarves a Provincia da Arrabida. Procurou ultimamente com o mayor desejo, e ancia vestir o habito da Refórma, e profesar aquella apertadissima Regra, communicando taõ santo pensamento ao Custodio Fr. Luiz Delna, quando o visitou em huma grave enfermidade: pois na presença de alguns Fidalgos, fallandose em materias devotas, lhe disse desta maneira, „ Padre meu, encomendai-me a Deos; e pedí a nossos Irmaõs, que „ façã o mesmo; e confio no Senhor, „ se me der saude, de muito cedo lhes ir „ fazer companhia, e ajudallos a servir a „ Deos na Religiaõ. Porém a Nobreza de Portugal naõ consentio, que elle puzesse em pratica este esforço ultimo do seu desengano, affustada por considerar
mal

mal segura , e quasi extincta a linha da successão Real. Mas se o Infante foy necessitado a não seguir os impulsos vehementes da sua vocação , não deixou de parecer em tudo hum verdadeiro Arabido , vestindose tambem de pano vil , e explicandose como filho da mesma Ordem : porque mostrando-lhe o Convento da Casa Nova , que offerecia à Religião Pedro de Alcaçova Carneiro , o não quiz aceitar usando destes termos ,, Não convem à pobreza , e ,, perfeição do nosso estado.

46 Mereciaõ ja todas estas virtudes do Infante D. Luiz o premio de huma gloria sem medida , e de huma felicidade sem termo : e não mereciaõ menos os peccados publicos de Portugal o castigo tambem publico de huma perda sem consolação , e de hum dano sem remedio. Estando o Infante D.

Luiz

Luiz na sua Villa de Salvaterra , aonde costumava passar alguma parte do Inverno pelo grande divertimento da Caça , de que he abundante o paiz , e a cujo exercicio era summamente inclinado , enfermou taõ gravemente de humas terçãas , que se vio necessitado a mudar-se para sitio mais visinho de Lisboa , e hospedar-se em huma Quinta , que foy do Conde de Linhares , pouco distante de São Bento dos Loyos. Engravessendose a enfermidade , e declarandose o perigo dentro em poucos dias , lhe foraõ assistir por ordem de ElRey , D. Antonio de Ataide Conde da Castanheira , e Pedro de Alcaçova Carneiro Secretario de ElRey , e do seu Conselho. Em huma Quarta feira pois 27. de Novembro de 1555. naõ sò feitos com grande fervor , mas repetidos com summa frequencia os actos
mais

mais religiosos , em idade de 49. annos , e nove mezes , rendeo a Deos aquelle espirito , que soube fazer ainda mais piedosa , que illustre a sua memoria. Na quinta feira pela meya noite com infinitas lagrimas , derramadas tanto pelo pezar da sua morte , como pela edificaçãõ da sua vida , foy levado pelos Irmãos da Misericordia de Lisboa , e pelos Capellaens de El Rey à Igreja de Bellem , sagrado monumento da piedade , e soberbo padraõ da magnificencia de seu Augusto Pay El Rey D. Manoel ; e depositado em huma Capella , que fica no Cruzeiro à mãõ esquerda junto do Cardeal D. Afonso seu Irmaõ , e no mesmo mausoleo , em que descançãõ as cinzas de outro Irmaõ o Infante D. Carlos , aonde para mayor faudade , ou para perpetuo desengano se lhe gravou este epitafio.

Magnus

*Magnus consiliis Infans Ludovicus, & armis,
Hoc silet angusto, morte jubente, loco.*

47 Nomeou por seus Testamen-
teiros ElRey , a Rainha , e o Cardeal
D. Henrique , ao qual recommendou o
quizesse imitar no favor , e protecção
dos Religiosos da Arrabida ; e a ElRey
fez a mesma devota supplica , indo-o vi-
sitar no seu perigo. Ordenou no seu
testamento , que o enterrassem sem pom-
pa no Templo de Bellem defronte do
Altar de nossa Senhora , em sepultura ra-
fa com hum epitafio , que fosse mais le-
treiro , que elogio ; que na mesma
Igreja ardesse perpetuamente diante do
Sacramento huma grande alampada de
prata ; e se lhe offerecessem dous cas-
tiçais de igual grandeza para os dias de
festa , hum de tres velas , em que se

S

repre-

representava o ineffavel Misterio da Trindade , e outro de huma , em que se simbolizava a pureza da Mãy de Deos: que se disseffem logo quatro mil Missas, e huma quotidiana , e se celebrasse hum Anniversario pela sua alma : que todos os ornamentos da sua Capella se mandassem para Bellem , e a roupa de seu uso se desse aos Hospitais : que se puzessem em liberdade os seus escravos, com vinte mil reis a cada hum todos os annos ; e se resgatassem cincoenta cativos Portuguezes , preferindo-se para o resgate os de mayor desamparo , e menor idade : que se dotassem quarenta orfãs , antepondose as filhas dos seus Criados , e as naturaes do Priorado do Crato : que as Maltezas de Estremôs recebessem cincoenta moyos de trigo cada anno da importancia de hum juro, de que ElRey lhe tinha feito merce,

com

com licença de o poder repartir em obras pias , porque fendo aquellas Freiras de distincão no seculo , era justo, que os bens da Coroa se dispendessem em seu beneficio : que duzentos , e cincoenta mil reis do mesmo juro se distribuissent por Mercieiros de Bellem: que se dessem oitenta mil reis cada anno a dous Criados seus ; e a outros dous quatro moyos de trigo , alcançando de ElRey , que todos , os que entã o serviaõ , entrassem na Casa Real, continuando-selhes as mesmas moradiãs : que da legitima , que lhe pertencia de ElRey seu Pay , e do Infante D. Fernando seu Irmaõ , cedia inteiramente a favor da fazenda Real , se a sua bastasse para satisfazer aos encargos das dividas , e obrigaçoens do testamento. Com independencia inimitavel , ou com inhumanidade virtuosa lembrandose de algu-

Sii

mas

mas cousas , que vagavaõ por sua morte , e podiaõ pertencer ao Senhor D. Duarte seu Sobrinho , filho do Infante seu Irmaõ do mesmo nome , e reque-
rendo-as para elle affectuosamente , naõ pertendeo nenhuma merce para hum fi-
lho natural , e unico , que lhe ficou ; ao qual destinando-o para Ecclesiastico, só desejou ornallo com a dignidade de Pa-
triarca , e só lhe alcançou o Priorado do Crato. O eloquentissimo Joaõ Pe-
dro Perpeniano da Companhia de Jesus, natural de Elche em Hespanha , lhe fez
na lingua Latina a Oração funebre me-
nos admiravel , por aprendermos nella
os preceitos da Oratoria , do que as
regras do agradecimento. Era de me-
diana estatura , de cabello louro , de
gentil , e agradavel presença. Foy pro-
fundo em todo o genero de erudiçoens
por testemunho , ou oraculo dos mes-
mos

mos que lhas ensináraõ , Pedro Nunes, e Lourenço de Cáceres ; aquelle no Tratado de Esfera , que lhe dedicou , este na instrucção, que lhe deu , vindo do Algarve por ordem sua para o aperfeiçoar nas ciencias. Tinha hum Bibliotheca escolhida , e numerosa ; sendo o mayor fautor de todos os Sabios ; não só pela perpetua estimação do merecimento , mas pelo amor natural da semelhança. Nas Mathematicas passando logo de discipulo a professor , compoz eruditamente hum livro de modos , proporçoens , e medidas , e hum tratado sobre a Quadratura do circulo. Escreveo tambem o excellente Auto de D. Duardus , que se estampou em nome de Gil Vicente , a quem elle o havia dado para o representar. Deixou muitos outros escritos , que se não conservaõ , e que fazendo grande falta pa-
ra

ra a nossa instrucção , nenhuma fazem ja para a sua memoria. Soube perfeitamente a suavissima arte da Musica. Foy excellente Cavalleiro , e na parte de jogar as armas taõ destro , ou taõ insigne , que ninguem o excedeo , e poucos o igualáraõ. Nas outras artes liberaes , e exercicios juvenis daquelles tempos teve igual opiniaõ , e louvor, levando os premios mais avantajados em todas as festas de Canas , Touros, Justas , e Torneyos , em que fez sempre a primeira figura , humas vezes a sua agilidade , outras o seu esforço. Vestia-se com magnificencia , explicava-se com elegancia ; e era naõ só habil , e engenhoso , mas discreto , e cortezaõ , fazendo versos com primor, e com facilidade. Era obediente a seus Pays , como verdadeiro filho ; e fugeito a seu Irmaõ , como reverente subdito.

Teve

Teve hum valor excessivo , e hum affecto extraordinario à profissaõ Militar. Intentou varias vezes fazer guerra aos Africanos , mais por inimigos da Igreja, do que da Patria. Desejou ardentemente passar à India com competente Armada , naõ só para conhecer o mundo pelas experiencias , mas para ser conhecido nelle pelas façanhas. Dispoz-se para ajudar o Emperador Carlos Quinto, quando se armava para defender Hungria da invazaõ do Turco ; mas cedeo às instancias de ElRey , que naõ queria , que o governo padecesse as consequencias da sua ausencia. Fogio occulta , mas briosamente para acompanhar como parente. , e servir como Soldado ao mesmo Emperador Carlos Quinto na celebre expedição de Tunes , e Goleta ; e cabendo grande parte da primeira vitoria ao seu valor , se deveo toda

toda a gloria da segunda ao seu conselho ; ficando raõ vitorioso nos votos, como nas armas. Fez jornada duas vezes a Castella em beneficio do Reyno, que tanto amou ; e em obsequio da Religiaõ , que tanto procurou zelar : e quiz chegar a França pela mesma causa ; naõ se contentando com ser amante da Naçaõ , sem ser favoravel ás suas pertençoens ; nem com ser puro na Fé, sem ser util ao seu augmento. Ao mesmo Reyno , e suas Conquistas em Africa , fazia sempre o beneficio de cuidar na defenõ , e fortificaçaõ das Praças, mandando vir os Engenheiros mais habéis , e peritos de Europa. Era summamente liberal , e summamente affavel, reconhecendo , que com estas circumstancias atè os homens particulares tem veneraçãõ , e sem ellas nem os Principes tem amor. Naõ só distinguia com hon-

honras , mas honrava com o patrocínio a todos os benemeritos , inculcando as suas virtudes , conseguindo os seus despachos , e até buscando-os nas suas afflicções ; porque estimar os dignos , e não os favorecer , he mayor injuria do conceito proprio , que do merecimento alheyo. Da sua independencia deu sempre publicas , e evidentes provas. Sendo o filho segundo da Casa Real menos rico , e menos bem dotado , de que hã memoria , e vagando pelo Senhor D. Jorge de Lancastro os dous Méstrados de Santiago , e Avís , que costumavaõ andar sempre nas Casas dos Infantes , não só os não pedio , mas aconselhou a ElRey , que os unisse à Coroa , achando , que era merce immodica , não para ElRey lha fazer , mas para elle a aceitar ; acrescentando muito a generosidade desta mesma acção

T

a circumf-

a circumstancia de estar a sua renda naquelle tempo embaraçada , e diminuida pelas grandes dividas , que havia contrahido no luzimento da sua Corte , e credito da sua Nação. Nas repetidas funçoens , e festas , que houve em Portugal , entrou sempre com despezas extraordinarias , sem nunca ter de ElRey a menor assistencia. Foy singular na piedade com Deos , admiravel na commiseração com os pobres , distinto na benevolencia com os familiares. Vivia nos ultimos annos sem os precisos apparatus de Principe , parecendolhe , que eraõ mais decentes ao Palacio os exemplos da moderação , que os adornos da vaidade. Intentou com espirito verdadeiro vestir a roupeta de Santo Ignacio , e depois o burel de São Pedro de Alcantara ; e se não executou estes fervorosos desejos , observou do modo possível

sivel as sagradas leys de hum , e outro Instituto. Deste ultimo fundou hum pequeno Convento junto a Salvattera , que dedicou a Nossa Senhora da Piedade , de que era devotissimo , e cuja santissima devaçãõ introduzio , e dilatou por aquelles contôrnos. Ao mesmo Convento enriqueceo com huma insigne , e milagrosa reliquia do Martyr Saõ Bacco. Para tambem deixar fóra da patria documentos da sua grande Religiaõ , no anno de 1548. foy em romaria a Compostella venerar o sagrado Corpo do Patrono de toda Hespanha Santiago Mayor. Principiou na Villa de Salvattera hum edificio sumptuoso , e capaz de ser habitaçaõ sua.

48 A familia , que ainda conservava no tempo , em que falleceo , tendo grande diminuiçaõ pelo total desprezo , que fazia do luxo , era esta. André Tel-

les da Sylva , Alcaide môr da Covilhãa,
filho de Ruy Telles Senhor de Unhaõ,
Governador da sua Casa, Mordomo môr.
Braz Telles de Menezes , Alcaide môr de
Moura , filho do mesmo Ruy Telles, Ca-
mareiro môr. D. Luiz de Moura, Estribei-
ro môr. D. Francisco Pereira , Cômenda-
dor do Pinheiro , Escrivaõ da Puridade.
Joaõ Gomes da Sylva , Alcaide môr de
Cea , Guarda môr. D. Fernando de No-
ronha , filho segundo de D. Martinho de
Noronha Senhor de Villaverde , Com-
mendador de Bésteiros na Ordem de
Christo , Copeiro môr. Fernaõ Mar-
tins Freire , Monteiro môr. Diogo Bo-
telho , Porteiro môr. Manoel de Soufa,
Trinchante môr. Simaõ Caldeira , Ar-
mador môr. D. Jorge Henriques , Caça-
dor môr , filho de D. Braz Henriques ,
que teve o mesmo Officio. Joaõ Rodri-
gues de Beja , Veador da Casa. Jerony-
mo

mo Osorio, Secretario, que não só merecia, mas authorizava o emprego. Manoel Quaresma, Escrivão da Fazenda. Ruy Calema, Thesoureiro. Francisco Botelho, Camareiro, e Moço da Guarda-roupa. Tinhaõ na sua Casa moradia de Fidalgos Cavalleiros vinte e sete pessoas, doze de Fidalgos Escudeiros; e nestes entravaõ com fóros os Fidalgos, que temos nomeado, e outros, que não tinhaõ officios. Vinte e dous Moços Fidalgos; vinte e dous Cavalleiros Fidalgos, oitenta Cavalleiros, trinta e dous Escudeiros Fidalgos, quarenta e seis Escudeiros, duzentos e treze Moços da Camera, oito Porteiros. Ultimamente compondose a sua Casa de seis centos trinta e dous Criados, se infere que naquelle tempo não era estado decente para os Principes, o que em outro pareceria superfluo.

49 Foy Senhor de Serpa, Moura, Covilhãa, Almada, Salvaterra, e Beja. Desta Cidade foy feito Duque por ElRey seu Pay; e nella naõ só ennobreceo o Palacio de seus avòs os Infantes D. Fernando, e D. Brites, mas no anno de 1550. converteo em casa da Misericordia huma grande fabrica, que mandára fazer com outro intento; naõ querendo que os testemunhos da sua magnificencia permanecessem mais, que os da sua piedade. Foy Prior do Crato à instancia de seu Irmaõ por Bulla do Papa Clemente VII. sendo elle o decimo setimo, que exercitou esta dignidade, a cujas obrigaçoens naõ só fatisfez cuidadosamente, presidindo a todas as Assembléas da Ordem, mas adiantando o mesmo zelo, edificou na Villa de Estremòs o unico Mosteiro, que hà em Portugal, de Religiosas

giosas do illustrissimo Habito de Malta, intitulado-o com a invocação de São João Bautista , e dotando-o com huma grossa renda. Nunca mudou de estado , não chegando à conclusão a pratica de quatro casamentos , que ainda sem as consequencias do Sceptro lhe eraõ decorosos. Incitado do verdor dos annos , e enganado das attraçoens da fermosura de Violante Gomes (chamada a Pelicana pelo excesso da sua belleza) teve hum filho, q̃ se chamou D. Antonio.

50 Nasceo o Senhor D. Antonio em Lisboa no anno de 1531. Teve a sua primeira educação no Mosteiro da Costa , que he de Monges de São Jeronymo , e fica eminente à Villa de Guimaraens. Depois quando seu Pay o Infante D. Luiz hia visitar Santiago de Galiza , hospedandose em Coimbra no Convento de Santa Cruz , e agradan-

agradando-se muito da doutrina, que alli se dava aos Irmãos do Duque de Bragança D. Fulgencio, e D. Theotónio, em Outubro de 1548. veyo por ordem sua estudar naquella Escola; escrevendo o mesmo Infante huma tal carta de recômmendação ao Prior Geral, que com ella podia o Senhor D. Antonio escuzar os mesmos documentos, que seu Pay lhe procurava. No mesmo Convento tomou o gráo de Mestre em Artes; e logo foy conduzido a Evora por Francisco Figueira, Estribeiro mór do Infante seu Pay, para assistir na companhia de seu Tio o Cardeal D. Henrique, na qual teve a fortuna de ser discipulo do famoso Fr. Bartholomeu dos Martyres, e tambem do insigne Escriitor Jeronymo Osorio. No estudo das Humanidades se adiantou com felicidade, fazendo-se singular na
noticia

noticia da lingua Latina , e no exercicio da Eloquencia.

51 Por particulares razoes se ausentou para Castella , aonde recebeu de seu Primo Philippe II. as distincões, que se deviaõ ao seu nascimento. Passando a Tangere deu tantas , e taõ illustres provas do seu valor , que alguns annos depois foy mandado por ElRey D. Sebastiaõ governar aquella Praça. Voltando ao Reyno acompanhou a ElRey D. Sebastiaõ em ambas as jornadas de Africa , aonde ficou cativo na segunda expedição. Resgatouse , e em Lisboa mereceo grande applauso do povo pela sua benevolencia , e liberalidade. No anno de 1580. por morte do Cardeal D. Henrique pertendeo com os mais oppoentes a successão da Coroa , querendo provar a sua legitimidade , e offercendose logo ao Senado de Lis-

V

boa

boa para defensor do Reyno. Retirandose para Santarem foy aclamado Rey por todo o povo , e por algumas pessoas de qualidade ; e entre estas com affecto muy distinto por Diogo Botelho , e D. Francisco de Portugal III. Conde do Vimioso, guiados mais do amor da patria, que do zelo da justiça. A mesma aclamação logrou em Setuval , batendo moeda , e fazendo varias merces. Quis entrar em Lisboa com o pertendido titulo de Rey , e naõ encontrando resistencia no vulgo , foy seguido de huma grande parte delle. No Paço repartio muitos officios. Jurou os privilegios do Reyno , escrevendo a todas as Cidades, e Villas, que tem lugar em Cortes para lhe darem obediencia. Philippe II. (injusto , mas poderoso pertendente) lhe mandou offerecer cem mil cruzados de renda para

ra que deixasse de ser seu contendor , mas elle não admittio esta composição.

52 A este tempo marchando o Duque de Alva com vinte mil homens, juntou só oito mil para lhe fazer opposição , dos quais desertarão quatro antes do conflito. Em Alcantara lhe deu a Batalha o Duque , que além do seu superior exercito tinha no mar sessenta e duas Galès, e vinte e cinco Galeoens à ordem de D. Alvaro Bazan. Foy derrotado, como se podia esperar do numero de tão poucos combatentes , e ferido por erro muy levemente com hum dardo , que dos seus mesmos se despedio. De Lisboa se embarcou para Setuval , dalli para Inglaterra , e logo para França ; e sendo bem recebido da Rainha Catharina de Medicis , conseguiu della pela efficacia da sua persua-

ſaõ hum foccorro de cincoenta Navios com fete mil homens à ordem de Philippe Stroci , e de Monsieur de Brizac. Partio a tomar posse das Ilhas Terceiras , que declaradamente favoreciaõ o feu partido. Chegado à Ilha de S. Miguel contendeo com huma Armada de ElRey de Castella de doze Galès , e cincoenta Galeoens , de que era General o mesmo Bazan ; e depois de hum combate de cinco horas , rendida a Capitania , e Almiranta Francezas , e metidos no fundo dous Galeoens com morte de dous mil homens , entre os quais acabou valerosamente o Conde do Vimioso , ficou mais destroçado , que vencido.

53 Tornou a Inglaterra , e conciliando o affecto de alguns Cavalheros , mas especialmente do Conde de Esflex , alcançou da Rainha Isabel outro foccorro

cõro ainda mais poderoso , posto que com durissimas condiçoens. Sahio de Plemuth com mais de vinte e dous mil homens , levando por General do mar a Francisco Draque , e da terra a Joaõ Norris. Navegando nesta Armada pelas costas de Portugal , e desembarcando alguns Cavallos , e mais de doze mil Infantes na Praça de Peniche , a ganhou sem difficuldade. Entrou finalmente pela barra do Tejo , e como naõ houve na Cidade alguem , que se resolvesse ja a ajudar a sua facçaõ , depois de se lançarem muitos cadaveres ao mar pelas doenças , originadas da excessiva falta de mantimentos , e de se perderem varias embarcaçoens , recolhida a Armada para Plemuth , se refugiou em França.

54 Na Corte de Paris assistio o resto da sua vida , intentando sempre persua-

persuadir a sua acção à Coroa pelos escritos de Fr. Jozè Teixeira, Religioso da Ordem de São Domingos ; e implorando , ainda que sem fruto , o favor das mesmas Potencias , que haviaõ fomentado infelizmente a sua pertençaõ. Reduzido a huma extrema pobreza , e convertido a Deos com grande piedade , falleceo no mez de Agosto de 1595. de 64. annos. Está sepultado na Igreja da Ave Maria. O titulo de Rey, que logrou na vida por tempo taõ breve , depois da morte o conserva perpetuamente na inscripção da sua sepultura.

55 Foy dotado de summa gentileza , de admiravel engenho , e de extraordinaria facundia ; teve grande noticia das ciencias profanas , e mayor conhecimento das Sagradas. Escreveo Cartas , ou Manifestos a varios Príncipes,

pes , Republicas , e homens grandes sobre a justiça da sua causa , e ao Summo Pontifice huma eloquente oração ao mesmo intento. Fez huma Parafraze aos Psalms Penitenciaes. Historiou em estylo elegante todos os seus successos. Nunca casou , porque era professo na Ordem de São João , e em virtude della se lhe deu o Priorado do Crato , que unicamente lhe soube adquirir o singular desinteresse do Infante seu Pay. Teve dez filhos de mulheres de differentes naçoens , dos quais só casou D. Manoel de Portugal a primeira vez com Emilia de Nassau , de que deixou numerosa , e illustre posteridade ; e a segunda com D. Luiza Osorio, Dama da Archiduqueza D. Isabel Clara, de que não ficou descendencia. Finalmente se o Senhor D. Antonio não mereceo a fortuna , que sollicitou, pela natureza

tureza do seu direito , tambem desmereceu as desgraças , que experimentou, pela excellencia dos seus dotes.

F I M.

INDEX

DAS COUSAS NOTAVEIS.

A.

Abrantes

Foy patria do Infante Dom Luiz ;
pag. 3.

Adriano VI.

He congratulado da sua exaltação ao Pontificado por ElRey D. João o III. pag. 7.

Estimou muito huma Cruz do Santo Lenho, que o mesmo Monarca lhe mandou, p. 8. Expede huma Bulla, pela qual faz Prior do Crato ao Infante D. Luiz, ibi.

D. Affonso de Portugal.

Filho herdeiro do Conde do Vimioso, segue ao Infante Dom Luiz na jornada da em-

X

preza

preza de Tunes, p. 36. Sendo de dez e seis annos he admittido por Carlos V. ao Conselho de Guerra, p. 60. Escrevelhe huma carta o Infante D. Luiz, em que se manifesta o grande conceito, que d'elle fazia este Principe, pag. 88. e 89.

Ayres de Soufa,

Parte por ordem de El Rey Dom João o III. a congratular a Adriano VI. pela exaltação ao Pontificado, p. 7.

Almada,

Foy Senhor desta Villa o Infante D. Luiz, p. 150.

Almeirim,

Nesta Villa se celebraraõ os desposorios da Imperatriz D. Isabel com Carlos V. p. 11.

Nella se celebraraõ os da Infanta D. Maria com o Principe de Castella D. Filippe,

p. 95.

D. Atvoro Bazan,

General de huma poderosa Armada em fa-

vor

vor do Duque de Alva contra o Senhor D. Antonio, p. 155. Alcança humã victoria do Senhor D. Antonio junto à Ilha de S. Miguel, p. 156.

Andrè Doria,
Sabe embarcado em humã Galè com o Infante D. Luiz, acompanhando a Armada para a expugnação da Goleta, p. 45.

Fr. Andrè da Infua,
Geral da Ordem Serafica, porque causã não sujeitou a Provincia da Arrabida à dos Algarves, p. 133.

Senhor D. Antonio,
Onde, e quando nasceu, pag. 151. Estudou em Santa Cruz de Coimbra em companhia dos Irmãos do Duque de Bragança, pag. 152. Em Evora teve por Mestre a Fr. Bartholomeu dos Martyres, p. 152. Acompanha em ambas as jornadas de Africa a El Rey D. Sebastião, pag. 153. Oppoem-se à successão da Coroa, ibi.

Entra em Lisboa, e as mercès, que fez, p. 154. He vencido na batalha de Alcantara, p. 155. Chega a França, onde he bem recebido, ibi. Combate junto à Ilha de S. Miguel com huma poderosa Armada de Castella, em que ficou destrôçado, pag. 154. Sahe de Plemuth com outra Armada sem conseguir o que pertendia, p. 157. Recolhe-se a Pariz, onde morreo, p. 158. Em que parte està sepultado, ibi. Obras que compoz, p. 155. Descendencia que deixou, ibi.

D. Antonio de Attaide, Primeiro Conde da Castanheira, he mandado por Dom Joaõ o III. levar a faculdade ao Infante Dom Luiz para proseguir a jornada de Tunes, pag. 38. Leva huma carta do mesmo Monarca, para que o Duque de Bragança não prosiga esta jornada, p. 89. Assiste por ordem de El Rey à enfermidade, e morte do Infante D. Luiz, pag. 135.

D.

D. Antonio de Noronha ,
*Escrivaõ da Puridade , recebeu o juramento
 da Omenagem feito pelo Infante D. Luiz
 quando se aclamou ElRey D. Joaõ o III.
 pag. 6.*

Antonio de Saldanha
*He eleito General da Armada , que man-
 dou ElRey D. Joaõ o III. para a expedi-
 çãõ de Tunes , p. 33. He avisado pelo In-
 fante D. Luiz , que não sayá de Palamòs
 até ordem sua , pag. 65.*

Armada ,

*Qual foy a que mandou ElRey Dom Joaõ
 o III. em favor de Carlos Quinto con-
 tra o Turco , p. 31. 32. e 33. Quando che-
 gou a Barcelona , p. 42. De quantos navios,
 e soldados constava a com que Carlos V.
 conquistou a Goleta , p. 46. Quando che-
 gou a este porto , p. 47. De quantos Galeões
 e Galès se formava a que governou D. Al-
 varo Bazan contra o Senhor D. Antonio,*

P. 155

p. 155. Com huma muito poderosa fãbio de França o Senhor D. Antonio, e he derrotada por D. Alvaro Bazan, p. 156. Sahe de Plemuth o Senhor D. Antonio com outra muito poderosa, de que era General Francisco Draque, e se recolhe sem obrar o que intentava, pag. 157.

B

Barba Roxa, Barmud

INtenta despojar do Reyno de Tunes a Muley Hazen, pag. 29. Manda pôr huma cadeya desde a Goleta até a outra ponta da terra para impedir a entrada das Galès da Armada Catholica, p. 32. Guarnece com hum forte presidio a Goleta, p. 50. Presenta batalha em Tunes ao Emperador Carlos V. em que ficou derrotado, p. 59. Bate a Villa de Porto Mahon, donde

donde se retira com grande perda, p. 65.

Fr. Bartholomeu dos Martyres

Foy Mestre em Evora do Senhor D. Antonio, pag. 152.

Beja,

Foy Duque desta Cidade o Infante Dom Luiz, p. 150. Nella edificou a casa da Misericordia, ibi.

Bellem,

Neste Real Convento foy sepultado o Infante D. Luiz, pag. 136.

Bernardino de Mendoça,

Irmão do Marquez de Mondejar, acompanhado de mil Espanhoes, presidia a praça da Goleta, p. 63.

C

Carlos V.

M *Anda dar os pezames a El Rey Dom João o III. pela morte de seu Pay, e que*

e que sua Irmãa a Rainha Dom Leonor parta para Castella, p. 9. Casa com a Infanta D. Isabel, e quando se celebraraõ estas vodas, p. 11. Pede-lhe Muley Hazen, que o soccorra contra Barba Roxa, p. 30. Supplica a D. Joaõ o III. que o queira ajudar contra este Barbaro, p. 31. Recebe em Barcelona com grande benevolencia o General, e Fidalgos da Armada de Portugal, e principalmente ao Infante D. Luiz, p. 42. 43. Persuade a este Infante, que com o seu Galeaõ corte a cadeya, que os Mouros puseraõ para impedir a entrada das Galès da Armada Catholica, p. 53. Manda assaltar a Goleta, p. 54. Entra triunfante nesta praça, ibi. Acomette a Cidade de Tunes por conselho do Infante D. Luiz, p. 57. Intenta casar com Christerna sua Sobrinha ao Infante D. Luiz, p. 62. Introduz no conselho de Guerra a D. Affonso de Portugal filho do Conde do Vimioso, não tendo mais que

que dezeseis annos , p. 60. Determina armar Cavalleiro ao Infante D. Luiz , cujo obsequio não aceitou , p. 62. Significa por Embaixadores a D. Joaõ o III. o quanto era devedor ao Infante D. Luiz, nas empresas de Goleta, e Tunes , p. 66. 67. Com a sua autoridade conclue dous graves negocios em obsequio do Infante D. Luiz, p. 91. e 92.

O Infante D. Carlos

Filho de ElRey D. Joaõ o III. está enterrado no Convento de Bellem , pag. 136.

D. Catharina de Austria.

He recebida pelos Infantes D. Luiz, e D. Fernando, quando veyo despozarse com ElRey D. Joaõ o III. p. 10. Em que anno se ajustou este casamento , ibi. Foy Testamenteira do Infante D. Luiz, p. 137.

Catharina de Medicis

Rainha de França recebe benevolamente o Senhor D. Antonio , p. 155.

Y

Ca-

Casamento

Em que anno se ajustou o de El Rey D. João o III. com a Infanta D. Catharina, p. 10. Quando se celebrou o de Carlos V. com a Infanta D. Isabel, p. 11. Tratouse o do Infante D. Luiz, com Hedwige filha unica de El Rey de Polonia, e se desvanece, p. 20. 21. Intenta celebrallo com o mesmo Infante huma filha de El Rey de Marrócos, pag. 22. 23. Trata-se o do Infante D. Luiz com Christerna Sobrinha de Carlos V. e se não executa, p. 62. O da Infanta D. Maria cõ o Principe de Castella D. Filippe he applaudido com grande magnificencia pelo Infante D. Luiz, p. 94. 95. He propoſto o Infante D. Luiz para o celebrar com a Princeza Maria herdeira de Inglaterra, e se não effeitua, p. 97. Douz celebrou D. Manoel de Portugal filho do Senhor D. Antonio, e quaes forão as Esposas, p. 159.

Chris-

Christãos

Vinte mil foraõ libertados na conquista de Tunes , p. 59.

Christerna

Filha de Christerno Segundo Rey de Dinamarca , e de D. Isabel Sobrinha de Carlos V. he propõsta pelo mesmo Emperador para Esposa do Infante D. Luiz , p. 62.

Clemente VII.

Concede o Priorado do Crato ao Infante Dom Luiz , e em que anno foy esta concessão , p. 24.

Convento

De Religiosas Maltezas em Estremoz foy fundado pelo Infante D. Luiz , p. 24. 25. O de Jericò entre a Villa de Benevente , e Salvaterra de Religiosos Arrabidos he fundação do mesmo Principe , p. 128. No Real de Bellem foy sepultado este Principe no mansoléo, em que descanção as cinzas de seu Irmaõ o Infante D. Carlos , p. 136. O

Y ii

sitio

sítio para o de Santa Catharina de Ribamar foy eleito pelo Infante D. Luiz, p. 132. O da casa Nova foy offerecido por Pedro de Alcaçova Carneiro para os Religiosos Arrabidos, p. 134.

Covilhã

Foy Senhor desta Villa o Infante D. Luiz, pag. 150.

Crato.

Foy seu decimo setimo Prior o Infante D. Luiz, ibi.

D.

Damiaõ de Goes

S*endo Enviado em Cracovia propoẽ a D. Joaõ o III.o casamento da Princeza Heduvige filha de Sigismundo Rey de Polonia para o Infante D. Luiz, que se não executou, pag. 19.20.21.*

Diogo

Diogo Botelho

Aclamou em Santarem ao Senhor D. Antonio, p. 154.

D. Diogo Fernandes de Almeida

Graõ Prior do Crato incorporou na Ordem o Convento das Freiras Maltezas de Evora, pag. 25.

Padre Diogo Miraõ

Da Companhia de Jesus foy Confessor do Infante D. Luiz, p. 124.

D. Duarte de Meneses

Governador de Tangere armou Cavalleiro a D. Joaõ de Castro, p. 60.

E.**Emilia de Nassau**

P *Primeira mulher de D. Manoel de Portugal filho do Senhor D. Antonio, de quem teve numerosa descendencia*, p. 159.

Epita-

Epitafio

Qual se gravou na sepultura do Infante D. Luiz, p. 137. O da sepultura do Senhor D. Antonio tem o nome de Rey, p. 158.

Estremoz.

Nesta Villa fundou hum Convento de Religiosas Maltezas o Infante D. Luiz, pag. 24. 25.

F.

Familia

D*E que pessoas se compunha a do Infante D. Luiz, p. 147. 148. e 149.*

Filippe II.

Caza com a Princeza D. Maria herdeira de Inglaterra, p. 101. Pede a El Rey D. Joaõ o III. que permitta partir de Portugal a Princeza D. Joanna sua Irmãa, p. 102. Mandou offerecer ao Senhor D. Antonio
cem

cem mil cruzados, para que se não oppuzesse à successão da Coroa de Portugal, pag. 157.

Filippe Strozi

Com Monsieur de Brisac he General de huma poderosa Armada em favor do Senhor D. Antonio, pag. 156.

Fr. Philippe de Villiers del' Isle Adam Graõ Mestre de Malta confirma a fundação do Mosteiro das Maltezas fundado pelo Infante D. Luiz, e se-relataõ as clausulas da confirmação, pag. 26.

Infante D. Fernando

Levou pela redea o cavallo, em que hia montado El Rey D. Joaõ o III. no dia da sua aclamação, p. 5 Acompanha a Rainha D. Leonor até a raya de Castella, p. 9. Recebe em Elvas a Infanta D. Catharina, quando veyo despozarse com El Rey D. Joaõ o III. pag. 10. Acompanha a sua Irmãa a Emperatriz D. Isabel, quando foy despozarse com Carlos V. p. 11.

Fidal-

Fidalgos

Quaes forão os que se embarcarão na Armada, que foy contra Tunes, p. 33. Quaes forão os que sem permissão de ElRey seguirão ao Infante D Luiz, nesta expedição, pag. 36. Relataõ-se os que por ordem de ElRey acompanharão ao Infante nesta empresa, p. 38.

São Francisco de Borja

Persuade ao Infante D. Luiz, que não entre na Companhia de Jesus, p. 106. Escreve a este Principe em resposta de huma carta, que lhe escrevera, p. 116.

Francisco Draque

General da Armada, que sahio de Inglaterra a favor do Senhor D. Antonio, p. 157.

D. Francisco de Portugal

Terceiro Conde do Vimioso foy o principal aclamador em Santarem do Senhor D. Antonio, p. 154. Morre alentadamente na batalha naval junto à Ilha de S. Miguel, pag.

São

São Francisco Xavier.

Teve particular comunicação com o Infante D. Luiz, p. 105.

D Fulgencio

Irmao do Duque de Bragança, estudou em Coimbra com o Senhor D. Antonio, p. 151.

G

Galeão

C*hamado S. Joao Bautista, que foy na expedição contra a Goleta, se descreve, p. 32. Rompe huma forte cadeya, que Barba Roxa tinha posto para impedir a entrada dos navios, p. 52.*

Goleta

He invadida pelo Emperador Carlos V. p. 48.

Que numero de soldados tinha a sua guarnição, p. 50. He combatida por mar, e terra, p. 52. Quando foy assaltada, e que des-

Z

pojos

*pojos se tomaraõ na sua cõquista, p. 55. 56.
He presidiada por mil Espanhoes, p. 63.*

H.

Heduvige

F *Ilha unica de Sigismundo Rey de Polonia, he propõsta para Esposa do Infante D. Luiz, p. 10.*

Cardeal D. Henrique.

Foy Testamenteiro do Infante D. Luiz, p. 137. Por sua morte he oppositor à Coroa o Senhor D. Antonio, p. 153.

I.

D. Jayme,

D *Uque de Bragança foy padrinho do Bautismo do Infante D. Luiz, p. 3.*
Acom-

Acompanha a Raynha D. Leonor até a raya de Castella , p. 9. Acompanha a Emperatriz D. Isabel, quando foy despozarse com Carlos V. p. 11.

Jeronymo Osorio

Foy Mestre do Senhor D. Antonio , p. 152.

Santo Ignacio de Loyola.

Persuade ao Infante D. Luiz, que não entre na Companhia , p. 106.

Princeza D. Joanna

Parte de Portugal acompanhada do Infante D. Luiz., p. 102.

ElRey D. João o III.

Na sua aclamação assistio por Condestavel o Infante D. Luiz, p. 5. Congratula a Adriano VI. pela exaltação ao Pontificado , e lhe supplica o Priorado do Crato para o Infante D. Luiz , p. 7. Manda o Doutor João de Faria ao mesmo Pontifice , para que se emende a Bulla de sua concessão , p. 8. Ordena que os Infantes D. Fernando, e D. Luiz

Z ii

acompa-

acompanhem a Rainha D. Leonor até a rainha de Castella, p. 9. Não obrava cousa alguma sem conselho do Infante D. Luiz, p. 13. Manda aprestar hum Armada de sessenta navios para nella passar à India o Infante D. Luiz, o que se não executa, p. 17. Obriga com juramento ao Infante D. Luiz, para que desista do intento de acompanhar a Carlos V. contra o Turco, p. 18. Não aceita a proposta do casamento do Infante D. Luiz com Heduvige, filha unica de El Rey de Polonia, p. 21. 22. Concede ao Infante D. Luiz hum edeficio para a nova fundação do Mosteiro das Maltezas, pag. 25. Soccorre ao Emperador Carlos V. com hum poderosa Armada contra o Turco, p. 31. Manda por D. Antonio de Attaide, I. Cõde da Castanheira ordẽ ao Infãte D. Luiz para que prosiga a jornada para a empresa de Tunes, p. 38. Ordena ao mesmo Conde, que impida continuar esta jornada o Duque

que

que de Bragança , p. 39. Agradece ao Infante D. Luiz não aceitar ser armado Cavalleiro por Carlos V. p. 63. Consulta ao Infante D. Luiz, sobre quem ha de succeder a Martim Affonso de Sousa no Vicereinado da India , p. 68. Confórma-se com o voto do Infante , p. 69. Manda a Inglaterra a Lourenço Pires de Tavora tratar o casamento do Infante D. Luiz com a Princeza Maria herdeira daquella coroa , p. 97.

Principe D. João.

Era summamente venerado por seu Tio o Infante D. Luiz, p. 96. Falleceo de oito dias antes de nascer seu filho o Principe D. Sebastião , p. 97.

D. João de Almeida

Segundo Conde de Abrantes foy Padrinho do Bautismo do Infante D. Luiz, p. 3.

D. João de Castro

Foy Capitão de huma não da Armada, que se expedio a favor da Carlos V. contra o Turco,

co, p. 34. Rejeita generosamente dous mil cruzados, que o Emperador lhe mandou dar em Tunes, p. 60. Não aceita ser armado Cavalleiro por Carlos V. ibi. He eleito Viso-Rey da India por inculca do Infante Dom Luiz, p. 68. 69. Recebe duas cartas do mesmo Infante cheyas de affectuosas expressões, p. 70. até 87.

O Doutor João de Faria

He enviado ao Pontifice Adriano VI. por El Rey D. João o III para se emendar a Bulla da concessão do Priorado da Crato, e o não consegue, p. 8. 9.

D. João de Lancastro

Duque de Aveiro intenta seguir ao Infante D. Luiz na empreza da Tunes, e El Rey lho impede, p. 37.

D. João de Menezes

Conde de Tarouca foy Prior do Crato, a quem succedeo o Infante D. Luiz, p. 7.

João

Joaõ Norris

General de terra dos Ingлезes a favor do Senhor D. Antonio, p. 157.

Joaõ Pedro Perpiniano

Da Companhia de Jesus fez huma elegante Oração funebre do Infante D. Luiz, pag. 140.

Senhor D. Jorge de Lancastro

Por sua morte vagando os Meſtrados de Sãtiago, e Aviz se unirão à Coroa por conselho do Infante D. Luiz, p. 145.

Isabel

Rainha de Inglaterra manda expedir huma poderosa Armada a favor do Senhor Dom Antonio, p. 156.

Infanta D. Isabel,

Filha de El Rey D. Manoel se despoza com Carlos V. e onde se celebraõ estas vodas, p.

111.

D. Isabel

Mulher do Infante D. Duarte fundou o Cõvento

vento de Santa Catharina de Ribamar para Religiosos Arrabidos, p. 132.

D. Isabel

Duquesa de Bragança foy madrinha do baptismo do Infante D. Luiz, p. 3.

Isabel Fernandes

Foy fundadora das Maltezas de Evora, e em que anno se fez esta fundação, p. 25.

L.

Rainha D. Leonor

E *M que mez, e anno partio de Lisboa para Castella, p. 10. Que pessoas a acompanharaõ nesta jornada, p. 9.*

Lisboa.

Foy patria do Senhor D. Antonio, e em que anno nasceo, p. 151.

Lourenço de Caceres

Aperfeioou nas sciencias ao Infante Dom Luiz, p. 141.

Lou-

Lourenço Fires de Tavora.

He mandado a Inglaterra por El Rey Dom João o III. tratar o casamento do Infante D. Luiz, com a Princeza Maria herdeira daquella Coroa, p. 97. Visita a Rainha de Inglaterra sem lhe dar parte do negocio a que fora mandado, p. 102.

O Infante D. Luiz.

Onde, e quando nasceo, p. 2. Quem foraõ seus Pays, e os Padrinhos do bautismo, p. 3. Aprendeo as sciencias Mathematicas cõ Pedro Nunes, p. 4. Servio de Conde Starvel na aclamação de El Rey D. João o III. p. 5. Da fórma em que neste acto deu o juramento de Omenagem, p. 6. Acompanha a Rainha D. Leonor até a raya de Castella, p. 9. Recebe com grande jubilo em Elvas a Infanta D. Catharina, quando veyo desposarse com seu Irmão El Rey D. João o III. p. 10. Dança com as Damas na celebridade das vodas de sua Irmãa a Emperatriz D. Isabel,

Aa

bel,

bel, p. 11. *Acõpanha a eſta Princeza, quando partio para Caſtella, e das palavras que diſſe ao tempo que a entregou ao Duque de Calabria*, p. 12. *Como era eſtimado por El-Rey D. Joã o Terceiro*, p. 13. *Inſtõu com ſeu Irmãõ que o deixaffe paſſar a Arzilla, e o nãõ conſegue*, p. 15. *Intenta do meſmo Principe facultade para conquiſtar o Reyno de Cambaya, e o nãõ executa*, pag. 17. *Prepara-ſe ſecretamente para acompanhar Carlos V. na expedição contra o Turco, e he obrigado com juramento a nãõ aſſiſtir a eſta empreza*, p. 17. 18. *Trata-ſe do ſeu caſamento com Heduvige filha unica de El-Rel de Polonia, e ſe deſvanece eſta negociação*, p. 20. 21. *He pertendido para Eſpoſo por huma filha de El-Rey de Marròcos* p. 22. 23. *Entra a governar o Priorado do Crato, e funda em Eſtremoz hum Convẽto de Religioſas Maltezas*, p. 24. *Alcança do Graõ Meſtre de Malta confirmação deſte*

deste Mosteiro , p. 25. Supplica ao Pontifice Paulo Terceiro pela confirmação deste Mosteiro, e lhe concede grandes privilegios, p. 28 Parte occultamente de Evra acompanhado de alguns criados para a empresa da Goleta , p. 35. He benevolamente recebido em Barcelona por Carlos V. pag. 42. 43. Primoroso obsequio que usou com o Emperador, p. 44. Sabe de Barcelona com o Principe Andre Doria embarcado em huma galè acompanhando a Armada, p. 45. Com dous esquadroens triunfa no campo da Goleta de hum grande numero de Mouros , p. 51. Por sua diligencia rompe o galeão em que estava embarcado a cadeya que impedia o curso das galès no sitio da Goleta , p. 53. Entra triunfante com o Emperador nesta Praça , p. 56. Aconselha ao Emperador a conquista de Tunes , p. 57. Intenta casallo Carlos V. com Christierna sua Sobrinha , e não se effeutua , p. 62. Não aceita que Car-

Aa ii

los

los V.º arme Cavalleiro , p. 62. 63. Em-
 barca-se para Portugal na Armada , e obri-
 gado de huma tormenta arriba a Sardenha,
 p. 64. Experimenta segunda tempestade,
 que o obriga a aportar a Palamòs, pag. 65.
 Chega a Portugal onde he geralmente con-
 gratulado , pag. 65. 66. He consultado por
 ElRey sobre quem havia ser Vice-Rey da
 India , e inculcando D. Joaõ de Castro , se
 conforma ElRey com o seu parecer , p. 68.
 69. Escreve duas cartas a D. Joaõ de Cas-
 tro , p. 70. Escreve huma a D. Affonso de
 Portugal Conde do Vimioso mostrando nel-
 la a grande estimaçaõ que fazia deste Fi-
 dalgo , pag. 88. 89. Visita as terras da sua
 jurisdicçaõ , p. 91. Intenta ir duas vezes a
 Espanha em serviço da Patria , e da Reli-
 giaõ , ibi. Resistio a que seu Irmaõ não con-
 servasse os lugares de Africa , p. 93. Ap-
 plaude com grande magnificencia os despo-
 sorios de sua Sobrinha a Infanta D. Maria
 com

com Filippe Principe de Castella dançando com a mesma Infanta, e outras Damas, p. 94.95. Respeitava com summa veneração a seu Sobrinho o Principe D. João, e a sua Cunhada a Rainha D. Catharina, pag. 96. Foy padrinho do baptismo de El Rey D. Sebastião, p. 97. He proposto para casar com a Princeza Maria herdeira de Inglaterra, e se não effectua, ibi. Acompanha a Princeza D. Joanna até Arrayolos, 103. Virtudes que exercitou, pag. 103. 104. e 105. Teve grande comunicação com São Francisco Xavier, e S. Francisco de Borja, ibi. Intenta entrar na Companhia de Jesus, e o dissuadem desta resolução Santo Ignacio, e São Francisco de Borja, pag. 106. Votou os tres votos de religião, e da piiissima profissão que nos deixou escrito, pag. 107. 108. Humildade que exercitava, p. 124. Consulta a Simão Gomes em huma materia espiritual, e o que elle lhe respondeo, p. 125.

Affectos

Affectos, que teve à Companhia de Jesus, p. 126. 127. Foy amantissimo dos Religiosos Arrabidos a quem fundou hum Convento, p. 128. Exercicios espirituaes, que neste Convento fazia, p. 129. Caso celebre que lhe succedeo na portaria deste Convento cõ hum pescador, p. 130. Eleger o sitio para o Convento de Santa Catharina de Ribamar, p. 132. Intenta vestir o habito dos Arrabidos, p. 133. Enferma de humas terçãas em Salvaterra, p. 135. Morre com summa piedade, ibi. He sepultado no Convento de Bellem, p. 139. Epitafio da sua sepultura, ibi. Disposiçoens do seu Testamento, p. 137. 138. e 139. Obras que compoz, p. 141. Elogio das suas acçoens, pag. 140. atè 151. Teve hum filho natural chamado D. Antonio, p. ibi.

D. Luiza Osorio.

Dama da Archiduezza D. Isabel Clara, foy segunda mulher de D. Manoel de Portugal

tugal filho do Senhor D. Antonio de quem não teve descendencia , p. 159.

M.

ElRey D. Manoel,

Foy *Poy do Infante D. Luiz , p. 3. Em que dia, e anno morreo, pag. 5. Armou Cavalleiro a João Tarnovio Fronteiro môr dos confins entre Polonia, e Tartaria com dous Gentishomens Polacos, onde, e em que anno , p. 20. Fundou o Convento de Bellẽ, p. 136.*

D. Manoel de Portugal

Filho do Senhor D. Antonio foy casado duas vezes, e quem foraõ as espozas , p. 159.

A Rainha D. Maria.

Filha dos Reys Catholicos foy Mãy do Infante D. Luiz, p. 3.

In-

Infanta D. Maria

Filha de El Rey D. João o Terceiro he propoſta para casar com ſeu Tio o Infante Dom Luiz, p. 94. Ajuſta-ſe o ſeu caſamento com o Principe de Caſtella D. Filippe, e das feſtas com que foy celebrado, pag. 95. Dançou neſta função com o Infante Dom Luiz, ibi.

Princeza D. Maria

Herdeira do Reyno de Inglaterra he procurada para Eſpoſa do Infante D. Luiz, p. 97. 98.

Marquez del Baſto

Chega a Calhari com hum grande numero de nãos, e galès para augmentar a Armada do Emperador, p. 46.

Moura

Foy Senhor deſta Villa o Infante D. Luiz, p. 150.

Muley Hazen

Supplica a Carlos V. que o ſoccorra contra as insolentes

insolencias de Barba Roxa , p. 30. He restituído ao Senhorio de Tunes , e do tributo, que ficou pagando aos Reys de Castella , p. 59.

P.

Paulo III.

Confirma a fundação do Mosteiro das Maltezas de Estremoz fundado pelo Infante D. Luiz, p. 28.

Pedro de Alcaçova Carneiro
Secretario de Estado assiste por ordem de El-Rey D. João o Terceiro à doença , e morte do Infante Dom Luiz , p. 135. Offerece o Convento da casa Nova aos Religiosos Arrabidos, p. 134.

Pedro Nunes

Foy Mestre de Mathematica do Infante D. Luiz , p. 4.

Peniche

Foy tomada pelo Senhor D. Antonio, p. 157.

Bb

Pescador

Pescador,

Que lhe succedeo com o Infante D. Luiz à portaria do Convento de Jericò, p. 130.

Porto Mahon

He invadido por Barba Roxa donde se retira deſtroçado, p. 65.

R.

Ruy Telles de Menezes

S *Exhor de Unhaõ foy Governador da casa do Infante D. Luiz, p. 3.*

S.

Salvaterra

F *Oy Senhor desta Villa o Infante Dom Luiz, p. 150.*

ElRey D. Sebastiaõ

Nasceo posthumo, 97. Foy seu padrinho do baptismo o Infante D. Luiz, ibi.

Simaõ

Simaõ Gomes

*He consultado pelo Infante D. Luiz sobre
huma materia espiritual, e o que lhe respon-
deo, p. 125.*

T.

Tangere.

Foy governada pelo Senhor D. Antonio,
p. 153.

Testamento

*O que nelle dispoz o Infante D. Luiz, pag.
137. 138. e 139.*

D. Theodosio

*Duque de Bragança segue ao Infante Dom
Luiz quando partio para a empresa de Tu-
nes, p. 36. 37. Retira-se desta jornada por
ordem de El Rey D. Joaõ o Terceiro, p. 41.*

D. Theotonio

*Irmaõ do Duque de Bragança estudou em
Coimbra com o Senhor D. Antonio, p. 151.*

Tunes

Tunes

A sua conquista foy aconselhada ao Emperador pelo Infante D. Luiz, p. 57. He conquistada com morte de doze mil Mouros, p. 59.

Turcos

Morrem dous mil no assalto da Goleta, pag. 56.

V.

Violante Gomes

F *Oy Mãy do Senhor Dom Antonio, pag. 151.*

F I M.



